

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, GÊNERO E INTERAÇÃO SOCIAL

**SABER SOBRE SUA ORIGEM: REAÇÕES E MUDANÇAS OCORRIDAS NA
VIDA DO FILHO ADOTIVO**

MARCIANA DA SILVA SOUZA

RECIFE/2014

MARCIANA DA SILVA SOUZA

**SABER SOBRE SUA ORIGEM: REAÇÕES E MUDANÇAS OCORRIDAS NA
VIDA DO FILHO ADOTIVO**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Maria Souza Brito
Dias

RECIFE/2014

S729s

Souza, Marciana da Silva

Saber sobre sua origem : reações e mudanças ocorridas na vida do filho adotivo / Marciana da Silva Souza ; orientador Cristina Maria Souza Brito Dias, 2014.

117 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Psicologia Clínica, 2014.

1. Psicologia clínica. 2. Pais adotivos - Aspectos psicológicos. 3. Adoção. 4. Crianças adotadas - Aspectos psicológicos. 5. Família. 6. Crianças adotadas - Aspectos sociais. I. Título.

CDU 159.964.2

MARCIANA DA SILVA SOUZA

**SABER SOBRE SUA ORIGEM: REAÇÕES E MUDANÇAS OCORRIDAS NA
VIDA DO FILHO ADOTIVO**

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Edilene Freire de Queiroz

Universidade Católica de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Universidade Católica de Pernambuco

RECIFE/2014

EPÍGRAFE

“Só quem pode crescer rodeado de realidades não ocultadas, e verdades que não ferem nem amedrontam, poderá ir construindo sua própria biografia, ser seu historiador. Dessa forma, sua estrutura ética será o sustentáculo de sua saúde mental.”(VIDELA, 2001, p.179).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos filhos adotivos que com tanto carinho e atenção se dispuseram a compartilhar comigo uma parte de suas histórias de vida.

“Ai eu soube que antes de eu ir para essa casa, eu tinha passado por três famílias antes, “Vocês vão querer?” “Vocês querem adotar essa criança?” “Vai querer?” “Não!” “Não!” “Não!” “Não!” Ai cá nessa, ai pronto, eu vim entender essas coisas todas, e pensei, “Não essas minhas atitudes são por causa disso!” Eu comecei a entender melhor o meu mundo e melhorar também o mundo daqueles outros que estavam em volta de mim, porque agora eu podia entender, o porque que eu rejeitava as pessoas...Hoje eu tiro de letra, eu tenho consciência de que eu não estou aqui por acaso e que não estou só para preencher espaço, mas eu tenho consciência de que hoje independente de onde eu nasci, de onde eu estou, se é biológico ou se é adotivo, o importante é que eu estou ali para fazer uma grande diferença naquele lugar”.

(Samuel, 46 anos)

“Só dizer aos jovens que vivam o momento, foi adotado, viva, ame seus pais mesmo aqueles que estão ali. Que se é uma família que quer adotar você, ela quer dar o seu amor, o seu carinho, quer dividir com você, é muito bom. Você pega dá um lar, isso é muito bom, formar uma família, no desejo deles, ame mesmo sua família! A família é quase tudo, ame seus pais! Mesmo adotivos.

(Suzana, 62 anos)

“Adotaria, eu considero que eu tenho uma dívida com a sociedade. Eu adotaria e revelaria, não tinha problema nenhum, revelaria, chegava, sentava com ele... Agora eu adotaria, sim!...É, eu tenho uma dívida, porque eu fui adotado! Eu considero que eu tenho uma dívida! Não sei se eu vou pagar um dia, mas que eu considero que eu tenho uma dívida, eu tenho...Mas eu faria tudo que fizeram por mim, se eu pudesse mas...”

(João Marcos, 46 anos)

“Então muda muito o conhecimento da condição de adotiva, não tem como não mudar não. Não dá para você saber de uma revelação desse porte e achar que nada mudou não, muda, acho que muda, muda muita coisa, aquela coisa mesmo da crise de identidade, “Quem sou eu?” “De onde eu vim?” “Porque comigo?” Mas aí vai de como você vai conduzindo isso aí, nas coisas que vão acontecendo no seu dia a dia e que vão fazendo você realmente superar...”

(Ana Viviane, 47 anos)

“...E assim, eu busco trazer mais as coisas boas, eu preferi isso na minha vida, eu tinha duas alternativas: passar a vida arrastando correntes pelo que eu não tive ou dar a

volta por cima e valorizar tudo de bom que eu tive. Eu acho que é por isso que eu sou assim hoje, sabe?! Eu tenho tanta força, tanta coragem.”

(Júlia, 35 anos)

“...Eu acho que se deve contar, porque a pessoa tem que saber a verdade, não deve estar escondendo porque mais cedo ou mais tarde ele vai saber. Até se ele chegar em algum lugar pra fazer um exame de sangue ou de DNA ou qualquer coisa ele vai saber, “ Porque você é meu pai, minha mãe e não me contou a verdade?” Então ele vai saber! Porque hoje é tudo diferente, hoje todo mundo tem que saber da coisa, eu acho que tem que contar.”

(Ítalo, 49anos)

“Acho que foi melhor eles terem contado, assim, às vezes eu acho que eu pareço com a minha mãe, eu acho que pela convivência também, mas foi melhor ter contado, se não tivesse contado eu não sei o que teria acontecido, mas foi melhor.”

(Jane, 19anos)

“...Eu sei que é meio complicado para algumas pessoas isso de você ser adotado, mas eu sou muito feliz e, como eu já disse, se eu pudesse viver tudo de novo, eu iria querer ser adotada novamente, recém nascida, e escolheria essa família, porque é uma família muito estruturada, todo mundo se dá bem. Tem confusão, tem aquilo, mas é normal, toda família tem e a gente se ama muito. Então é isso, eu sou muito feliz, eu tenho muito orgulho de ser filha deles, eu tenho orgulho de ter sido adotada, por ter sido adotada logo. É isso!

(Beatriz, 18 anos)

"Uma criança é como o cristal e como a cera. Qualquer choque, por mais brando, a abala e comove, e a faz vibrar de molécula em molécula, de átomo em átomo; e qualquer impressão, boa ou má, nela se grava de modo profundo e indelével." (Olavo Bilac)

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por me proporcionar a oportunidade de chegar até aqui, por me mostrar que seus sonhos são maiores que os meus, me fazendo desbravar novos e fascinantes caminhos.

Aos participantes da pesquisa, principais atores desta pesquisa, que foram fonte de inspiração, dedicação, estudo. Sem vocês o trabalho jamais teria conteúdos tão lindos e ricos. Agradeço a cada um em particular pela confiança, disponibilidade e carinho ao dedicar parte de seu tempo a dividir comigo sua história, suas alegrias, tristezas, angústias, frustrações, conquistas e sonhos. Através de vocês adquiri conhecimentos jamais escritos em livro algum. Vocês foram responsáveis por me fazer crescer ainda mais enquanto profissional e também como ser humano.

A meu pai que tanto investiu, me proporcionando os estudos de melhor qualidade possível dentro de suas condições. Por acreditar em mim e alimentar mais essa etapa com tamanha dedicação física e psíquica, me dando também cobertura espiritual. Suas palavras sempre foram proféticas, me ajudando a chegar até aqui.

A meu irmão, por acreditar em minha capacidade de desenvolver (tirei com excelência) esta pesquisa, me apoiando sempre e aliviando com palavras acolhedora e incentivo sempre. Suas palavras foram bálsamo em muitos momentos.

À minha tia pela torcida, força e incentivo em todo tempo. Pelo esforço em contribuir com a pesquisa de maneira tão importante.

À minha prima Sinara pela disponibilidade sempre, me apresentando a pessoas essenciais no desenvolvimento desse trabalho. Pelas palavras incentivadoras, elas foram e continuam sendo importantes.

A meu tio Marcelo pela disponibilidade durante essa trajetória.

À minha orientadora Cristina Brito, pois não foi apenas uma orientadora, foi bem mais que isso. Posso afirmar com toda certeza que cresci muito ao seu lado. Agradeço pela disposição em me adotar e ser adotada durante essa trajetória. Você foi acolhedora desde os primeiros instantes em que lhe conheci em que havia lhe procurado apenas em busca de maiores informações, suas palavras desde aquele instante foram determinantes para que eu chegasse até aqui: “Você tem toda capacidade de passar na seleção”. Descobri ao longo da jornada uma amiga, uma pessoa ética, exemplar, determinada e dedicada em tudo que se dispõe a fazer. Agradeço por acreditar em meu potencial. Agradeço também pelas suas valiosas e sábias críticas e elogios nas horas oportunas e pela sensibilidade e compreensão diante das minhas dificuldades vivenciadas durante o percurso.

A Edilene Queiroz e Isabel Pedrosa, que compuseram a banca examinadora, tenho certeza que fiz a escolha certa quando escolhi cada uma particularmente. Cada uma com suas ricas, particulares e importantes contribuições enriqueceram muito o meu trabalho e fizeram dos momentos das bancas únicos.

Aos professores do programa, vocês contribuíram na formação do meu novo ser, na edificação de novos, únicos e ricos conhecimentos.

Ao meu analista, Genildo Cordeiro, em acolher minhas angústias e fazer os “furos” necessários quando eu não estava consciente de algumas situações. Os questionamentos me ajudaram a visualizar novas possibilidades e a encontrar o caminho do meu próprio desejo em muitos momentos.

À minha amiga Cleide, que é muito mais que uma amiga. Obrigado por tamanho carinho, incentivo, disponibilidade e confiança. Você é símbolo de amor.

À minha amiga Mayra Daiane, você é a irmã que eu escolhi por adoção! Sempre me dando forças, estimulando o meu potencial e investindo nessa relação de amizade verdadeira.

A Janaína Menezes, obrigado pelas indicações e incentivo sempre nesse processo. Já é uma satisfação e alegria ter você como minha primeira orientanda.

A Felipe Braz que chegou em minha vida no finalzinho da construção deste trabalho, mas que teve uma importância significativa na conclusão de todo o processo. Agradeço acima de tudo sua amizade, que por intermédio do respeito nos faz travar diálogos construtivos no que terce o caminho a uma vida regada também pela realização profissional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Capítulo 1. “NOVAS” CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: ADOÇÃO COMO UMA REALIDADE.....	13
1.1 Família: é possível conceituá-la?.....	13
1.2 Família adotiva: conceito e características.....	17
1.2.1. Características e tipos de adoção.....	19
1.2.2 Motivações para a adoção e o exercício da maternidade e paternidade adotiva...21.	
Capítulo 2. O NÃO DITO, O SEGREDO E A REVELAÇÃO DA CONDIÇÃO ADOTIVA.....	24
2.1 A revelação da condição adotiva	28
Capítulo 3. MÉTODO	36
Capítulo 4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	39
4.1. JANE.....	39
4.2. SAMUEL.....	41
4.3. BEATRIZ.....	49
4.4. ANA VIVIANE.....	51
4.5. ÍTALO.....	63
4.6. SUZANA.....	65
4.7. JÚLIA.....	73
4.8. JOÃO MARCOS.....	76
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	80
5.1. O conhecimento da adoção.....	80
5.2. Posição do(a) entrevistado(a) acerca da revelação.....	83
5.3. Relação com os pais adotivos e a família após o conhecimento da origem.....	85
5.4. Percepção de mudanças ocorridas em si mesmo.....	87

5.5.Como se posiciona frente aos preconceitos porventura sofridos.....	89
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXOS	103
APÊNDICES	109

RESUMO

O tema adoção está em debate, atualmente, tanto na mídia (reportagens, depoimentos, novelas, filmes), na academia (monografias, dissertações, teses, livros, eventos científicos), como na sociedade (promulgação de leis, formação de grupos de apoio e uma associação nacional desses grupos). Esforços têm sido feitos para difundir uma nova cultura da adoção em que se priorizem as necessidades e os direitos da criança. Entre estes se encontra o de saber sobre sua origem. A adoção tem como um dos fundamentos a ideia de que a integração de uma criança a uma nova família abre-lhe possibilidades para a reconstrução de sua identidade, a partir do conhecimento de sua origem, favorecendo, conseqüentemente, uma interação familiar mais satisfatória. Sua colocação em um novo lar pressupõe o estabelecimento de inéditas redes de relações, as quais irão necessitar de diversos componentes emocionais a serem dispensados à criança, como: amor, carinho, atenção, comprometimento e respeito diante de sua história pregressa. A presente pesquisa tem como objetivo geral identificar, na perspectiva de filhos adotivos adultos, as reações e as mudanças ocorridas na sua vida após o conhecimento de sua origem. Especificamente almeja-se compreender: como se deu esse conhecimento; sua importância na organização da identidade do(a) filho(a) adotivo(a); como esses filhos passaram a perceber seus pais adotivos bem como a si mesmos; como se posicionam frente a mitos, medos, crenças e preconceitos que permeiam o imaginário social. Para alcançar os objetivos propostos optou-se pela metodologia qualitativa. Foram entrevistados oito adultos, de ambos os sexos, que tinham conhecimento de sua origem, e os dados obtidos foram analisados com base na técnica da análise de conteúdo temática. Os resultados indicam que: 1) embora tenha variado a idade em que tomaram conhecimento de sua origem, os participantes consideraram fundamental esse conhecimento e propõem que toda criança adotada tenha esse direito; 2) as motivações para a entrega da criança variaram, predominando as dificuldades financeiras; 3) existem diferenças nas reações entre aqueles que souberam de sua condição desde cedo e os que souberam na adolescência ou vida adulta; 4) apesar das perdas sofridas, a maioria se mostrou satisfeita com a família adotiva, demonstrando sentimentos de afeto, gratidão e reconhecimento de sua importância para sua sobrevivência e formação da sua personalidade; 5) todos se posicionaram contra os preconceitos e mitos que perpassam a condição de filho(a) adotivo(a). Espera-se contribuir para dar visibilidade à causa, buscando estimular uma maior conscientização por parte da sociedade para a superação dos mitos e preconceitos que ainda rondam a adoção.

Palavras-chave: Adoção, conhecimento da origem, filho adotivo, família

ABSTRACT

The adoption issue is being debated currently in the media (articles, interviews, novels, movies), colleges (monographs, dissertations, theses, books, scientific events), and society (enactment of laws, formation of support groups and also a national association of these groups). Efforts have been made to spread a new culture of adoption, which prioritizes children's rights and needs. Among these, first of all, the right to know about their origin. Adoption has, as the most important of its principles, child's integration in new families, which gives them the possibility of a new identity reconstruction, once they have the knowledge about their origin, consequently supporting a new pleasant family interaction. Their adaptation in a new place, purpose the establishment of new family bands, which is going to need different and new emotional components: love, affection, attention, commitment and above all of it, respect to their progress history. This research has a general objective: to understand and identify, on adopted adults' perspective, if there were changes, and what those changes were, what happened in their lives after that they had knowledge about their origin. Specifically the intention is: to understand how this knowledge was taken, and the importance it has in the adoptees identity organization; to comprehend how adoptees started to perceive their new parents and themselves; what their position when it comes to myths, fears, beliefs and prejudices is, permeating the social imaginary. To achieve the proposed objective, we opted for a qualitative methodology. Eight adults were interviewed, both genders, those who had knowledge about their origin, and the context was analyzed based on the thematic technique of analysis content. Results indicate that: 1) although varied the age that they became aware of their origin, the participants consider essential that knowledge and propose that every adopted child has this right; 2) motivations for child adopting vary, prevailing financial difficulties; 3) there are different reactions between those who early knew their condition and those who got this piece of information when they were teenagers; 4) despite losses, the majority was satisfied with their adoptive family, indicating affection feelings, gratitude and recognition of their importance for survival and formation of their personality; 5) they were against prejudice and myths that pervade the condition of adoptive person; It's expected to contribute, aiming to highlight the issue, seeking to stimulate a greater awareness on the part of society to overcome the myths and prejudices that still roam the adoption.

Keywords: Adoption, origin knowledge, adoptive child and Family.

INTRODUÇÃO

Grandes avanços emergiram no cenário jurídico, social e psicológico da adoção, contudo tal tema ainda é cercado por medos, fantasias, mitos e preconceitos. Apesar da adoção se apresentar como uma forma de filiação praticada no decorrer da História, ainda é referida como problemática, não apenas pela sociedade como pela mídia, literatura e mesmo por estudiosos da área da psicologia. Seria, porventura, reflexo de uma cultura que ainda valoriza mais os “laços de sangue” do que “vínculos afetivos”?

No imaginário social é prevalente a concepção de que a adoção é uma maneira fora do comum de se ter um filho. Schettini Filho (2006) afirma que, para muitas pessoas, a adoção é interpretada como um descompasso da natureza, a qual teria negado a alguns a capacidade de gerar seus próprios filhos. Este pensamento, de modo geral, acarreta sentimentos de inadequação, inferioridade, impotência e incapacidade, enfim, um sentimento de diferença naqueles que não podem gerar seus filhos, em relação às demais pessoas, o que termina por conduzir à ideia de deficiência.

Weber (2003) refere que pesquisas bibliográficas e de campo apontam o preconceito da sociedade frente à criança adotiva, incluindo o dos próprios pais adotivos, decorrente de seus medos e angústias. Isso acaba por dificultar o conhecimento da origem por parte da criança.

Queiroz (2004) fez pesquisas para compreender quais as fantasias que permeavam o imaginário dos pais antes de adotar. Os resultados obtidos pela autora corroboraram os da literatura existente, ou seja, a adoção se reveste de mitos e preconceitos e há uma expectativa ansiosa quanto ao reconhecimento social e familiar concernente aos lugares de pai e mãe. As preocupações de muitos pais se centralizam no momento de falar da origem do filho. Muitas vezes elas geram atitudes ambíguas: revelar, dizendo a verdade sobre a adoção do filho e, em contrapartida, ocultar a informação sobre os genitores. Assim, a verdade se torna parcial, no sentido de que mantém em segredo a origem e as razões do abandono.

Bleichmar e Bleichmar (1992) ressaltam que quando acontece a revelação da origem, o passado é ascendido, o segredo sofre ventilação. O trauma não simbolizado é ligado e integrado à realidade psíquica. Dessa forma, há uma reestruturação da história de pais e filhos, permitindo a inclusão do que foi desterrado. O conhecimento de sua origem é importante para alicerçar a identidade desse filho. Sobre tal assunto, Schettini (2007) relata que há uma visão compartilhada entre estudiosos e profissionais que lidam

com a temática da adoção sobre a imprescindível necessidade do acesso, pela criança, à sua história pregressa, uma vez que esta faz parte de sua identidade, portanto, não deve ser anulada e sim integrada e aceita.

Corroborando tal pensamento, Dolto e Hamad (2006) asseguram que a revelação possibilita a simbolização do sofrimento com reordenamento da história. Assim, a identidade fica assegurada por meio dos dados da origem, e a condição de sujeito desejante fica localizada. Os autores sinalizam para a necessidade da revelação de todos os dados da realidade da criança, o que favorece um respaldo psíquico para que ela possa adotar o(s) novo(s) pai(s), uma vez que sabe que existem pais arcaicos integrando irreversivelmente seu corpo e psiquismo.

É importante destacar que a literatura em geral, ao se deter na revelação, fala sobre como revelar, o momento mais adequado e sobre as reações de pais e filhos, mas não se detém nas mudanças ocorridas a partir desse momento. Isso mobilizou o interesse em investigar, com os próprios filhos adotivos, se houve e quais as mudanças ocorridas em sua vida, desde a revelação.

Face ao exposto, a presente pesquisa tem como objetivo geral identificar, na perspectiva de filhos adotivos adultos, suas reações frente à revelação da origem, bem como se houve e quais foram as mudanças ocorridas na sua vida desde que tiveram esse conhecimento. Especificamente almeja-se compreender: como se deu esse conhecimento; sua importância na organização da identidade do(a) filho(a) adotivo(a); como esses filhos passaram a perceber seus pais adotivos bem como a si mesmos, e a se posicionar frente a mitos, medos, crenças e preconceitos que permeiam a temática da adoção.

Para atingir tais objetivos, a dissertação ficou composta de cinco capítulos: no primeiro, explana-se sobre a instituição familiar e as mudanças que ela tem atravessado, que acarretaram o incremento de novas configurações, detendo-se na família constituída por adoção; no segundo, aborda-se a questão do não dito, do segredo e a revelação da origem da criança; o terceiro consta do método utilizado; o quarto apresenta os resultados obtidos através das entrevistas; no quinto, faz-se a análise do que foi encontrado à luz dos teóricos consultados e, finalmente, no sexto capítulo tecem-se considerações sobre o trabalho realizado.

Assim, esta pesquisa pretende somar esforços para aumentar a visibilidade da temática adoção e contribuir para a quebra de mitos e preconceitos, que venham favorecer a revelação (aqui tomada como o conhecimento da história pregressa por parte

do filho adotivo), que é um dos temas mais caros da denominada nova cultura da adoção. Espera-se também que ela possa colaborar com a literatura cada vez crescente sobre a adoção e instrumentalizar os profissionais que atendem essas famílias, seja em nível das Varas de Infância, Grupos de Apoio a Adoção, Clínicas e consultórios particulares.

1. “NOVAS” CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: ADOÇÃO COMO UMA REALIDADE

1.1 Família: é possível conceituá-la?

O número de mães solteiras, divórcios, famílias chefiadas por mulheres, bem como a redução da quantidade de filhos e as mudanças nos papéis de gênero e parentais, dentre outros, aparecem como alguns dos aspectos instauradores de modificações no modelo tradicional de família (composta de pai, mãe e filhos biológicos) acarretando novas e diferentes configurações. Por configurações familiares entende-se o modo como se dispõem e se inter-relacionam os elementos de uma mesma família (OSÓRIO, 2011).

Sobre elas, Hintz (2001), refere que a instituição familiar tem passado por diversas transformações que trouxeram, como consequência, as mudanças ocorridas em seu contexto sócio-cultural. A família, por ser um sistema aberto (aquele que troca energia e informações com o meio) se mostra apta a absorver as mais diferentes formas de influências, incluindo as sociais, culturais, psicológicas e biológicas, em diferentes épocas e lugares.

A literatura sobre família tem crescido de forma acelerada, por intermédio de pesquisas que constataam a diminuição desse modelo tradicional e o incremento de outras configurações. Losacco, (2007) afirma serem elas novas formas de ver e ser família. O autor destaca que essas novas configurações se fundamentam mais no afeto e nas relações de cuidado do que em laços de parentesco ou consanguinidade. Diante desse contexto, se torna um desafio encontrar um conceito de família que contemple todos os aspectos que a compõem atualmente. Autores já se arriscaram a contribuir com uma definição, no entanto, essa instituição não tem um conceito único. Falar sobre ela implica falar das suas várias descrições, que acompanham as modificações ocorridas ao longo do tempo.

Pichon-Rivière (1981) tentou conceituar família, colocando que ela proporciona o marco adequado para a definição e a conservação das diferenças humanas, dando forma objetiva aos papéis distintos, mas mutuamente vinculados, do pai, da mãe e dos filhos, que constituem os papéis básicos em todas as culturas.

Segundo Engels, (1985, p.60) o termo família vem do latim *famulus*, que significa “escravo doméstico e família é o conjunto dos escravos pertencentes a um mesmo homem”. De acordo com esse autor, a expressão foi criada pelos romanos com a

finalidade de denominar uma nova forma social que tinha como característica principal o poder do chefe sobre a mulher, os filhos e os escravos e ainda detinha o poder de vida e morte sobre eles.

Bucher (1999), afirma que a família não é um fato natural. Antes se trata de uma conquista cultural, uma vez que ela apresenta uma dimensão histórica de construção ao longo dos séculos e que, por consequência, atravessa mudanças. Para Freitas (2002, p.8) a família como instituição socializadora de seus membros é o espaço de proteção e cuidado onde as pessoas estão ligadas pelo afeto ou por laços de parentesco, “independente da configuração familiar em que se organize”.

Já Grisard Filho (2003) considera a família um sistema vivo e, como tal, apresenta um contínuo processo de transformação, que através de etapas, vive constantes mudanças e adaptações. Estas, por sua vez, geram crises advindas do percurso e, após essas crises, comumente as regras do sistema mudam. No entanto, tais transformações não engendram o caos, uma vez que é própria da morfologia do sistema familiar a habilidade de transformar-se no tempo.

Kaloustian (2005), por sua vez, conceitua a família como sendo o espaço onde é assegurada a proteção integral da sobrevivência, pouco importando a configuração familiar em que se fundamenta. Para Delgado (2010), família é o espaço por excelência do desenvolvimento da pessoa, da sua socialização e inserção nos diversos modos de agir, perante si mesmo e os outros. Para o autor, ela constitui a estrutura mais preparada para sustentar e alimentar o funcionamento afetivo do sujeito humano, ao longo de toda sua história de vida, nos diversos domínios de atividades: intelectual, social, emocional e psicológico.

A família é a mais antiga de todas as instituições humanas. Suas configurações são flexíveis, contêm subsistemas e, através das relações que estabelece, é plurifacetada e, muitas vezes, contraditória, estando em constante reconfiguração, fator este que, de certa forma, a protege frente à inadaptação social.

Assim, ao se discutir família não se deve pensar apenas no modelo nuclear patriarcal, pois ela vem sofrendo transformações e construindo novas relações que partem das modificações vivenciadas pela própria sociedade. De acordo com Szymansky (2002), as mudanças que ocorrem no mundo acabam por influenciar e afetar a família de uma forma geral e de uma forma particular, a partir da formação de pertencimento social e da história de cada um desses segmentos.

Osório (1996) e Hintz (2001) afirmam que a família assume várias estruturas, tais como: a *família nuclear* (formada pelo tripé pai, provedor e chefe do grupo, mãe e prole coadjuvantes), a *extensa* (constituída por membros com laços de parentesco em geral), a *abrangente* (que envolve até mesmo os membros que não são parentes, mas que levam uma vida em comum), a *monoparental* (constituída por um dos genitores e seus filhos), a *recasada* (em que um ou ambos os parceiros trazem filhos de outros relacionamentos), a *homoafetiva* (formada por parceiros do mesmo sexo, com filhos de relacionamentos anteriores, adotados ou gerados através de tecnologia de procriação assistida), dentre outras. Para Carvalho (2005), independente de sua estrutura, “o vínculo afetivo é o elemento estrutural subjacente à variabilidade das formas familiares e de relações extrafamiliares” (p. 189).

Romanelli (2003) aponta que os modelos de organização da família são importantes para entender como ela administra o processo de socialização e transmissão de valores e normas, pois as maneiras de sociabilidade exercidas pelos componentes da família ocorrem de forma diferente, mas se completam.

A linha porque passam as metamorfoses familiares, em paralelo ao sistema evolutivo da sociedade humana, tem como apoio as relações de poder entre seus membros. Assim, para entender essa relação de poder nas famílias atuais, é necessário que se compreendam o caminho e as mudanças pelas quais a família passou. Hintz (2001) destaca alguns aspectos e momentos evolutivos da família. Ela afirma que na família hierárquica, o homem era quem mandava, conservando assim o poder em suas mãos. Ele tinha sob o seu domínio todos os membros da família, os quais dependiam financeiramente dele, que detinha todo o poder econômico. O poder da mulher estava restrito apenas ao espaço doméstico, estando sempre subordinada ao seu marido, como o dono da casa, a quem cabia a última palavra.

A sexualidade do casal era vivida de maneira desigual: o homem possuía regalias sexuais podendo ter várias experiências que inclusive eram estimuladas; a mulher por sua vez, tinha por obrigação permanecer fiel ao seu cônjuge. Há bem pouco tempo atrás, a mulher praticamente não possuía autonomia. Até o início do século XX era comum as mulheres serem analfabetas e foi apenas em 1962 que elas passaram a ter o direito de votar. Os valores da família eram, até então, baseados na representação profissional, econômica e moral do homem, que era o foco das atenções. Os contatos físicos como expressão de afeto eram cautelosos e reprimidos, resumindo-se a expressões formais e distantes. Os assuntos familiares de influência eram tratados pelos

pais, longe da presença dos filhos, tudo isso com a finalidade de resguardar o respeito dos filhos pelo poder de seus pais. De acordo com a legislação brasileira, foi apenas em 1943 que a mulher casada transpôs essa limitação, adquirindo o direito de trabalhar fora de casa sem precisar da permissão do esposo, uma vez que ele não tivesse condições de sustentar sua esposa e filhos. Foi, principalmente, nas décadas de 50 e 60, depois das duas guerras mundiais e da revolução industrial, que a família passou por fortes transformações (HINTZ, 2001).

Vaitsman (1994) afirma que, fazendo um exame da evolução da família, pode-se constatar que de uma instituição calcada na hierarquia, a família tende a se tornar mais igualitária, embora ambas coexistam. Assim, no lugar de se olhar o sujeito apenas voltado para a sua posição social, idade e gênero, passou-se a incentivar mais os direitos e o poder deste baseado em seus valores, singularidade e capacidade, transformando, aos poucos, o posicionamento dos membros da família da verticalidade para a horizontalidade. A partir da industrialização, o afeto ganha espaço que outrora não tinha e as uniões conjugais se pautam na liberdade de escolher os parceiros, tendo por base o amor. A realização pessoal começa a ser valorizada e a tomar espaço também na união conjugal. O movimento feminista contribuiu de maneira decisiva para que o exercício do poder na relação conjugal começasse a se tornar igualitário e para que os papéis típicos atribuídos ao homem e à mulher comesçassem a ganhar novos contornos.

Bucher (1999) e Vaitsman (1994) colocam que foi na década de 60, após o aparecimento da pílula anticoncepcional, que a mulher começou a administrar melhor a possibilidade de procriação, ampliando também o sentido do sexo, que agora não mais se restringe à perpetuação da espécie e passa a ser visto com mais naturalidade e como fonte de prazer. A fidelidade passa a ser um comprometimento por parte de ambos os cônjuges, não mais restrito à mulher. Tudo isso veio aliado à oportunidade concedida à mulher de entrar no mercado de trabalho e ganhar novos espaços fora do ambiente doméstico.

Segundo Sarti (2007), na década de 80 houve transformações na instituição familiar com as tecnologias de reprodução assistida, que também separam a relação sexual da gravidez. Um outro aspecto sinalizado pela autora refere-se aos testes de DNA, que vêm comprovar a paternidade e possibilitar à mãe reivindicar que o homem, ao menos, se responsabilize pelo sustento do filho. Para essa autora, isso se transformou em um recurso de proteção tanto para a mulher, como para a criança.

Hintz (2001) destaca que a família também sofreu transformações quanto ao número de membros: de uma família caracterizada como extensa, no início do século XX, onde conviviam pais, filhos, parentes por consanguinidade ou afinidade e empregados, passou a ser, na segunda metade do século, a denominada, família nuclear, em que convivem, prioritariamente, pais e filhos. Vários aspectos, dentre eles os emocionais e os culturais, também cooperaram para que ela passasse a se diferenciar melhor devido a um maior afastamento das famílias de origem.

Sobre isso, Bucher (1999) pontua que, apesar de a família ter diminuído a quantidade de membros, ela tem sido atravessada por dificuldades no exercício de afirmar o bem estar físico e psíquico de seus membros, especialmente devido à necessidade de os pais precisarem trabalhar para mantê-la. Dessa forma, tem havido a participação de outras instâncias como a escola, a televisão, as ruas e a internet, sendo que essa última tem contribuído para o estabelecimento de uma cultura mundial. Entre as tantas configurações que a família tem assumido ao longo do tempo, será enfatizada a família adotiva.

1.2. Família adotiva: definição e características

Souza (2008) destaca que a palavra “adoção” tem origem na palavra em latim *ad-optare*, que quer dizer, aceitar, escolher. A adoção possibilita a formação de uma família dando o direito de filho às crianças biologicamente gestadas por outros indivíduos. Outro conceito dado pela autora consiste em que adotar é amar uma criança, independente se ela é filha de sangue ou não. Assim, ela refere:

Adotar é acolher o outro com plena disponibilidade emocional e psicológica... Requer responsabilidade, redescobrir o significado da família, ampliar a visão do mundo para além da integração e do comprometimento com o outro. Não pode ser feita de forma impulsiva, por gratidão, piedade ou promessa, nem é um remédio para a pobreza. Não é uma estratégia para solucionar problemas pessoais ou conjugais; tampouco é um instrumento para realizar esperança ou alcançar metas pessoais, pois cada pessoa deve realizar-se por si mesma, e não através do outro. (SOUZA, 2008, p. 24,25).

A adoção é descrita por Schettini (2007) como uma temática universal, assegurando ser sua prática de uso tão antiga como é a história da humanidade. Suas representações são multiformes, aparecendo na mitologia, dramaturgia, religião,

literatura infantil e mídia. A autora refere que Freud conferiu destaque especial ao mito de Édipo, hermenêutica que serviu de base à compreensão da teoria da personalidade humana, fundamentando a Psicanálise, na qual Édipo é o mais famoso dos filhos adotivos.

Pereira (2009) pontua que a adoção é uma forma de oportunizar às crianças, que não foram criadas pelos pais que a geraram, uma família, assim como propiciar aos adotantes os filhos que não puderam ter. Corroborando tal pensamento, Schettini Filho (1999) ressalta que a adoção se inscreve num contexto de impossibilidades. Assim, uns adotam filhos por não poder gerá-los, outros, contudo, os geram, porém esbarram na impossibilidade de criá-los. O não poder de uns se impõe ao poder de outros. Acrescenta ainda que a parentalidade, cujo resultado advém da transformação do que é puramente biológico naquilo que é profundamente afetivo, se faz possível a partir da relação de amor com alteridade, estabelecida entre o conjunto de singularidades de pais e filhos.

Santos, Raspantini, Silva e Escrivão (2003) compreendem que a adoção tem como fundamento a ideia de que a integração de uma criança numa nova família abre-lhe possibilidades para a reconstrução de sua identidade a partir de inter-relacionamentos satisfatórios com a nova parentalidade. Sua colocação em novo lar pressupõe uma configuração de inéditas redes de relações, as quais irão necessitar de diversos componentes emocionais a serem dispensados à criança, como: amor, carinho, atenção, comprometimento e respeito à sua história.

Maldonado (1999) relata que todos deveriam ser filhos e pais adotivos. Ainda que gerando filhos biológicos, existe a necessidade de os pais adotarem a criança que nasce enquanto real, diferente, do filho sonhado e desejado; e os filhos, mesmos que biológicos, precisam adotar os pais reais, diferentes daqueles de seus desejos e sonhos. Dessa forma, o fato de ser pais adotivos ou biológicos não garante a competência para criar esses filhos, pois como bem afirma Freire (2001), o desejo de ter filhos não é garantia da existência da capacidade de bom desempenho nas funções parentais. Ainda, concernente a essa ideia, Schettini Filho (2006) afirma que o filho não resulta exclusivamente de um contexto biológico; mais que isso, é uma consequência ética e psicológica, uma vez que a filiação não se esgota na gestação biológica, mas se completa na aceitação afetiva, o que configura a adoção. Assim, o desejo ganha lugar importante e consolida o caminho do afeto nas relações interpessoais.

Corroborando o referido acima, Hamad afirma que:

Adotar é um ato que deve ser relacionado a uma maturidade, uma certa disponibilidade psíquica que permite ao casal abrir-se para acolher em seu seio uma criança que não viria mais reparar uma injustiça ou suprir uma falta, mas, antes, tem seu lugar no desejo de um casal. (HAMAD, 2004, p. 84).

1.2.1. Características e tipos de adoção

Neste subitem serão apresentados, resumidamente, alguns tipos de adoção que se apresentam de forma relevante para o entendimento do leitor e embasamento do trabalho.

Fu-I e Matarazzo (2001) distinguem a *adoção intrafamiliar (AIF)* e *extrafamiliar (AEF)*. A *adoção intrafamiliar (AIIF)* é aquela na qual a criança passa a ser cuidada por algum familiar de primeiro grau, de seus pais biológicos, por um tempo superior a doze meses, sendo a adoção realizada ou não, por intermédio dos trâmites legais da adoção, tutela ou guarda. Já a *adoção extrafamiliar (AEF)* é conceituada pelos autores como sendo aquela na qual a criança passa a ser cuidada por pessoas sem ligação ou pertencimento à mesma família consanguínea, por um período superior a doze meses, sendo a adoção realizada ou não, por intermédio dos trâmites legais ou não da adoção, tutela ou guarda.

Inicialmente, será caracterizada a *adoção precoce*, pois esta é o tipo de adoção predominante neste trabalho. De acordo com Souza e Casanova (2011) se trata da adoção de bebês. Geralmente os pretendentes à adoção precoce justificam sua escolha afirmando o desejo de poder acompanhar o crescimento e o desenvolvimento de seu filho, tendo a liberdade de educá-lo ao seu modo. Elas relatam que a acessibilidade a bebês é sempre mais complicada e essa adoção demora mais para se realizar.

As referidas autoras também pontuam outros tipos de adoção. Elas especificam a *adoção por casal* como sendo aquela que é concretizada a partir da vontade plena e concordância de um casal que esteja em condições de casados ou em união estável. Já a *adoção por solteiro ou monoparental* é conceituada como a adoção realizada por um homem ou uma mulher solteira. O caminho pelo qual precisam passar é igual ao caminho trilhado pelos demais pretendentes. Esse tipo de adoção ainda é envolvido e sofre preconceitos pela ausência da figura paterna ou materna, no entanto, pode apresentar uma maior disponibilidade na relação afetiva entre adotante e adotado, se comparado aos demais, pela ausência de um cônjuge. Geralmente os adotantes optam

pela adoção tardia, que caracteriza a adoção de crianças maiores de dois anos. A *adoção clandestina ou ilegal*, por sua vez, também é conhecida como informal, de rua, “à brasileira” ou irregular. É a adoção caracterizada pelo ato de se registrar o filho de outra pessoa, sem obedecer aos trâmites jurídicos, documentando em cartório como sendo filho biológico. A criança adotada clandestinamente pode ter sido encontrada na rua, em ambientes públicos ou ser doada pela própria mãe biológica. Muitas vezes existem pessoas que acabam sendo intermediárias da situação, com interesses financeiros ou não. Isso, na maioria das vezes, acontece por falta de paciência desses pais devido à demora dos procedimentos que acontecem por intermédio da justiça. Além da espera, esses pais geralmente sentem receio de não ser aprovados e, muitas vezes, querem apenas um bebê, rejeitando a possibilidade de adotar crianças maiores ou que apresentem alguma deficiência. A “adoção à brasileira”, como é mais conhecida, é uma ação criminosa e pode acarretar dolorosas consequências. Os pais de origem podem vir a se arrepender e querer tomar a criança de volta; pode acontecer de os pais biológicos chantagearem os pais adotivos; o registro em cartório pode ser anulado mediante denúncias, além do trauma que pode se desenvolver na criança e o sofrimento em todos.

Para caracterizar a *adoção tardia* Souza e Casanova (2011) discorrem destacando que se trata da adoção de crianças maiores de dois anos. Alguns pretendentes à adoção optam por esse tipo justificada por uma maior certeza na averiguação de sua estrutura física e de sua saúde. Também alegam não querer ter o trabalho de cuidar de um bebê ou enfrentar o momento de falar de sua origem. Corroborando com o referido pelas autoras acima, Levinzon (2004) refere que geralmente essa adoção acontece quando os pais de origem não podem prosseguir criando e educando esse filho, entregando-o e disponibilizando-o para adoção ou deixando-o em uma casa de acolhimento (antes denominada abrigo). Em alguns casos, acontece de a própria Justiça destituir o poder dos pais, julgando-os inapropriados para cuidar e educar a criança. Existem também aquelas crianças institucionalizadas que estão em casas de acolhimento desde cedo, pelos mais diferentes motivos.

Souza e Casanova (2011) destacam que, para a realização de uma adoção tardia bem sucedida é imprescindível uma preparação inicial por parte dos pais pretendentes, sinalizando as dificuldades que possam vir a existir. Essa preparação terá dentre os seus objetivos prevenir que tanto os pais adotivos, quanto os filhos, criem falsas idealizações em suas relações na família, rompendo assim com as possibilidades de novas e sucessivas rejeições.

Para fechar esse subitem a *adoção inter-racial* é conceituada por Souza (2008), como aquela caracterizada pela adoção de indivíduos de etnias ou descendência diferente. Tendo apresentado os tipos de adoção e caracterizado a família adotiva, passa-se agora a discorrer sobre o segredo e a revelação da condição de adotado.

1.2.2 Motivações para a adoção e o exercício da maternidade e paternidade adotiva

A parentalidade adotiva, cujos vínculos são engendrados pela lei e pelo afeto, traz diversas configurações motivacionais, as quais possuem expressões conscientes e/ou inconscientes. Na visão de Schettini Filho (2006) e Levinzon (2006), são variadas as razões que levam casais à adoção: a esterilidade de um ou ambos os pais; a morte anterior de um filho; o desejo de ter filhos quando já não é possível biologicamente; a ideia de que ‘há muitas crianças necessitadas’, fazendo o bem à sociedade; o contato com crianças que desperta o desejo de maternidade e paternidade; o parentesco com os pais biológicos os quais não possuem condições de cuidar da criança; homens e mulheres que anseiam por ser pais, porém não têm parceiro amoroso; o desejo de ter filhos sem a necessidade de passar pela gestação, por medo ou razões estéticas, entre outras.

Contudo, a esterilidade ou infertilidade ainda é uma das mais fortes motivações para a adoção e esta acaba surgindo como alternativa para superá-la. Na visão de Schettini Filho (2008), os sentimentos mais recorrentes nos que se deparam com a infertilidade são frustração, inferioridade, culpa e ainda dúvidas sobre a feminilidade ou masculinidade. O autor adverte que a infertilidade pode ser de cunho biológico, fisiológico, de ordem circunstancial ou psicológica, e esta pode interferir de forma negativa na concretização de projetos pessoais de vida. Assim, a impossibilidade de gerar filhos, para muitas pessoas, apresenta grandes probabilidades de ter como reflexo a falta de capacidade para organizar uma vida sólida, autêntica e interiormente vigorosa. Com tantas limitações, a infertilidade acaba estando presente em tudo, uma vez que se configura como “não proporcionar, não produzir, não criar”.

É necessário cautela e, ao mesmo tempo, clareza quanto às motivações referentes à adoção, para que esta não se transforme numa máscara ao que se acredita ser uma deficiência pessoal. A elaboração diante da perspectiva da infertilidade é fundamental, conquanto, como aponta Weber (2002, p.121) “[...] se a pessoa não a aceita corre um

sério risco de converter o desejo de um filho em direito: o direito a um filho biológico que teima e persiste em não chegar.”

Assim, é preciso a percepção realista do que é a adoção e qual o contexto de sua inserção na vida da família, pois:

[...] adotar uma criança não é somente a sequência lógica dos procedimentos médicos; é um ato que deve ser relacionado a uma certa maturidade, uma certa disponibilidade psíquica que permite ao casal abrir-se para acolher em seu seio uma criança que não viria mais reparar uma injustiça ou suprir uma falta, mas, antes, em seu lugar no desejo de um casal. (HAMAD, 2002, p.84).

Muitas vezes os indivíduos que enfrentam as dificuldades advindas da infertilidade biológica não atentam para sua fertilidade emocional e afetiva. No entanto, é a consciência da fertilidade emocional e afetiva que facilita a compreensão da dimensão do exercício da paternidade e maternidade. Nesse aspecto, Souza e Casanova (2011, p. 15) ressaltam que “adotar é ter filhos pelo desejo de ser mãe/pai e se realizar pela fertilidade emocional, afetiva e espiritual”. Hamad (2002, p.80) corrobora com a referida afirmação quando assegura que “(...) no fundo, deve ser o desejo da adoção pela adoção e não o desejo disfarçado de uma esterilidade”.

Como frustra a realização do desejo de uma situação a dois, a esterilidade deve ser encarada também dessa forma. O ideal seria que os futuros pais adotivos elaborassem os sentimentos de perda, luto e decepção, antes de uma ligação afetiva parental com crianças não biologicamente ligada a eles, evitando, conseqüentemente, que advenham sentimentos de raiva e fantasias inconscientes atuando de forma velada e projetando-os no filho adotivo. Isso compromete sua espontaneidade frente à vida e gera sentimento de culpa e impedimento de vivência e expressão de agressividade, rivalidade, competição inerentes à condição humana, a partir de relacionamentos interpessoais. (LEVINZON, 2009).

Todo ser humano contém uma história que antecede o seu nascimento. A médica e psicanalista francesa Françoise Dolto (1981, p. 84), considera que “um ser humano, desde sua vida pré-natal, já está marcado pela maneira como é esperado, pelo que representa em seguida, pela sua existência real diante das projeções inconscientes dos pais”. Essa reflexão é fundamental ao se pensar o exercício da paternidade e maternidade.

Segundo Weber (2001, p.35), a preparação para o nascimento de um filho, resumidamente, necessita da reflexão dos limites e possibilidades que vem de si mesmo,

dos outros e do mundo. Tal preparação necessita de continuidade, uma vez que as pessoas interagem dinamicamente, estando sujeitas a mudanças.

Atualmente, de acordo com Poian (2001), as noções de paternidade e maternidade se encontram em crise, ocasionando um mal-estar social, psíquico e biológico, provocado pela falta de contornos e de limites, o que ocasionaria a força da violência pulsional. Assim, novos sentidos têm surgido no cenário da maternidade e paternidade. Dessa forma, é importante estar atento e compreender as construções feitas pelos candidatos a pai e mãe adotivos.

Chistoffersen (apud WEBER, 1988, p. 147), abordando o exercício da paternidade e maternidade adotiva, afirma que:

[...] para que se possa exercer plenamente a paternidade/ maternidade, é necessário que se esteja amadurecido para tal exercício [...] indivíduos com dificuldades de gerar biologicamente os seus filhos poderiam evitar maiores danos psicológicos se a adoção se tornasse uma alternativa mais visível e natural no nosso meio social.

Por isso, torna-se tão necessário entender que a adoção vai muito mais além do que criar filhos, ou gerá-los biologicamente. Ela perpassa pela via do desejo e é necessário no exercício da paternidade e maternidade que estes pais manifestem esse desejo em exercer a função junto ao filho.

Reforçando a afirmação acima, Schettini Filho (2006) destaca que a prática, a convivência e, conseqüentemente, a expressão de emoções e sentimentos remetem à compreensão de que a filiação está mais profundamente ligada ao afeto do que ao genético. Ele afirma que, ser pai, mãe e filho, muito mais que uma resultante genética, é uma conjunção afetiva. Não existem receitas uma vez que a maternidade e a paternidade se configuram na prática, no exercício desenvolvido no dia a dia. Ainda é destacado pelo autor que “pais e filhos adotivos não diferem de pais e filhos biológicos naquilo que norteia o desenvolvimento e as ligações de afeto”. (SCHETTINI FILHO, 2006, p.114).

2. O NÃO DITO, O SEGREDO E A REVELAÇÃO DA CONDIÇÃO ADOTIVA

O que o adulto esconde não é necessariamente o que a criança teme.

(Nazir Hamad, 2002, pág 111)

Neste capítulo será abordado o tema da revelação da condição de adotivo, partindo da premissa de que o sujeito deve ter o conhecimento de sua condição e história pregressa. Todo ser humano tem uma história de vida inscrita desde o seu nascimento até a morte, e com o filho adotivo não é diferente. Assim, será falado também sobre as consequências da manutenção do segredo e as dificuldades dos pais adotivos para falar sobre essa condição aos seus filhos, frente aos mitos e fantasias que circundam a questão. Defende-se a ideia de que a revelação é crucial para o bom desenvolvimento da identidade do sujeito adotivo, permitindo-lhe elaborar e reelaborar sua história a partir de dados fornecidos pelos pais adotivos.

Embora teóricos como Dolto e Hamad (2006) e Schettini (2007), entre outros, defendam a ideia de que não se deve esconder de uma criança que ela é adotiva, é comum encontrar famílias que, por muito tempo, mantiveram isso em segredo apresentando-se confusas quanto aos aspectos relativos à revelação da história pregressa dos filhos.

De acordo com Weber e Pereira (2014), o processo de revelação da condição de adotivo e história pregressa é uma das maiores dificuldades com que os pais adotivos se defrontam, envolvendo três aspectos diferentes: quando contar, como conversar e o que se deve ser revelado. Revelar e conversar sobre a condição e origem do filho adotivo, se tornam aspectos de extrema repercussão e significado dentro do contexto da família adotiva. Dessa maneira, apesar da importância da revelação para a família adotiva além das dificuldades de contar sobre a origem do filho, os pais também apresentam dificuldades em permitir que o assunto da adoção continue a circular.

Piccini (1986) relata que são várias as razões que levam os pais adotivos a ter dificuldade para revelar ao filho que ele é adotivo: o receio de magoá-lo ao tocar em fatos dolorosos ou de que ele sofra preconceitos; a angústia de serem menos amados pelo filho; medo de que o filho se revolte após a revelação; a preocupação em incentivar, involuntariamente, no filho a busca pela família originária.

De acordo com Videla (2001), apesar de a criança iniciar uma nova vida em meio à família adotiva, já subsiste uma história anterior à adoção. As motivações do

desligamento com os pais biológicos são diferentes para cada sujeito, mas o direito ao acesso à sua biografia deve ser respeitado e revelado, de acordo com as necessidades apresentadas pelo filho. Corroborando tal pensamento, Alvarenga (1999) afirma que os pais adotivos têm consciência da importância da revelação da verdade, no entanto, manifestam sentimentos obscuros relacionados ao tema, apresentando temor de que a criança sofra ao entrar em contato com a sua história.

Ladvocat (2002) salienta que as famílias adotivas costumam imaginar que se forem revelados fatos da vida da criança anteriores à adoção, isto poderá prejudicar o seu desenvolvimento. Envolvidos por esse pensamento equivocado, os pais, muitas vezes, tentam privar os filhos de saber a verdade.

Mendes (2007) ressalta que pais, adotivos ou biológicos, fazem projetos nos quais idealizam seus filhos e os recebem com fantasias, que permeiam o seu imaginário. A criança real trará novos elementos desconexos com essas fantasias, o que poderá resultar em desencontros. Aos pais cabe um luto a ser elaborado quanto ao filho idealizado. Nos filhos adotivos esses desencontros podem ser incrementados pela história de quebra de vínculos, desafetos e abandonos já experimentados.

Como desafio para pais e filhos surge a necessidade de aprendizado para lidar com todas essas questões, principalmente o abandono. Tal tema, melindroso, pode evocar, em todos os envolvidos, um desejo de esquecer ou apagar a história pregressa do filho adotivo. Nessa perspectiva, cabe aos pais a busca por possibilidades de elaboração destas dores, para assim favorecer a inclusão da história de origem do filho, levando-o a integrá-la como importante aspecto de sua identidade.

De acordo com Videla (2001), alguns pais escondem segredos, não permitindo que perguntas sejam levantadas. Diante das perguntas referentes à origem de seus filhos, esses pais sentem-se ameaçados, rejeitados e avaliados. Como consequência, se questionam sobre o porquê da criança estar fazendo aquelas perguntas e o porquê querer saber sobre a sua origem. Sobre isso, Alvarenga (1999) afirma que, em muitos momentos, as perguntas das crianças sobre sua história de origem são sentidas pelos pais como um aspecto comprometedor no que concerne ao seu pertencimento à família, como se isso constituísse uma falta de fidelidade dos filhos para com seus pais. A referida autora destaca que esconder a verdade sobre a história da criança gera um vazio em seu processo histórico o que impede que ela seja historiadora de si mesma.

Ainda sobre esse tema, Schettinni Filho (1999) afirma que existe a possibilidade de emergirem conflitos na família quando esse filho vem a questionar sobre sua história

de origem. O filho adotivo está em busca de respostas, enquanto os pais estão com medo das perguntas. O adotivo geralmente pede informações sobre os pais biológicos, enquanto que, na maioria das vezes, os pais não sabem o que ou como contar. Falar da origem de um filho adotivo não é tarefa fácil, pois é um assunto que está relacionado automaticamente aos pais biológicos. Nesse momento, podem emergir questões que ficaram mal resolvidas e camufladas na época da adoção.

Quando a história pregressa do filho adotivo entra na via do não dito, Schettini Filho (2006) expõe que isso pode ser um instrumento de crueldade, pois diminui as possibilidades de organização psíquica para enfrentamento das mudanças existenciais impostas pela vida, uma vez que o filho confia nos pais sem interrogações. O autor ressalta que a revelação se torna um aspecto fundamental concernente ao conhecimento dos elementos básicos da história do filho. É primordial entender que a verdade existencial não deve ser transformada num segredo indevido, negando ao filho o direito à vivência e convivência que enriquece a vida e dá segurança.

Freud (1908/1985) refere em seu texto, “Romances Familiares”, que os pais constituem para a criança pequena a autoridade única e fonte de todos os conhecimentos. Assim, o silêncio desses pais sobre a verdade, seja ela agradável ou não, é uma forma de domínio sobre o filho adotivo.

Na visão de Lago e Londero (2003), a palavra verdadeira estrutura o sujeito. O não dito é desestruturante. O não dito produz uma espécie de amnésia, ou um esquecimento e, no entanto, não afasta o filho de sua história de origem. Schettini Filho (1999, p.75) pontua que “o dito não resulta só da palavra falada, mas da palavra pensada, sentida e vivida”.

Tomando conhecimento da verdade, a criança faz a ligação da mesma com aquela existente em seu eu; assim, o abandono é elaborado e as histórias (atual e anterior) são costuradas como retalhos. Refere Hamad (2002, p.117) que “é importante dar à criança os elementos de sua história para que ela possa constituir sua própria verdade.”.

Schettini Filho (1999) adverte que a mentira, uma vez iniciada, será sempre criada e recriada pela família, gerando grandes prejuízos aos sujeitos em questão. Para Zimeo (1994) não há como negar o que está inscrito no inconsciente; este sabe da condição da adoção mesmo que a consciência não saiba. O inconsciente fornece ‘avisos’ de que há algo oculto pela consciência, através dos símbolos manifestos em sonhos, fantasias, estórias, desenhos, entre outros.

A condição adotiva revelada ao sujeito confirma as suposições já existentes no seu imaginário. Teixeira, Rocha e Ataíde (2011) asseguram que a verdade estrutura a personalidade, e, inversamente, o segredo é gerador de confusões, angústias e toda espécie de sintoma que evoca como símbolo, denunciando o não dito. Comenta Mannoni (2004, p. 80) que:

Não é tanto o confronto da criança com uma verdade penosa que é traumatizante, mas o seu confronto com a ‘mentira’ do adulto (vale dizer seu fantasma). No seu sintoma, é exatamente essa mentira que ele presentifica. O que lhe faz mal não é tanto a situação real quanto aquilo que, nessa situação, não foi claramente verbalizado. É o não dito que assume aqui um certo relevo.

Corroborando o referido acima, Rosa (2001) afirma que o não dito gera interferências no desenvolvimento do sujeito, especificamente no que concerne à constituição da subjetividade. Assim, quando há distorção, supressão ou interdição de significantes fundamentais, elas impedem a articulação do significante com a produção de sentido. Na visão da autora:

[...] determinados não ditos bloqueiam a articulação do significante, e em seu lugar preconizam uma única versão como a verdade, não como significante, mas como significado sintetizando o ser da criança. Esta na impossibilidade de articular seus saberes expressa-os no sintoma, seja alterando sua possibilidade de conhecer e aprender, seja transformando em atos, aspectos do não-dito (ROSA, 2001, p. 2).

Lacan (1978, apud ROSA 2001, p. 4) salienta a existência de alguns caminhos que apreendem o não dito, ressaltando que o inconsciente é o capítulo da história humana marcado por um branco, é onde a mentira o ocupa e ainda é o capítulo censurado. Comenta ainda que existe a possibilidade da verdade ser reencontrada uma vez que, na maioria das vezes, já está escrita em Outra parte, quais sejam:

- no corpo, onde o sintoma surge como uma estrutura de linguagem que se inscreve para ser decifrada;
- nos arquivos que são as recordações infantis, que sem conhecimento de sua procedência tornam-se impenetráveis;
- na semântica, quanto ao estoque de significações do vocabulário individual, similar quando se trata do estilo de vida e caráter pessoal;
- nas tradições e lendas que, mesmo transmitidas como histórias, veiculam a história pessoal.

Corroborando tal pensamento, Dolto e Hamad (2006) asseguram que a revelação possibilita a simbolização do sofrimento com reordenamento da história. Assim, a identidade fica assegurada, por meio dos dados da origem, e a condição de sujeito desejante fica localizada. Os autores sinalizam que a revelação de todos os dados de realidade da criança favorece um respaldo psíquico para adotar a dupla de novos pais, uma vez que ela sabe que existem pais arcaicos integrando irreversivelmente seu corpo.

2.1. A revelação da condição adotiva

Sabe-se que a revelação contribui para o desenvolvimento saudável da identidade do filho adotivo, pressupondo a manutenção de uma boa saúde mental. Tal ideia é corroborada por Costa e Katz (1992, p.101), quando asseguram que:

[...] o conhecimento de sua condição de adotado e a liberdade de procurar e conhecer os pais biológicos são duas condições que contribuem favoravelmente para a saúde mental da criança e, conseqüentemente, para o estabelecimento de um melhor relacionamento com os pais adotivos.

A revelação da história de origem da criança constitui, segundo a visão de Levinzon (2009, p.49), “[...] um dos temas mais sensíveis e perturbadores para muitos pais adotivos.” No entanto, a autora refere que enquanto alguns pais vivenciam esse momento com tranquilidade, outros o transformam em um horrendo fantasma, considerando-o como ‘a hora da verdade’ (p.49), o que faz emergir angústias reprimidas e sentimentos conflituosos, transmutando o momento em um desastre.

De acordo com Ladvocat (2002), a maioria dos casais expõe seu interesse pela sinceridade, no entanto, não oculta a dificuldade em administrar a questão, especialmente quando a história pregressa da criança possui elementos que os pais consideram prejudiciais para sua vida. Os questionamentos giram em torno de o que, como, quando e porque contar. No meio da família, muitas vezes, pode haver divergências sobre o revelar ou não revelar, ou até mesmo sobre que parte da história deve ser revelada, esquecendo-se de que os segredos e lacunas interferem de forma negativa, prejudicando assim a possibilidade de um bom desenvolvimento da identidade do sujeito adotivo. A conversa sobre a adoção favorece implicações com aspectos mal elaborados pelos pais, como a existência de outros pais, a infertilidade, o abandono do filho, temor quanto à qualidade dos vínculos, entre outros. A tranquilidade advinda dos

lutos elaborados relacionados a todos esses fatores favorece suporte para o diálogo sobre a adoção do filho e assim a revelação é vivenciada como algo natural e esperado.

Corroborando com as ideias apresentadas por Levinzon (2009), Schettini (2007) ressalta que o silêncio que guarda segredos dissimula inverdades dos aspectos mal resolvidos referenciados. Um clima de sobressalto advém a partir do temor de que a verdade seja revelada por alguém. Além do que o inconsciente do adotado traz símbolos que revelam o não dito; dessa forma, ele fica confuso diante da tentativa dos pais de camuflá-lo. O filho, contudo, percebendo que certas informações não são consentidas, tende a sobrepujá-las, e os conhecimentos obtidos através de outros ficam censurados, surgindo, em ambos os lados, áreas inacessíveis ao diálogo. Tais pressupostos referenciam a importância conferida à revelação, configurada como importante item para um sadio desenvolvimento do sujeito, a partir do qual surgem sentimentos de valorização e confiança nos pais adotivos.

O que acontece é que, aos poucos, fantasias, medos, mitos e inseguranças acabam tomando o lugar da verdade e estabelecendo um imperativo de que a revelação da história de origem causará oscilações na relação afetiva com os pais adotivos. No entanto, segundo Schettini Filho (2008), esse tipo de efeito não chega a se realizar por intermédio da revelação. Ele completa afirmando que o silenciar é muito mais do que não dizer, é negar a verdade, é tirar do filho adotivo um direito que é seu. O silêncio também pode apresentar consequências traumáticas, levantando dúvidas e dificultando as conquistas da criança, assim como pode colocar em jogo a confiança estabelecida com seus pais.

Cahú (2002) enfatiza que outras consequências podem ser vislumbradas nas relações entre o segredo e as dificuldades observadas no filho adotivo, levando-o a questionamentos que aguçam tanto o desejo como o medo de crescer, deixando clara uma vontade de mergulhar em sua história de origem, mas temendo decepcionar os pais adotivos com essa atitude.

Rosa (2008) compreende que mesmo que o tema da adoção seja explanado para a criança, normalmente advém a partir do artifício da chamada “hora da revelação” (p.106), ponto culminante no qual os pais, num tom majestoso e sem naturalidade, falam do fato com os filhos, apresentando-o como um tabu, individual, social e/ou familiar. Desse modo, ficam aspectos incompreendidos, como se fossem lacunas, às vezes, preenchidas com fantasias que dificultam a construção da identidade. Adverte a autora que:

O desconhecimento, ou o conhecimento desnaturalizado, pode provocar, no nível psíquico, a sensação de ser irreal, ou de viver em um mundo de fantasia. Muitas vezes pode ser difícil atingir uma identidade integrada, já que existem lacunas na história, e é preciso passar a vida em torno de descobrir 'quem sou'. As dificuldades na formação da identidade passam também pela existência de duas configurações de pais (os biológicos e os adotivos), ou seja, uma identidade dual, e uma história de vida descontínua, interrompida, na qual as fantasias preenchem os pedaços que faltam. (ROSA, 2008, p.106).

Assim, apreende-se que a revelação da história pregressa da criança não deve tomar a forma de um discurso elaborado, em um momento estabelecido, mas circular no seio da família, pois como assegura Hamad (2001, p.146) “[...] o conhecimento do fato de que o filho é adotado deve se destilar no tempo e não tomar a forma de um discurso organizado destinado a comunicar à criança a verdade”. A verdade é tida por muitos como um referencial, uma vez que ela implica em conformidade do dito com o feito, do discurso com a realidade. A verdade também é sinônimo de princípio, modelo, autenticidade, boa-fé, sinceridade, afirmação. Na sociedade, de uma forma geral, quando exercitada, é tida como uma excelência no comportamento humano. Mesmo sem dúvidas da trajetória saudável e harmoniosa que a verdade pode proporcionar, nem sempre é fácil o seu exercício, principalmente quando ela se encontra misturada a desejos, fantasias, imaginações e impulsividades, colocando muitas vezes o sujeito em condição de fragilidade.

Ao se pensar sobre a verdade frente à adoção de um filho, um dos questionamentos mais fortes e instigantes circula em torno da revelação da história pregressa do adotado. Grandes são os conflitos e dúvidas que pairam sobre os pais adotivos. Eis a questão: contar ou não contar ao filho sua história e origem? Como e quando fazer isso?

De acordo com Schettini Filho (1999), a atitude mais correta e que proporciona segurança diante do desenvolvimento psicológico da criança adotiva é inseri-la na sua própria história, oferecendo da melhor maneira as informações sobre a sua origem. Ele destaca que mesmo emergindo resistências por parte dos pais em revelar, a maioria concorda que falar de maneira coerente é melhor do que o estabelecimento do silêncio. É certo que isso poderá ser fator desencadeador de angústia e/ou ansiedade. No entanto, a revelação é necessária, pois frente às “denúncias” do inconsciente, quase sempre o segredo não consegue permanecer o tempo todo.

Para Maldonado (1999), as crianças possuem registros no inconsciente de suas vivências mais precoces (inclusive da vida intra-uterina) e são dotadas de uma

sensibilidade para captar as contradições sutis, e os climas emocionais que estão presentes no seio da família. Weber (1998) também defende a revelação, afirmando que não é aconselhável desprezar a origem do filho adotivo e que a manutenção do segredo pode ocasionar o desenvolvimento de algumas dificuldades no que se refere à consolidação da identidade. Ela ainda destaca que é quase impossível manter o segredo da adoção sem contradições. Nos dados de pesquisa levantados pela referida autora, pode-se perceber que a maioria dos filhos adotivos prefere saber a verdade e ter o conhecimento de toda sua história e origem. A revelação também carrega consigo uma importância moral.

Em outra obra, Weber (2011) destaca o comportamento dos pais ao falar sobre a condição do filho e sugere alguns cuidados para conversar sobre o assunto em diferentes idades:

- 1) Falar de adoção aos filhos, *antes dos três anos*, pela primeira vez, comumente faz emergir muita emoção por parte dos pais, mesmo que a criança ainda não tenha uma total compreensão relativa ao assunto. Ela aponta para a cautela que deve se ter no tom de voz e expressões usadas, pois é o que a criança nessa fase vai conseguir absorver e compreender da conversa. Nessa fase a criança ainda não entende com clareza os aspectos referentes ao nascimento, à adoção e às diferentes famílias.
- 2) Entre *três e seis anos*, é a fase que geralmente pode começar a emergir os questionamentos de como surgem os bebês. Assim, a autora sugere devolver a pergunta à criança, procurando investigar o porquê do interesse em saber sobre isso e como ela imagina que isso acontece. Esses questionamentos, feitos à criança antes mesmo de responder, darão respaldo aos pais para elaborar sua resposta e não responder desnecessariamente, além daquilo que a criança quer saber. As respostas devem ser curtas, honestas e com uso de linguagem própria do corpo humano e à idade da criança. É importante que ela tenha o conhecimento de que veio da junção de um homem com uma mulher, que esse encontro fez nascer um bebezinho, e que os pais adotivos são, de fato, seus pais, pois são eles que lhe proporcionam cuidado, educação e amor.
- 3) É entre *os sete e doze anos*, que a criança geralmente começa a apresentar curiosidade quanto às questões relativas à sexualidade. É nessa fase que elas

compreendem melhor o conceito da adoção. As crianças podem não gostar do que venham a escutar, no entanto é importante que se explique o assunto demonstrando que o processo é natural. A autora afirma que muitas vezes passa pelo imaginário da criança adotada que ela não foi gerada de forma biológica, principalmente quando os pais adotivos focalizam seus discursos em histórias bastante romanceadas ou quando apenas falam com os filhos dos momentos do encontro com eles, excluindo o modo como vieram ao mundo. Isso se dá, geralmente, pelo fato de que falar do nascimento dos filhos, ou de qualquer assunto relacionado aos aspectos biológicos, os aproxima da família de origem. Embora os pais possam apresentar medo e receios, isso é um aspecto positivo, pois desmistificam e rompem com fantasias, que podem se apresentar de maneira monstruosa e dolorosa, distantes da realidade. Deve-se evitar dar respostas duvidosas ou carentes de certezas, porque pode transparecer para a criança que as questões concernentes à adoção são algo que incomodam e geram sofrimento. Assim, no intuito de não proporcionar sofrimento aos pais adotivos, o filho, mesmo curioso ou com dúvidas quanto à sua origem, pode se sentir constrangido em tocar no assunto novamente.

- 4) Na fase da *adolescência*, depois dos treze anos, o sujeito está em um momento de intensas transformações sofridas pelo corpo e a busca pela identidade aparece de maneira veemente. As questões que perpassam a autonomia do sujeito e seus relacionamentos também ganham uma grande importância nessa fase. Os filhos adotivos podem querer saber melhor sobre a sua condição e origem. É importante que os pais estejam abertos a conversar e esclarecer o que eles queiram saber. Os pais também devem ser sinceros, ainda que não saibam muito sobre a história pregressa de seu filho. Algumas vezes os filhos adotivos não querem necessariamente respostas, mas apenas dialogar sobre o assunto com alguém em quem confia: os seus pais adotivos.

Sobre a revelação da origem, Videla (2001), coloca que deve acontecer com o cuidado imprescindível, respeitando o tempo lógico e o tempo real da criança. Isso quer dizer que passar à criança as informações sobre questões relacionadas à vida, à morte, sexualidade, fecundação e nascimento dos bebês deve acontecer de acordo com sua

idade, curiosidade e aptidão para absorver as informações. A revelação deve ser adequada à realidade da criança, às suas condições psíquicas e ao seu momento.

Qualquer revelação altera o comportamento “porque se trata de um acréscimo no acervo de experiências, interferindo, assim, na forma de considerar e interpretar a vida, o mundo e as pessoas” (SCHETTINI FILHO, 1999, p. 96). Tendo em vista essas mudanças que geralmente ocorrem, muitos pais se sentem ameaçados, preferindo, muitas vezes como movimento de defesa, manter o silêncio.

Não existem regras quanto ao como e quando revelar, não existe uma idade fixa nem a melhor ou pior forma de realizá-la. Ainda sobre isso Dolto e Hamad (2006) pontuam que nunca é muito cedo para se revelar a verdade para o filho adotivo e que a idade em que deve ser contada deve estar relacionada com o momento da necessidade. Em consonância, Adamec (1993) destaca que não existe um momento ideal, prontamente estabelecido, no entanto, concordando com a maioria dos autores, defende que a revelação deve acontecer durante a infância. Corroborando tal pensamento Weber e Pereira (2014), apontam que a revelação deve ser feita o mais cedo possível, de forma natural e afetuosa, pelos próprios pais adotivos, oferecendo ao sujeito adotivo o entendimento de sua história e toda linguagem e sentimentos que perpassam a adoção.

Souza (2008) também defende a ideia de que a revelação deve ocorrer o mais cedo possível, pois isto favorecerá que tanto a criança como a família possam elaborar sua condição de adotivos ao longo do tempo. Pontua ainda que é preciso os pais estarem atentos àquilo de que os filhos sentem necessidade ou têm a possibilidade de dizer. É de extrema importância que, após o primeiro momento, pais e filhos permaneçam comunicando-se sobre a questão. Segundo a autora quando existe comunicação, há sempre a possibilidade de prazer, de alegria, com aqueles que falam honestamente, não com aqueles que fingem.

Hamad (2002) destaca que quando se pensa na natureza do segredo da adoção, emergem várias reticências as quais poderão, no futuro, revelar pontos de tropeço na comunicação da história familiar da criança adotada.

Weber e Pereira (2014), afirmam que começar estabelecendo essas conversas sobre a origem nos primeiros anos de vida do sujeito adotivo auxilia para que a adoção não seja vista como algo fora do comum e desconhecido, abrindo espaço para a edificação de uma boa autoestima. Quando essa condição é contada mais tardiamente é necessária muita cautela para abordar o assunto e a tarefa se torna mais complicada. Abre-se espaço para que exista a possibilidade da revelação acontecer de maneira

inapropriada ou por intermédio de terceiros, o que pode resultar em dificuldades nas interrelações familiares, podendo abalar a confiança entre o filho e os seus pais.

A revelação acontecendo muito tarde pode ter por consequência problemas de comportamento, prejuízos psicológicos ou acadêmicos e a quebra da confiança em seus pais. As autoras ainda destacam que apenas revelar o mais cedo possível não é garantia de que a criança entendeu o que lhe foi contado, é necessário que essa conversa seja destilada ao longo de todo o desenvolvimento do filho adotivo.

Tanto Schettini Filho (2008), como Ladvocat (2002) colocam que a prática clínica tem explicitado a dificuldade de manutenção do segredo como um exercício difícil e angustiante. Ela ainda destaca que quanto maiores forem os segredos, em maior proporção ocorrerão também as fantasias e curiosidades acerca da família biológica.

No atendimento terapêutico enfatizo que a fonte de pesquisa sobre as origens da criança adotada é a própria família. O conteúdo dessa fonte é tudo a que a família teve acesso na época do processo de adoção sobre a biografia da criança e sobre a família biológica. A criança ao longo de sua vida, poderá colocar várias perguntas por curiosidade, entre elas: o porquê de seus pais biológicos não terem ficado com ela; onde está sua família de origem; se ela tem irmãos, se existe o risco de que sua mãe ou pai biológico a procurem; se a mãe adotiva ficaria triste se um dia ela desejasse conhecer essa “outra família”; o lugar em que ela ficou até ser adotada; o porque de seus pais adotivos não terem podido ter filhos; como a encontraram; como foi a adoção; como foram os primeiros dias dela na sua nova casa e tantas outras dúvidas e fantasias que a criança possa ter. (LADVOCAT, 2002, p.72)

A autora destaca que revelar a história pregressa é uma tarefa do adotante, ao passo que a família se sinta preparada para falar sobre o assunto com a criança, e à medida que esta esteja também preparada para ouvir. Corroborando com o já afirmado acima Dell’ Antonio (2002) afirma que os traços físicos refletem a origem do sujeito adotivo, mas a personalidade e o comportamento deste refletem os laços adotivos. O referido autor coloca que o primeiro passo em um processo terapêutico com uma criança adotiva é proporcionar a ela o encontro entre a sua identidade biológica e a adotiva.

Weber e Pereira (2014) afirmam que existem vários meios atualmente que podem tornar mais fácil essa conversa, exemplificando com livros e filmes infantis que envolvam a adoção em suas temáticas; as autoras também apontam para a contribuição dos grupos de apoio a adoção nesse processo. Destacam que a conversa deve ser simples, clara e que possa ajudar a criança a entender aquilo que é definitivo e que não

se pode voltar atrás no cenário da adoção, porque o filho adotivo pode ficar receoso, crendo que pode existir a possibilidade de ser rejeitado pelos pais adotivos ou que os pais biológicos venham buscá-lo.

Souza (2008) acrescenta que há filmes e livros infantis que podem ser uma possibilidade aparecendo como “ponte” para essa ocasião, porém é importante destacar que nenhuma história substitui a “história verdadeira”. A conversa entre pais e filhos deve transmitir segurança, naturalidade, deve ser envolvido de afeto, sem rapidez ou impaciência e deve acontecer levando em conta a maturidade e compreensão da criança. Como bem coloca a autora, a verdade não deve ser “despejada”, como se os adotantes quisessem se isentar de um peso, nem deve acontecer de forma enfática, mas com cuidado.

A referida autora destaca que existe a possibilidade de realizar uma dramatização, uma brincadeira, ou mostrar os diários onde estão registradas as emoções e os sentimentos vivenciados pelos pais durante a espera ou mesmo mostrar os álbuns em que estão guardadas as primeiras fotos da criança na família. Dessa maneira, ela descobre que tem raízes consistentes e entende que o desligamento com a família biológica abriu-lhe as portas para um caminho novo. Assim ela aprende a ultrapassar as dificuldades e a construir uma nova história. O acesso às informações sobre sua história a transforma em um sujeito seguro para se defender da maldade ou até mesmo da inveja, bem como dos preconceitos que porventura venha a sofrer.

Face ao exposto, a presente pesquisa tem como objetivo geral identificar, na perspectiva de filhos adotivos adultos, suas reações frente à revelação da origem, bem como se houve e quais foram as mudanças ocorridas na sua vida desde que tiveram esse conhecimento. Especificamente, almeja-se compreender: como se deu esse conhecimento; sua importância na organização da identidade do(a) filho(a) adotivo(a); como esses filhos passaram a perceber seus pais adotivos bem como a si mesmos, e a se posicionar frente a mitos, medos, crenças e preconceitos que permeiam a temática da adoção.

MÉTODO

Natureza da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois busca compreender o mundo de significados subjetivos que abrangem sentimentos, atitudes, crenças e valores. Com base nisso, a pesquisa pôde ser enriquecida com detalhes retirados dos relatos narrados pelos participantes durante o momento da entrevista. O caminho percorrido para o seu desdobramento teve início a partir da localização de seus participantes. Após a realização das entrevistas e coleta de todos os dados, os conteúdos foram analisados com foco em dar respostas aos objetivos anteriormente levantados.

Participantes

Participaram da pesquisa 08 filhos adotivos jovens e adultos, na faixa etária entre 18 e 62 anos, sendo 05 do sexo feminino e 03 do sexo masculino, independente de nível socioeconômico, religião e escolaridade. O critério de inclusão foi que soubessem de sua origem e que tivessem sido adotados quando bebês, uma vez que na adoção tardia a criança já sabe que foi adotada. Em relação ao critério de escolha dos participantes, utilizou-se o critério de escolha intencional, também denominada deliberada. Para Turato (2008, p. 357), “O autor do projeto delibera quem são os sujeitos que compõem seu estudo, segundo seus pressupostos de trabalho, ficando livre para escolher entre aqueles cujas características pessoais possam trazer informações sobre o assunto em pauta”.

No apêndice 2 encontra-se uma descrição sucinta da história de cada participante.

Instrumentos

Foi utilizada uma entrevista com roteiro, que foi realizada de forma semi dirigida, além do preenchimento do questionário sociodemográfico. Ela foi composta por questões que atendem aos objetivos propostos (Apêndice 1) que tratam de questões voltadas para: Como é para eles serem filhos adotivos; se desconfiavam de sua condição e como aconteceu a revelação da condição de adotivo e história de origem; o que mudou

e como passou a se perceber; se houve alguma alteração na relação com os pais adotivos após esse fato; se já sofreu algum tipo de preconceito e como se posiciona frente a mitos, medos, crenças e preconceitos ainda existentes na sociedade; se sentem desejo em adotar uma criança, e que conselhos dariam aos pais que optaram por não revelar a condição de adotivo de seus filhos. Minayo (2004, p. 99) esclarece que a entrevista orienta “uma conversa com finalidade, servindo como facilitadora de abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação” obtendo-se assim informações e opiniões pertinentes ao estudo. As entrevistas foram realizadas com tempo de duração indeterminado.

Procedimento de Coleta dos dados

O contato com os participantes teve início após a aprovação do projeto pelos Comitês Científico e de Ética (Anexo 1). Inicialmente a pesquisadora convidou pessoas do seu conhecimento para participar da pesquisa, e, em seguida, os próprios participantes indicaram outros. Eles foram informados dos objetivos da pesquisa e da gravação da entrevista, assim como foi garantido o sigilo acerca das informações. Após aceitar a sua participação, assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (Anexo 2). Esses sujeitos foram atendidos em locais adequados, acontecendo no consultório da pesquisadora, na casa do participante ou outro local de preferência do entrevistado. A pesquisadora assumiu todos os gastos necessários com o deslocamento e cada participante foi entrevistado individualmente. As entrevistas foram gravadas e anotadas, posteriormente, transcritas literalmente, tentando-se manter o máximo de fidedignidade sobre o que foi dito. Os participantes e familiares receberam um nome fictício, com o intuito de manter o sigilo sobre sua identidade.

Procedimento de Análise dos dados:

Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de *análise de conteúdo*, mais especificamente a *análise temática*. Segundo Minayo (2004, p. 209), a análise de conteúdo consiste “em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”. Dessa forma, a análise se desdobrou em três fases: *pré-análise*, *exploração do material* e *análise e interpretação dos dados obtidos*. A *pré-análise* se concentra “na escolha

dos documentos a serem analisados; na retomada dos objetivos iniciais da pesquisa, reformulando-as frente ao material coletado e na elaboração de indicadores que orientem a interpretação final” (MINAYO, 2004, p. 209). A segunda etapa é a *exploração do material*, que “consiste essencialmente na operação de codificação, através da transformação dos dados brutos, visando a alcançar o núcleo de compreensão do texto” (MINAYO, 2004, p.210). “A partir daí o pesquisador realiza as *interpretações* previstas no seu quadro teórico” (MINAYO, 2004, p.210). Dessa forma, serão abordados os temas predominantes na fala dos participantes e analisados com base na literatura consultada.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1. JANE

Tem 19 anos, possui o ensino médio completo e não trabalha. É solteira e reside com os pais adotivos, a irmã (13 anos), que também é filha adotiva, e com a secretária do lar. Também possui dois irmãos que são filhos biológicos de sua mãe adotiva, com 28 e 31 anos, respectivamente. Eles moram no mesmo prédio, mas não no mesmo apartamento. Seu pai adotivo não possui filhos biológicos, sendo o segundo marido de sua mãe adotiva. Jane foi adotada recém-nascida e soube de sua condição de adotiva e de algumas informações sobre a sua história pregressa com nove anos de idade. Antes desse momento, ela afirma que não tinha nenhuma desconfiança quanto à sua origem. Isso se deu em um dado momento, antes de ir com seus pais ao hospital para buscar sua irmã que acabara de ser adotada. Assim, sentaram, conversaram e eles lhes contaram sobre sua origem.

“Eu assim... Nem lembro direito, a gente ia buscar minha irmã no hospital (para ser adotada), ai eles me falaram, minha reação foi normal assim, ai quando a gente chegou em casa eles me contaram. Eu não lembro bem, foi a gente sentou pra conversar ai ela disse, contou tudo que tinha acontecido, tudo mesmo.”

Quando questionada sobre como se sentiu quando seus pais adotivos falaram sobre sua condição e origem, Jane, mostrando-se confusa e ambivalente, respondeu: *“Esquisito, assim, eu não lembro direito essas coisas...”*

Na realidade, ela aparentava não querer lembrar, dada a dor que parece emergir ao tentar retornar àquele momento por intermédio das lembranças. Foi notória, durante todo o processo de entrevista, a resistência existente em falar sobre o assunto. A nosso ver, Jane demonstra necessitar de um acompanhamento terapêutico que tenha como objetivo facilitar a elaboração de algumas questões através da fala, que estão relacionadas ao assunto de sua adoção. Diante desse fato, a entrevistadora procurou ser sensível e administrar esse momento da maneira mais leve possível, respeitando os limites impostos pela entrevistada.

Jane fora jogada no lixo recém-nascida e quem a encontrou foi uma amiga de sua mãe adotiva, que contou pra ela e esta, por sua vez, foi buscá-la e ficou com ela.

“...Minha mãe tinha me jogado no lixo e uma amiga da minha mãe adotiva tinha avisado pra ela, ai ela me pegou.”

Jane foi registrada no nome dos pais adotivos, tendo sido criada uma data de nascimento por não ter nenhum documento que informasse a data exata, e não tem nenhuma outra informação sobre sua historia anterior à adoção. O registro no nome dos pais adotivos e a data criada e estipulada em seu registro parece ter sido importante no tocante à constituição de sua identidade, ao ser documentado em papel e diante da sociedade um dia para comemorar o seu nascimento.

“Às vezes minha mãe diz que é dia 5, às vezes diz que é dia 7. Eu não sei... Mas dia 7 é a data que está no meu registro, é dia 7.”

Embora tenha uma enorme vontade de conhecer seus pais biológicos, ela também não tem nenhuma informação sobre os mesmos. Seus pais adotivos não falam sobre o assunto. A entrevistada sinaliza o momento da adoção da irmã como algo bastante positivo e que veio, de alguma forma, amenizar o sentimento de diferença quanto à condição de adotiva.

“Eu fiquei bem alegre, pra mim foi bom porque o resto era tudo menino e eram todos filhos biológicos de minha mãe adotiva, então pra mim foi bom.”

Outro ponto que merece destaque e que parece ter contribuído para amenizar o sentimento de estranheza e diferença por ser filha adotiva foi o fato de ser primogênita de seu pai adotivo, pois este não possui filhos biológicos.

“...Eu também assim, eu e minha irmã somos as primeiras filhas do meu pai, meu pai é o segundo casamento da minha mãe.”

Ela se sente privilegiada por ter sido adotada, colocando que poderia até morrer, se os pais adotivos não a tivessem acolhido.

“Pra mim é um privilégio, não é? Porque eu poderia até morrer, mas foi ótimo. Assim, a atitude deles, foi ótima.”

Quanto ao seu sentimento enquanto filha adotiva, afirma ter tudo que precisa, voltando-se para o suprimento material, como um aspecto positivo, que seus pais adotivos lhe proporcionam, fator este que ela coloca como suposição de algo que muito provavelmente seus pais biológicos não poderiam suprir.

“Eu nem sei dizer, eu nem sei dizer assim... Tive muitas coisas assim que eles me deram que acho que minha mãe biológica não poderia me dar, muitas mesmo”.

Ao ser questionada quanto a se o seu relacionamento com os pais adotivos mudou após ter tomado conhecimento de sua condição, ela afirma não ter ocorrido mudanças. Também coloca que nunca presenciou nem sofreu nenhum tipo de preconceito.

Acha que os pais devem contar sobre a condição do filho logo cedo e achou bom saber logo.

“Acho que foi melhor eles terem contado... Mas foi melhor ter contado, se não tivesse contado eu não sei o que teria acontecido, mas foi melhor.”

Sente-se grata pela adoção, pois seus pais adotivos lhe dão de tudo materialmente.

“Ah! porque assim, eu não sei como era a condição, a situação da minha mãe biológica, não é?! Então eu sempre tive de tudo, eu fui a primeira filha mulher, então eu sempre tive de tudo, de festa, tudo, então pra mim foi muito gracioso, muito bom mesmo.”

4.2. SAMUEL

Tem 43 anos, possui ensino médio completo, não trabalha e atualmente está fazendo curso técnico de enfermagem. É solteiro e reside com uma irmã adotiva. Também tem um irmão adotivo, mas este não mora com ele. Foi recolhido por uma outra irmã adotiva que, na época, estava com seus 18 anos.

“Eu soube o seguinte, que ela chegou numa casa e me viu nessa casa... Não sei bem, eu só sei que ela me viu, ai achou muito bonitinho, ai disse ; “ Meu Deus que coisa linda essa criança!” Ai disseram: ‘Olhe a mãe dele, quer dar essa criança’, então ela disse: “Há não, ele é meu! Aí me pegou e já levou para casa....Aí chegou comigo em casa, então minha mãe falou, “Mas Raquel...”, o nome dela era Raquel, “Pelo amor de Deus, pegar esse menino para adotar?” Então minha irmã falou “Mas mãe, eu gostei dele...” Então foi minha irmã que me pegou para adotar...”

Sua irmã, a que o recolheu para adoção, quis registrá-lo em seu nome. No entanto, sua mãe não permitiu, pois achava que ela era muito nova para isso, além de ainda ser solteira.

“ ...E ela foi embora para São Paulo, então quando ela não vinha ela se comunicava por carta e tal, telefonava tal, e ficou sempre aquela coisa, ela me

pegou para criar e queria até me registrar como mãe, e minha mãe disse 'Não você não casou, você é uma moça ainda e já colocar o menino adotivo no seu nome, não dá certo!' Ai eu fiquei como filho adotivo da minha mãe mesmo, que é a mãe dela..."

De fato, a sua adoção não aconteceu necessariamente por parte de sua mãe adotiva, mas efetivamente pela sua irmã. E continuou:

"E ela estava noiva de um rapaz lá em São Paulo, e estava até comprando o vestido de noiva e tudo, e sempre quando ela ligava, ela perguntava: 'Há mainha, e o Samuel como é que ele está? Era aquela preocupação de filho mesmo... Então eu me lembro dos presentes todos que eu recebia, e quando me diziam: 'Olhe sua irmã mandou um abraço, mandou beijos' Só que eu nunca tive contato presencial, físico com ela, tinha mais com essa outra minha irmã, porque de irmão são duas mulheres e um homem, então minha irmã, a que mora aqui comigo hoje, é a que eu tive mais contato..."

Pouco depois de ter sido adotado, essa irmã foi morar em São Paulo e, após algum tempo, acabou falecendo, quando estava noiva, em uma tragédia que ocorreu em um metrô.

"...E ela (Raquel) foi embora para São Paulo, ai nesse meio tempo, aconteceu um acidente em São Paulo, onde ela chegou a falecer, no metrô; ai foi quando a gente recebeu a notícia que ela faleceu. Eu estava com sete ou oito anos, e de lá mesmo ela foi enterrada, e ela foi enterrada até com o vestido de noiva dela e tudo no caixão, e eu acho que tudo isso contou para muitas coisas."

Sua mãe adotiva também já é falecida há, aproximadamente, oito anos. Teve sua condição de adotivo revelada aos nove anos de idade, após ter ouvido uma conversa entre sua mãe, uma das irmãs e uma amiga da irmã, que falavam sobre partos. Nessa ocasião sua mãe falara ter tido três filhos de partos normais. Então ele, que já desconfiava de sua condição pela cor da pele (ele era moreno claro e sua família de cor branca), começou a se questionar por ser o quarto filho.

"...E elas estavam conversando no quarto, e acho que esqueceram que eu estava no quarto, ai minha mãe falando que tinha tido três filhos, e falando de parto, ai ela disse que o parto foi normal dos três, ora, eu seria o quarto filho! Ai eu fiquei com aquela interrogação, eu já estava desconfiado, e ela disse assim: "Os três filhos que eu tive foram parto normal", então ela encerrou o assunto ali e não falou mais. Então eu fiquei me perguntando: "E o quarto?" se todos foram

de parto normal, antigamente os partos eram todos normais, pessoal de sítio , então era tudo normal. Então aquilo deixou uma interrogação na minha cabeça, então como eu já tinha uma desconfiança por conta da cor da pele, quando falou do parto ai foi que eu pensei, 'Existe alguma coisa estranha ai!' .”

Após alguns dias dessa conversa que ouviu, quando sua mãe viajou, ele foi perguntar à irmã sobre sua condição, ao que esta lhe confirmou.

“Eu me lembro então que um certo dia minha mãe viajou e eu fiquei só com minha irmã, e nisso eu fiz uma pergunta a ela, “Sinceramente, eu sou filho legítimo mesmo, de sangue?” eu era filho adotivo, e foi ai que ela me falou a verdade, que eu não era assim, filho de sangue, que realmente a minha mãe não me teve, mas eu era um filho adotivo.”

Quando sua mãe adotiva retornou da viagem, conversou com ele e lhe contou sobre a sua história pregressa. Até então o assunto nunca tinha sido falado, pois sua mãe havia proibido seus irmãos de tocarem no assunto com ele. Samuel, além de desconfiar de sua condição pela cor da pele, já apresentava alguns comportamentos diferentes antes mesmo de saber de sua condição, comportamentos como: Isolamento, o medo diante de perdas, agressividade, temperamento forte reagindo às situações com ignorância e defesas.

“Sentia, como eu disse, né? Pela cor da pele, e tal. Mas o sentimento mesmo era diferente, mesmo sem desconfiar, não por causa de irmãos, não! Mas eu tinha umas reações meio estranhas, como eu posso dizer?... Assim, se isolar, eu era muito tímido, de começar relacionamento e terminar rápido, medo de perdas, temperamento muito forte, agressivo, essa coisa de agressividade, de grosseria, de ser ignorante.”

Antes de ser adotado por esta família, Samuel passou por três famílias diferentes que o rejeitaram. Embora pareça algo forte e uma particularidade marcante na história de Samuel, saber que foi rejeitado por três vezes aparece como algo essencial no tocante à constituição de sua identidade. Isso clareou sua mente, passando ele a desbravar, entender e organizar melhor sua própria história, podendo, além disso, aceitá-la e elaborar parte desta. Consequentemente, como um outro ganho, Samuel passou a compreender também seus comportamentos ditos ‘estranhos’, as pessoas e o mundo que está a sua volta.

“...Ai eu soube que antes de eu ir para essa casa, eu tinha passado por três famílias antes: “Vocês vão querer?” “Vocês querem adotar essa criança?”

“Vai querer?” “Não!” “Não!” “Não!” “Não!” Ai cáí nessa, ai pronto, eu vim entender essas coisas todas, e pensei, “Não essas minhas atitudes são por causa disso!” Eu comecei a entender melhor o meu mundo e melhorar também o mundo daqueles outros que estavam em volta de mim, porque agora eu podia entender, o porque que eu rejeitava as pessoas.”

Destaca que já desconfiava de sua condição de adotivo e que, ao saber da verdade, começou a entrar em crise e a emergir vários questionamentos sobre o fato:

“Na hora eu não tive um choque, acho que já vinha da desconfiança, mas depois eu comecei a entrar em algumas crises, como, por exemplo, me perguntando, o por que ter acontecido isso?, porque eu cáí naquela família, poderia ter ido para outra?, Se eu tivesse em outra família, como seria? Eu estaria mais diferente hoje?, Por que aquela casa? Por que aquela família?. Ficaram aqueles questionamentos.”

A revelação da condição de adotivo gerou um mal estar com o irmão que, desde então, não falou mais com ele. Samuel acredita que por ser adotivo acabou por receber da família atenção ao extremo, tendo toda assistência material e afetiva para si, ao passo que seu irmão, enquanto filho biológico, se sentiu rejeitado e com ciúmes.

“...Então, muitas coisas , assim, ele teve que engolir, porque ele não podia falar, mas no momento que ele soube que eu sabia, ai ele ficou uma pessoa totalmente grosseira em relação a mim. Ai havia muita discussão da revelação, muitas discussões entre minha mãe e ele, porque ele dizia assim :” O melhor é para ele!”, então lá em casa, por eu ser adotivo, sempre me deu atenção ao extremo, em termos de roupa, em termos de brinquedo, nisso e naquilo outro. Então tudo era voltado para mim. Eu acredito que ele foi rejeitado, como filho biológico, e a atenção ficou toda voltada para mim, e ele ficou engolindo isso por muito tempo e não podia dizer nada porque era proibido, então quando ele soube que eu sabia, então agora pôde dizer o que ele bem queria, e até hoje ficou aquele sentimento assim, de ciúmes e de inveja ao mesmo tempo.”

Samuel supõe que sua mãe biológica o entregou para adoção por não ter condições financeiras, mas não conhece os pais biológicos, nem sente desejo em conhecer.

“Na verdade, eu nunca fiquei ansioso, porque tem gente que fica ansioso dizendo: “Ah! eu queria conhecer a minha família biológica!” Mas não , eu não tive isso não, assim, eu estou muito bem aqui com essa família.”

Relata uma situação em que descobriu uma suposta prima biológica que chegou um dia a abordar sobre o assunto da adoção com ele e o informou de que sua mãe biológica estaria viva e tinha muita vontade de conhecê-lo. Chegou ao ponto de um dia ela gravar no celular uma festa em família e mostrar a Samuel, no entanto ele relata que seu sentimento foi de indiferença. Também afirma que não recrimina a mãe e entenderia caso ela abordasse o assunto.

“...Depois desse tempo todinho foi que eu vim vê-la, você acredita que eu olhei assim e dentro de mim, não teve sentimento nenhum? Não tive reação nenhuma. Então para eu ir lá, para eu saber... Eu não quero saber de história, eu não quero mexer nisso! Eu não quero ir lá, saber disso ou aquilo outro, porque já me contaram. E eu não tenho sentimento de raiva, pode até ter assim lá no inconsciente e tal, mas assim conscientemente não, eu digo que eu não tenho, não tenho mesmo não, raiva, nem rancor, nem desejo de vingança, de querer vê-la para dizer tal coisa, para dizer umas verdades, jamais, de forma nenhuma. Eu compreendo se ela vier hoje para mim, eu vou compreender muito bem o porque dela não ter ficado comigo.”

Hoje admite que a adoção deixa marcas, pois por mais que tenha recebido amor, carinho, proteção, sentia um vazio e achava-se deslocado naquela família. As reações foram: isolamento, timidez, medo de se relacionar com outras pessoas e perdê-las, agressividade, grosseria, como se pode perceber na seguinte fala:.

“Hoje eu entendo que deixa muitas marcas em você, por mais que você receba amor, carinho, proteção de uma família, mas deixa marcas em você, por mais que seus pais não criaram você por dificuldades financeiras, que foi o assunto que me passaram, aí você por outro lado tem todas as suas necessidades satisfeitas, na vida financeira, mas dentro de mim, eu sentia aquele vazio, aquela coisa estranha. Eu me sentia uma coisa estranha, era como se, por mais que você fosse aceito naquele lugar, mas era como se você não fosse bem vindo naquele lugar... Aí quando eu soube depois foi como se estivesse caindo a ficha, você não faz parte dessa família! É como se você fosse algo emprestado; apesar de você chamar de mãe, de pai, de irmãos, mas é como se no fundo, no fundo, você se sentisse meio deslocado no ambiente.”

Também relata algumas reações que apresentava em seu convívio social e em seus diferentes relacionamentos, como reflexo da rejeição sofrida:

“Então eu vim perceber o porquê de coisas como, o fato de eu não durar muito nos relacionamentos, eu fazer uma amizade com você e você dizer: “Ah! como Samuel é uma pessoa boa! Como eu gosto de estar perto dele!” e, de repente, eu fazia questão de mostrar o meu outro lado, para você saber que eu não era essa pessoa tão boazinha que você imaginava. Então se você gostava de mim, eu mostrava meu lado arisco, mas era uma forma de afastar você. Outra coisa, se você viesse assim com carinho, com afetividade, qualquer demonstração de amor e carinho eu rejeitava. Qualquer pessoa, tanto homem, como mulher que viesse com bondade ou qualquer ação de carinho, eu não dizia para você, eu não tinha coragem de chegar para você e dizer;” Eu não estou gostando da sua atitude” mas dentro de mim eu travava, tudo que era de carinho, de afeto, travava dentro de mim, eu não dizia, mas travava! E formava uma barreira. Então eu acho que é tudo questão dessa vida, uma consequência.”

Ao mesmo tempo admite que é reconhecido à família que o adotou e se sentiu especial por isso.

“Eu fiquei assim mais agradecido, assim, até então eu era aquele filho comum, mas por outro lado quando eu soube, eu pensei assim, adotivo, então, eu tive uma postura mais diferente, de uma pessoa especial, de um filho especial, não que eu seja o melhor deles, mas especial assim, em termos assim, de eu dizer poxa , eles me adotaram, foi um ato de amor, alguém não me quis, um outro veio e me trouxe para cá. Ai em minha relação assim, eu comecei a dar mais valor à minha mãe, porque meu pai faleceu eu era pequeno, eu tinha uns cinco ou seis anos. Então eu comecei a ver esse lado assim da minha mãe, com outro olhar, sabe assim, de agradecimento a ela, por ela ter feito essa adoção, por ter me recebido.”

Afirma que tudo clareou em sua vida a partir do momento em que soube de sua origem. Devido a esse fato, acha que toda criança adotada tem direito de saber. Além de agradecido, também passou a valorizar mais a família adotiva.

“Eu comecei a me aceitar mais, compreender meus familiares melhor, entendê-los melhor. Aquele sentimento de que eu estou em uma casa e que me pegaram para adotar, e eu agradeço muito por isso, mas por outro lado eu tenho algo como um agradecimento, por mais que tenha seus altos e baixos, mas eu tenho que agradecer, pois foi essa família que, por amor, me aceitou, me adotou,

então eu tenho que agradecer muito a eles, compreender algumas coisas. Foi mais fácil após a revelação...”

Também sente amor e carinho pela família adotiva. Ele afirma que deixou de fazer alguns tipos de cobranças após ter tomado conhecimento de sua condição.

“Eu comecei a olhar para eles de uma forma já diferente, mais agradecido. Eu passei a vê-los com mais amor, com mais carinho. Cobranças que eu fazia antes como filho, como os filhos fariam com os pais, como seria normal na sua infância ou na sua adolescência, porque eu coloquei uns limites, pensava ”Não pelo menos eu estou aqui, já de graça não é? Nesse caso eu não posso cobrar tanta coisa!”

No início, ao saber de sua condição e origem, sentiu-se deslocado, com um grande sentimento de vazio e também de rejeição. Faltava-lhe vontade até mesmo de levantar da cama. Provavelmente, Samuel entrou em um estado depressivo, confuso e turbulento até conseguir se organizar interiormente.

“...Às vezes eu acordava, eu me lembro, eu tinha um sentimento muito horrível, eu me acordava às vezes pela manhã, um sentimento, um vazio, eu não sei descrever não, muito horrível. É como se você estivesse em um lugar muito gelado e que você estivesse com um frio terrível dentro de você e aquele frio provocasse um buraco, uma coisa assim, um vazio tão grande. Eu passava, às vezes, minutos ou horas para me levantar da cama, para tomar coragem de sair da cama, de me levantar, tomar banho, tudinho e tal, trocar de roupa, aquela sensação de rejeição, sei lá, horrível, não tenho nem palavras para descrever.”

Acrescenta ter tido uma vida marcada por perdas, e isso lhe marcou, como fica evidenciado na fala:

“Então, a minha vida, foi uma vida de percas (referindo-se à palavra perdas), não tive minha mãe biológica, meus pais biológicos, perdi, fui passado para outra família, que essa minha irmã que me pegou para criar foi embora, outra perca, e que depois chega a notícia de que faleceu, morreu, outra perca.”

Quando questionado sobre se sofreu preconceitos, afirmou que houve por parte do próprio irmão. Chorava e se isolava quando sofria preconceitos.

“... Porque o primeiro preconceito que eu tive foi em casa, quando meu irmão soube ai ele veio contou tudo, eu tive preconceito em casa, mas lá fora não, com as pessoas lá fora não. Eu mesmo não me sinto no preconceito, dentro de mim não.”

Também sofreu preconceitos na escola e por isso tinha crises de choro e vontade de se isolar.

“Ah! eu chorava, eu chorava, às vezes não saía do quarto, queria me isolar, eu acho que eu comecei a criar essas barreiras com as pessoas. As pessoas diziam: ‘Ah, você é filho adotivo!’ ... mas eu sentia, às vezes, quando vinha aquela zombaria, o pessoal zombando, mangando, aí eu ficava em casa, não queria sair, ficava chorando, triste.”

Afirma que foi mais fácil após ter tido a verdade sobre a sua condição de adotivo e acha que os filhos devem saber de sua origem para que não criem fantasmas.

“ Foi mais fácil após a revelação. Hoje eu digo a qualquer pessoa, que pegar uma criança para adotá-la, que não esconda, vá logo dizendo a ela, vá logo dizendo aquela criança desde a sua infância que ela é adotiva, não escondam! Eu acho que fica tanto para os pais, como para a própria pessoa, um mistério, vai criando um monstro, um peso muito grande.

Incentiva a quebra dos medos e preconceitos e aconselha aos pais ir contando ao filho sobre sua origem desde bebê.

“Ah! O conselho que eu dou é que eles acabem com esse mito, com esse medo, porque pior é se você não contar! Eles vão ficar carregando esse segredo que vai se tornar um monstro, um peso, é um fantasma que você vive todos os dias que olha para o seu filho adotivo. O conselho que eu dou é o seguinte: desde os primeiros dias, mesmo que a criança esteja ali ouvindo, ou não tenha nenhuma consciência de quem é vocês, seja como eu fui, de peito ainda, que você já comece falar para ele.”

Fala da importância do afeto, do cuidado e da aceitação nas relações. Afirma ser a adoção um ato e escolha de amor.

“Porque na realidade essa coisa de ser pai e filho... Às vezes você está ali em uma família de sangue, biológica e tal, mas é maltratado, a gente vê aí na mídia, na televisão, não são pais, são verdadeiros animais que convivem juntos. E, às vezes, você é um pai adotivo e dá tanto amor, conforto e proteção àquele ser, que nem se fosse os pais biológicos. Então é independente de ser biológico ou adotivo, que você transmita para ele, na verdade quem ele é, que ele é adotivo, mas que na verdade a verdadeira aceitação de uma família, não é ser adotivo ou sanguíneo, eu acho que o pai adotivo é uma escolha maior do que o biológico

porque você já trouxe aquele ser para dentro da sua casa por amor, foi uma escolha de amor.”

Destaca os pontos positivos e negativos da adoção em sua vida.

“Tem seu lado bom, seu lado positivo e negativo. Pelo lado negativo, vejo toda essa turbulência de vida que deixa você com marcas de rejeição, de relacionamentos não duradouros, às vezes atitudes grosseiras, não agressividade física, mas de ação, de verbalização, às vezes impaciente, uma ansiedade, também mexe com a estrutura familiar. E pelo lado positivo é que eu olho para dentro de mim e vejo a importância e o meu valor, porque se eu cheguei a ser adotado, é porque, na realidade, eu tive um valor, algo bom que alguém viu em mim e me pegou para me tornar filho e ser criado. Ai eu olho para isso e me valorizo por esse lado.”

4.3. BEATRIZ

Tem 18 anos, possui o ensino médio completo e trabalha como comerciante, ajudando os pais em um restaurante da família. É solteira e reside com os pais adotivos, dois irmãos (filhos biológicos do casal) e duas irmãs, também adotivas, sendo a mais velha entre as irmãs. Supõe ter irmãos biológicos, mas não tem certeza, nem os conhece. Foi adotada recém-nascida, e teve acesso às informações sobre sua condição de adotiva e sua história pregressa a partir dos cinco anos de idade. Foram os pais quem contaram, mas, de acordo com a entrevistada, a mãe é mais aberta a conversar sobre o assunto.

“Meus pais me revelaram, foi mais minha mãe, ela sempre foi mais aberta com relação ao assunto.”

De acordo com os relatos da entrevistada, a revelação de sua condição aconteceu de uma maneira muito leve e tranquila, o que fica explícito nas falas e maneira de relatar sua história durante toda a entrevista. Foi observado pela entrevistadora que o modo como tudo foi passado para Beatriz colaborou para uma boa ressignificação de sua história, facilitando também a constituição de sua identidade, pois o assunto foi algo destilado no tempo e no espaço familiar de maneira natural, não como tabu ou algo diferente. A adoção é tratada de maneira positiva e saudável.

“Mainha disse: ‘ Olha, Beatriz você foi adotada...’ e contou a história, mas tudo aconteceu de forma muito natural. A partir de então, ela foi contando histórias. Muitos pais escondem, e quando a criança sabe fica com raiva ou se sentem

excluídas, ou querem conhecer os pais, querem conhecer a história, vão atrás, se revoltam. Comigo não aconteceu nada disso, porque, desde pequenininha, desde que eu me entendo por gente, meus pais começaram a me falar, e foram contando naturalmente, me falaram minha história, o pouco que eles conheciam de minha mãe incubadora... Então foi desse jeito assim, tudo se deu de uma maneira normal, muito natural. Eles não me esconderam, não me deram motivos para ninguém dizer: “ Eita, Beatriz é adotada!” E eu nunca me senti assim, eu me sinto normal.”

A entrevista de Beatriz indica que, de fato, nessa família aconteceu uma adoção bem sucedida. Ela vem comprovar que a condição de adotivo e história pregressa quando contadas da maneira adequada, livre de medos, mitos, tabus e preconceitos são dispositivos favoráveis a uma boa constituição da identidade do sujeito adotivo. Como pode ser visto em uma das falas da entrevistada:

“Parece estranho, às vezes eu digo: “ Caramba, eu acho que eu tenho o mesmo sangue que eles, não é normal, eu me sinto tão da família, é uma ligação assim, muito forte, eu não sei nem como é que eu posso explicar isso!”

A adoção de Beatriz se deu pelo fato de sua mãe adotiva desejar ter uma filha mulher, visto que já tinha filhos biológicos, no entanto, homens. Isso aparece como uma particularidade na história da entrevistada, quando comparada aos outros participantes da pesquisa. Sua história e condição de adotiva sempre foi tratada de forma muito natural e tranquila, tendo seus pais adotivos se posicionado de maneira muito aberta. A mãe adotiva de Beatriz a pegou logo que nasceu, ainda melada de sangue, e já foi registrada no nome dos pais adotivos. De acordo com ela, seus pais lhe informaram que o motivo conhecido da entrega para adoção foi a falta de condições financeiras por parte de sua mãe biológica. Eles sempre lhe contavam:

“Olhe, sua mãe passava muita dificuldade, não podia criar você, então colocou você para adoção. Ela sempre lhe amou, colocou você para adoção, e aparecemos eu e sua mãe, que a gente não conseguia ter menina, sempre menino e sua mãe sempre teve o sonho de ter uma menina.”

Ainda sobre isso afirma Beatriz:

“... Então quando mainha me viu, que ela disse que foi tocar em mim, então eu segurei o dedo dela, ela disse que começou a chorar, o coração dela disparou. Então ela disse, ‘É essa menina’. Então, para mim, eles foram enviados, por isso eles são meus anjinhos, Deus enviou para mim.”

Beatriz sente desejo de conhecer seus pais biológicos, embora acredite ser mais difícil conhecer o seu pai, pois, de acordo com as informações que tem, ele é caminhoneiro e não se sabe onde mora. Ela também sente muita vontade de ajudar financeiramente sua família biológica, pois sabe que passa muitas necessidades, muito embora não esconda o medo que sente em ser rejeitada outra vez.

“...Eu estou pensando em ir conhecer minha mãe biológica, em setembro, para eu conhecê-la e poder ajudar, porque eu sei que ela passa muitas necessidades... Isso, de poder ajudar, eu não tenho rancor, eu não tenho raiva, eu não tenho nada; eu só tenho medo da rejeição, de ser rejeitada, de ela não querer me conhecer, mas isso faz parte, né?!”

4.4. ANA VIVIANE

Tem 47 anos, possui o curso superior completo em serviço social e atualmente trabalha como assistente social. Reside com o esposo e uma filha na cidade de Recife-PE. Também tem um filho, mas este mora sozinho. Foi adotada ainda bebê e só ficou sabendo de sua condição de adotiva durante sua adolescência, com quatorze anos de idade, durante uma discussão com a mãe adotiva. Ana Viviane não tem muitas informações sobre sua história de origem; sabe apenas que ao chegar na casa de sua mãe adotiva se encontrava muito doente.

“Eu soube com 14 anos, e minha mãe dizia muito assim:” Ah! quando você era novinha, quando você chegou aqui em casa, com um ano e pouco, você era muito doente”, ai assim, eu acredito que eu fui adotada mais ou menos com essa idade.”

Afirma que o que sabe de sua história de origem é o que ouviu falar, pois não tem certeza sobre ela. Sua mãe, quem poderia fornecer essas informações, já é falecida e após sua morte essa história virou segredo de estado, e nenhum outro integrante da família fala sobre ela.

“Na verdade é o que falam, porque eu não tenho a história real. Porque ninguém fala exatamente como foi, é um segredo de estado. Minha mãe morreu e levou o segredo e ninguém revela exatamente como foi a minha história.”

De acordo com ela, a mãe adotiva criou uma história e a passou como sendo a verdade, afirmando que era filha de uma empregada doméstica negra com o dono da casa, que era um alemão, no intuito de poder também justificar a cor de sua pele.

“...Porque justamente foi criada uma história, a minha mãe que me criou ela criou uma história e passou isso como verdade, quando eu era adolescente, você sabe que todo adolescente é danado, é rebelde isso e aquilo outro, então ela dizia: “Ah! quando você crescer, que você completar 18 anos eu vou lhe dizer uma verdade” e ela passava muito na cara dizendo assim: “Não sei porque seu pai lhe registrou?! Ele lhe deu um nome!” e eu não entendia. Aí quando eu estava com uns 14 anos mais ou menos, aí foi que ela disse que eu não era filha dela, que eu era filha de uma empregada doméstica com o dono da casa, o cara era alemão e a empregada era negra, e ela dizia isso porque tinha que justificar a minha cor, e aí eu era filha dessa mulher, e quando eu cheguei na casa dela eu cheguei muito doentinha e ela ficou comigo.”

No entanto, ao mesmo tempo em que contava essa história, sua mãe dizia também que o seu pai outrora havia saído de casa e que ela havia ido buscá-lo. Ana Viviane relata que refletindo sobre isso junto ao seu esposo, chegaram à hipótese dela ser fruto de uma relação extraconjugal de seu pai e que aceitá-la seria condição para que ele pudesse voltar para casa.

“Só que nas falas dela, ela dizia que, (quando meu pai morreu, o que me adotou, eu tinha quatro anos de idade), nas falas dela ela dizia que o povo dizia assim para ela: “ Por que você não entrega essa menina, Bernardo(pai) já não morreu ? Tinha essa fala e depois tinha uma outra fala dela que ela diz, que meu pai saiu de casa e que ela foi buscá-lo. Aí meu esposo, que é metido a detetive, foi juntando as falas e a gente acha que eu sou filha de meu pai com alguma amante e que a condição de ele voltar para casa seria ele me trazer. E aí ela aceitou e ele me deu um nome, ele me registrou, Quando já eu adulta, com filhos, anos atrás, antes dela morrer, antes dela cair doente, ela chegou para mim e disse assim: “Você tem outros irmãos, seu pai era muito danado, mas nunca revelou nada, então eu não sei...”

A mãe adotiva sempre ameaçava contar “uma verdade” e diante disso Ana Viviane ainda que durante a entrevista tenha negado que desconfiava de algo, em sua fala percebe-se que já sentia algo estranho nas entrelinhas das falas da mãe.

“Não, não desconfiava. Agora minha mãe tinha umas brincadeiras, que eu acho que toda mãe tem com o filho, ela dizia “Ah! você foi encontrada na caixa de sapato” ou dizia que minha irmã tinha sido encontrada no ônibus, essas coisas... Mas isso era geral. É interessante, porque quando ela ameaçava eu

sabia que tinha alguma coisa estranha, mas jamais imaginava que pudesse ser isso não.”

Também relata que a partir dos nove anos de idade sua mãe começou a sinalizar de maneira mais enfática, ameaçando-a frente à tentativa de controlar a situação substituindo os momentos de brincadeiras pelos afazeres domésticos.

“Agora minha mãe ficava dando as sinalizações, acho que a partir dos nove anos, ela já começou: “Um dia vou lhe dizer uma verdade!”. Ela ficava na ameaça, na ameaça, na ameaça, até porque eu era muito ruela, adorava rua, brincar, e ela queria que eu ficasse dentro de casa arrumando, limpando, aquela coisa toda e eu era muito moleca mesmo.”

Além disso, também existiam ameaças de levá-la para a FEBEM, lugar de quem não tem pai, nem mãe, segundo o discurso da mãe adotiva.

“...Então assim, ela não tinha muita paciência não. E aí foi quando ela disse, tinha aquela história de que você vai para FEBEM, porque na época existia a FEBEM: “Você vai para FEBEM porque na FEBEM é o lugar de quem não tem pai, de quem não tem mãe” e aí eu: “Está certo, eu vou para FEBEM”, eu arrumava minhas coisas para ir para FEBEM, aí minha mãe não me levava para FEBEM” desarruma as coisas porque eu não vou para FEBEM, enfim, foi nessa idade.”

A revelação de sua condição de adotiva aconteceu em um momento de briga, onde a sua mãe adotiva afirmou não ser a sua mãe, justificando sua cor de pele decorrente da união de uma mulher negra e o pai alemão.

“Em um momento de briga, em um momento de... Assim, jogando mesmo na minha cara. Ela já vinha sinalizando, ela sempre passava na cara “Não sei porque seu pai lhe deu um nome? Não sei porque seu pai lhe deu um nome?” Ela renegava muito isso, e aí foi nesse dia que eu acho que ela não aguentou, eu acho que ela segurou o máximo que ela pode aguentar. Foi quando realmente ela revelou dizendo que eu não era filha dela, que eu era filha da empregada, aí ela criou a história e ela sustentou essa história o quanto pôde. Ela dizia que meu pai era alemão e que minha mãe era negra, para justificar por eu não ser negra, por eu não ter feições, embora “negra” seja uma questão de preconceito, mas você sabe que o negro ele tem as suas particularidades, feições e eu não tinha, e aí ela tinha que justificar de alguma forma, então foi dessa forma que ela revelou.”

Relata as consequências dessa revelação feita de maneira inapropriada e as reações frente a isso.

“E aí assim, o que é que causou isso na minha vida, na adolescência? Eu estava no auge da minha adolescência, então assim, foi muito difícil porque eu passei a ter um complexo de inferioridade muito grande, e isso eu me sentia menos do que todos, na forma de eu andar, eu tinha crises de choro, e aí enfim...”

Uma outra reação foi ter se tornado “namoradeira”, julgando ser essa reação expressão de necessidade de afeto.

“...E eu paquerava todos os homens, eu acho que era a necessidade de afeto, o cara que se aproximasse de mim e me desse atenção eu já estava a fim dele...”

Destaca que passou por um período de muito sofrimento até conseguir amadurecer questões relativas à sua identidade. Mesmo assim, fala do sentimento de gratidão desenvolvido pela mãe adotiva.

“...E o próprio dia a dia, você passa por um período que sofre muito e depois vai amadurecendo essa questão da sua identidade e aí eu comecei a pensar assim: “Sabe de uma coisa?! Se eu sou filha de uma amante de meu pai, não foi fácil minha mãe me criar, porque eu sou fruto de uma traição, e eu fui criada com muito amor, minha mãe por mais que ela tivesse o jeito dela assim, muito autoritária, mandona, briguenta, mas ela me deu muito amor, me deu educação, me deu princípios, então eu tinha que ser grata por tudo isso.”

O pai adotivo de Ana Viviane faleceu quando ela estava com seus quatro anos de idade. Várias são as histórias que existem como hipótese de ser a sua real história de origem: como já destacado, desconfia inclusive de ter sido fruto de uma traição de seu pai, que supõe não ser pai adotivo, mas de fato o pai biológico. Possui poucas lembranças do pai, mas afirma que as que tem são bastante significativas e boas.

“...Agora engraçado que eu tenho uma lembrança de meu pai, muito pouca mas eu tenho, e nessa lembrança eu era muito querida por ele... mas são lembranças vagas, porque você com quatro anos você não lembra não.”

Ana Viviane foi registrada apenas no nome do pai adotivo e relata que sua mãe adotiva renegou por muito tempo o fato de dele a ter registrado. Oscila muito entre momentos de busca de sua origem e momentos em que prefere deixar para lá, criar sua própria história ou deixar com que ela surja espontaneamente.

“Meu pai e minha mãe adotiva, que ele (pai) registrou. Minha mãe passou muito tempo na cara isso, ela renegou o fato dele ter me registrado, me dado um

nome porque se dependesse dela ele não teria dado, então você vai juntando as coisas. E aí depois eu disse: “Sabe de uma coisa? Deixa essa história para lá! Eu acho que se tiver de vir, vai vir a verdade completa, e enfim... E eu fui, fui, perdendo e deixando para lá. De vez em quando eu me via em umas crises meio que “Vou atrás para ver se é isso mesmo que me contam!” Aí depois eu penso: “Sabe de uma coisa? Isso vai mexer com tanta da gente, vai mexer com a cabeça de tanta gente... E depois eu posso nem ficar feliz com algo que eu venha a saber, deixa como está, porque eu estou tão bem! Tenho minha família, tenho meu marido, tenho meus filhos, sou amada por todos, para que é que eu vou ficar buscando mais coisas, não é?!”

Em dado momento sua mãe quis contar a sua história de origem, no entanto, Ana Viviane não quis saber, como a mesma destaca:

“...Quando minha mãe morreu, aí eu disse agora eu vou saber, porque eu achava que ninguém dizia em respeito a minha mãe, embora meu esposo mesmo disse: ‘Quando sua mãe quis dizer você não quis saber de todos os detalhes’. Eu corri, eu mudei de assunto, acho que talvez eu não estivesse nem preparada para saber bem, mas agora ninguém fala, ninguém revela mais nenhum detalhe, apenas dizem que sou muito querida, que não sei o que...

A mãe adotiva de Ana Viviane também já faleceu, e mesmo após a sua morte, ela ainda foi em busca da história verdadeira sobre a sua origem, no entanto, nem os seus irmãos, nem o restante da família se dispõem a falar no assunto, tratando sua história como um “segredo de estado”.

“...Eu não tenho nem ideia de quem possa ser minha mãe biológica, ainda tentei, escrevi uma carta para minha tia que é irmã dele, que mora em Brasília, pedindo a ela que me dissesse, que revelasse, e ela só respondeu dizendo: “ Eu só me lembro que você chegou estava muito doentinha e coisa e tal”. Meus irmãos já futuquei tudinho...Mas ninguém abre, então eu não tenho o conhecimento completo de como é essa história. Eu criei o restante dessa história.”

Ana Viviane optou por uma busca incessante de suas origens, mas foram todas tentativas frustradas. Atualmente ela ainda deseja conhecer sua história, mas não mais com tanta intensidade. Ana Viviane através de sua mãe adotiva também obteve a informação de que tem irmãos biológicos. Antes de morrer sua mãe quis lhe contar todas as informações a respeito de sua história, mas ela não quis saber.

“...Quando já eu adulta, com filhos, anos atrás, antes dela morrer, antes dela cair doente, ela chegou para mim e disse assim: “Você tem outros irmãos, seu pai era muito danado”, mas nunca revelou nada, então eu não sei...”

Fala da relação conflituosa com a mãe e das torturas psicológicas que ela fazia com Ana Viviane, colocando a condição de adotiva como algo que geraria inferioridade e exclusão social. Sempre enfatiza a religiosidade como uma força que a impulsionou à superação dos obstáculos e situações difíceis que encontrou pelo caminho.

“Minha mãe fazia muita tortura comigo, eu acho que eu sou até bem resolvida graças a Deus mesmo, e aí ela dizia assim: “Se as pessoas souberem, descobrirem ninguém vai querer ter mais amizade com você, Renato vai acabar o namoro’. E aí eu me lembro que eu procurei o padre, eu acho mesmo que minha força veio mesmo de Deus, toda minha fortaleza, eu me agarrei muito a Deus, não foi a toa também não! Ele sempre colocou anjos na minha vida que foram me conduzindo, como meu marido hoje é um anjo, enfim...”

Ao longo de sua caminhada religiosa, envolvida nas atividades da igreja Católica da qual fazia parte, Ana Viviane conheceu um rapaz, o Tony, que foi de extrema importância no processo de elaboração e ressignificação de parte de suas questões e conflitos em torno de sua história e condição adotiva. Em uma de suas conversas com Tony, que também fazia parte da mesma comunidade religiosa, Ana Viviane lhe contou um pouco sobre os seus conflitos com sua mãe, sua condição de adotiva e seus questionamentos voltados para a sua história de origem. Tony, por sua vez, a aconselhou, mostrando também o lado de sua mãe e dizendo que uma forma de superar tudo aquilo seria falando sobre o assunto. Assim, ele a estimulou a começar a falar, dando seu testemunho em grupos que tinham como foco a evangelização, e também em encontros de casais.

“Aí eu me lembro que era num barraco lá cheio de menino, cheio de pirralhos e eu sentada no birô assim em cima e ele me fez falar da minha condição de adotiva e assim, para mim aquilo foi muito bom, foi a primeira vez que eu enfrentei e tive coragem de dizer “Eu sou adotada”. Então eu falei isso para as crianças, e ao mesmo tempo que eu dizia isso, eu dizia o quanto Deus era bom para comigo, porque tinha que ter um porque de eu estar dizendo aquilo ali, não era só para dizer “Ah! eu sou adotada”, não, porque Deus era bom para comigo, porque ele não tinha me abandonado, então eu estava dando meu testemunho.”

Acha que a partir desse momento, incentivada pelo amigo, ela encarou com mais naturalidade o fato de ser adotiva e passou, inclusive, a ajudar outras pessoas que eram pais adotivos, como mostra a seguinte fala:

“...E aí eu fui, eu acho que foi a partir daí que eu comecei a enfrentar, a encarar mesmo a minha condição sem ter vergonha, porque até então eu tinha vergonha, e aí eu me lembro como eu me senti importante. Depois os casais vinham me procurar para se aconselhar comigo, e aí pô, eu tinha o que?! Meus 16 anos, 17 anos, os casais vinham e diziam: “E aí, o que você acha, eu tenho também uma filha que é adotiva, você acha que eu devo dizer agora? Você acha que eu não devo dizer?” Então se aconselhavam comigo e aquilo para mim era o máximo, e aí eu acho que isso aí foi que ajudou, sabe?! Me ajudou a superar e enfim...Eu passei a não ter mais vergonha.”

Mesmo assim, relata situações em que se sente mais afetada frente à sua condição de adotiva e ausência de maiores informações da história pregressa. Afirma inclusive, que não consegue ficar parada, que vive em uma constante busca (pinta, inventa moda, borda), e associa isso à busca de suas origens.

“Não tem como você achar que o fato de você ser um filho adotivo isso é uma página virada e acabou, com certeza não tem, e outra coisa também, não tem como você esquecer disso não, não tem não tem! Porque vira e mexe você se pega se perguntando. Não tem aqueles programas de Eliane, de Gugu? Menina eu choro que é uma beleza, aí fico para baixo, aí depois passa! Mas vem, pô, poderia ser comigo, eu poderia estar encontrando a minha família biológica’. Eu acho que é por isso que eu vivo procurando o que fazer, estou sempre em atividade, sempre em atividade, eu não posso parar, eu não paro! Se você me ver parada eu estou doente, eu estou sempre em busca, em busca de fazer alguma coisa, e aí vai ver que tem alguma coisa haver né?! Vocês que são psicólogos são quem dizem... (rsrsrs)”

Apesar de relatar tantos momentos conflituosos e caracterizar a mãe adotiva como malvada e carrasca, destaca momentos de trocas de carinho e conversas agradáveis. Fala também da aparência física parecida, apesar da ausência da gestação biológica.

“...Quando ela estava de bom humor, quando ela estava boazinha, ela dizia assim, “Você se parece muito comigo”, ‘Parece mais que você é minha filha verdadeira’, quando ela estava nas graças dela ela fazia os carinhos dela,

dizia: ‘Parece mais que você saiu de dentro de mim, porque sua irmã é diferente, e você parece mais comigo do que ela’. E aí se as pessoas me vissem com minha mãe, não tinha isso não, não sei a natureza o que é que faz que você acaba se afeiçoando, a aparência começa a ficar meio semelhante, sei lá...”

Uma outra particularidade que aparece na entrevista de Ana Viviane e que merece atenção especial é a importância que ela atribui ao psicólogo no processo de revelação da condição de adotiva. Ela enfatizou que a ajuda do psicólogo é importante para um desenvolvimento saudável do processo adotivo.

“Agora que isso seja feito de uma forma muito tranquila. Hoje em dia a psicologia está aí, os psicólogos ajudando nesse processo e aí as coisas vão se construindo de uma forma muito natural.”

Quando questionada se já sofreu ou sofre algum tipo de preconceito, sinaliza o preconceito criado por si mesma, como reflexo do de sua mãe adotiva.

“Eu que criei o preconceito, pelo que minha mãe colocava para mim ‘As pessoas não vão querer saber de você’ ‘As pessoas não vão lhe aceitar quando souber quem é sua mãe’, então quem criou o preconceito fui eu mesma devido ao que foi passado para mim. Mas quando as pessoas ficam sabendo de forma alguma, ao contrário, as pessoas dizem: ‘É mesmo, pô, que massa! Não sei o que...’”.

A entrevistada faz crítica, enfatizando os estigmas ainda existentes em meio à sociedade. Ela destaca inclusive o preconceito existente por parte da própria mãe.

“...As pessoas têm um estigma em relação à pessoa que é adotada. O filho biológico pode ser mau tanto quanto o adotado, não é porque ele é adotado que ele é ruim, não está no sangue, porque minha mãe dizia assim: “Está no sangue, é sangue ruim”. Não existe isso não, eu acho que você é fruto do meio, você é gerado e você cresce, então hoje eu levanto a bandeira, quando alguém começa a falar essa coisa “Ah! porque é adotado”, eu parto logo para a defesa e digo “Eu sou adotada e daí?”

Relata que alguns integrantes da família se surpreenderam com a dedicação de Ana Viviane para com a mãe, assim como também com o seu posicionamento diante da vida.

“...E tem uma tia que faz assim: “Como você era querida por Dorinha” “Como você se dedicava a Dorinha!” Essa é uma tia mais distante, até porque ela tem uma condição financeira diferenciada, e ela sempre presta muitos elogios a

mim. Porque eu acho que o que esperavam de mim era que eu fosse ruim, isso ou aquilo outro, não aconteceu. A minha mãe teve mais trabalho com a minha irmã do que comigo.”

4.5. ÍTALO

Tem 49 anos, cursou até a 5^o série do ensino fundamental e atualmente é comerciante. Reside com a esposa e a mãe adotiva na cidade de São Caetano- PE. Tem dois filhos biológicos, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, mas estes não moram consigo. Ítalo tem seis irmãos biológicos e uma irmã adotiva, filha biológica de sua mãe adotiva. Atualmente tem mais contato com a irmã adotiva, que mora em Caruaru, do que com os irmãos biológicos, pois um mora em Recife e os outros em São Paulo. Sua mãe biológica morava na zona rural da cidade de São Joaquim do Monte e o entregou para adoção por falta de condições financeiras. Sente-se um privilegiado por ter sido adotado por essa família.

“...Me pegaram para adotar porque minha mãe biológica não tinha condição financeira. Na época tomar conta de um monte de menino tudo pequeno, né?! São sete filhos comigo, então eu me senti um privilegiado por ter sido adotado porque eles (pais adotivos) tinham mais condição financeira de dar o sustento que eu merecesse.”

Além de tudo, sua mãe biológica era separada do pai de Ítalo, desde cedo, tinha dois filhos que já trabalhavam vendendo côco na rua e outros em serviço braçal, para ajudar no sustento dos irmãos mais novos. Seu pai biológico faleceu quando ele tinha de oito para dez anos de idade.

“Veja só, meu pai mesmo, meu pai biológico ele faleceu, eu tinha aproximadamente uns oito, dez anos de idade, e ele também se separou da minha mãe no início também. Aí teve aqueles problemas todos de família e ela ficou sem condições, e através disso, eu tinha também outros dois irmãos meus que vendiam côco e tal, essas coisas, trabalhavam na rua, outros trabalhavam em serviço braçal, isso tudo pra sustentar os menores de casa, porque da família todinha eu sou o último, o caçula.”

A mãe biológica de Ítalo veio a conhecer a família adotiva dele através de uma amiga que era vizinha da família. Então se conheceram e souberam que ela queria dar

seu filho, daí comentaram com a amiga vizinha e ela fez a articulação, foram lá e o levaram, nessa época, com dois meses de idade.

“Não, ela não conhecia, ela veio a conhecer essa família por uma amiga dela que era vizinha de lá... que vivia andando muito por lá e elas se conheceram e sabia que ela ia dar... Contaram ao meu pai e minha mãe adotiva e eles disseram: “Eu vou querer!”. Foram lá e me levaram nessa época, com dois meses lá no sítio.”

Ítalo morava na zona rural de Bonito e teve a sua condição de adotivo e história pregressa revelada por seus pais adotivos em um momento em que precisou levar o registro para uma escola do município para poder se matricular, quando tinha 13 anos de idade.

“Meus próprios pais adotivos foi quem revelaram, inclusive porque eu tinha que estudar lá em Bonito e tinha que ter o registro pra fazer a matrícula, e tinha que levar, naquela época nos sítios não é? Então tinha que levar, então aí foi que foi revelado.”

Ele foi registrado no nome dos pais biológicos e sempre os conheceu, só que não na condição de filho. Seus pais biológicos, principalmente sua mãe e irmãos, sempre iam lhe visitar, mas esta fora apresentada a ele, desde cedo, como madrinha. Ele destaca que isso não foi motivo para pensar em abandonar os pais adotivos e voltar para o seio da família biológica. Tem um posicionamento firme quanto à sua permanência na família adotiva.

“Minha mãe biológica ia sempre lá em casa, mas eu não sabia, eu tinha ela como madrinha, meus pais adotivos diziam: “É sua madrinha, essa é sua madrinha”, mas sempre tinha aquela desconfiança, e também eu não ia deixar os meus pais adotivos para voltar para os meus pais biológicos.”

Antes da revelação, Ítalo já desconfiava de sua condição pela cor de pele, pois é branca, enquanto que sua mãe tem a pele morena. Além da desconfiança, Ítalo se sentia constrangido e se questionava muito.

“Eu discutia um pouquinho e desconfiava em relação à cor, porque minha mãe é um pouco meio morena, meu pai não, a pele era clara, mas minha mãe é um pouco morena e eu que sou branco ficava meio assim constrangido, mas... Ficava naquela dúvida, aí depois quando a gente tem lá seus 10, 11,12 anos é que a gente vem ter uma noção, porque isso há uns 37 anos atrás...”

Após a revelação, sua irmã adotiva sempre lhe incentivara a ir à procura de seus irmãos biológicos em São Paulo, mas com interesse financeiro, em fazer com que Ítalo fosse embora para poder ficar com toda parte da herança. Ele, por sua vez, nunca teve interesse em abandonar os pais adotivos e sempre manteve contato com sua família biológica, mostrando uma boa aceitação de sua condição de adotivo.

“Bom depois que me contaram, minha irmã, a que é minha irmã adotiva, sempre ficava incentivando pra também eu procurar meus irmãos, ir embora pra São Paulo procurá-los, justamente pelo interesse nos bens materiais, pra eu pegar, largar os velhos lá e ir embora atrás de minha família lá pro lado de São Paulo. Eu disse:” Não, não me interessa não, vou ficar aqui mesmo com eles. E permaneci com eles...”

Ítalo, atualmente, tem acesso e contato com sua família biológica, principalmente os irmãos, mesmo morando distante e coloca a experiência da sua adoção como algo bastante positivo.

4.6. SUZANA

Tem 62 anos, possui segundo grau completo (Magistério). Atualmente trabalha informalmente com culinária (tortas). Reside com o esposo, a filha caçula e uma neta. Possui um irmão adotivo, sete irmãos biológicos da primeira família por parte do pai biológico, e mais dois irmãos biológicos da segunda família de seu pai com sua mãe, da qual ela é fruto, totalizando, assim, nove irmãos biológicos. Suzana é fruto de uma adoção intrafamiliar, tendo sido adotada por uma de suas tias, irmã de seu pai biológico, a qual já havia sido desenganada pelos médicos de que não podia gerar filhos.

“...Ela é minha tia, irmã de meu pai biológico. Ela não tinha filhos, não podia ter filhos, e a história dela foi essa, o médico desenganou mesmo, disse: ‘A senhora não vai ter filho nunca’. Então ela resolveu adotar, porque ela tinha vontade de ter filhos, então adotou, eu e um irmão meu, quando o meu pai biológico faleceu. Eu não o conheci, ele veio a falecer então ela criou nós... Eu e o meu irmão do meio fomos criados com uma tia e o mais novo foi criado com outra, mas só que eu não sabia que ele era meu irmão não, pra mim era primo. Agora assim, eu sentia uma coisa diferente, porque eu gostava muito dele, eu ia lá tudinho visitar, a gente gostava um do outro, mas não sabia que era irmão, ai foi isso!”

De acordo com a vontade de seu avô, que não queria que os netos fossem criados fora do contexto da família biológica, ela foi adotada por essa tia, que, posteriormente, veio a ter seu filho biológico quando Suzana já estava com sete anos de idade. Afirma sempre ter tido uma ótima relação com esse filho que sua mãe adotiva veio a ter, considerando-o verdadeiramente um irmão. Nota-se que Suzana de fato adotou esse irmão, dispondo-se inclusive a cuidar dele.

“...Porque assim, ela veio a ter um filho, quando eu estava com sete anos, ela teve seu filho biológico, então foi uma felicidade, não é?! Pra ela, ela deveria estar bem feliz, porque como ela criou eu e meu irmão ela se desligou, então ela veio a ter um filho, um filho maravilhoso, muito bom. Eu o considero meu irmão, porque eu tinha sete anos, eu cuidava dele mais do que ela, então eu considero mesmo. Ele é meu irmão pra todos os efeitos, ele é meu irmão!”

Sua mãe adotiva não falava sobre a adoção com Suzana e seu irmão. Os seus irmãos biológicos da primeira família de seu pai foram apresentados como primos.

“Ela nos criou sem a gente saber, ela não falava quando a gente era pequeno que era adotado, de jeito nenhum, inclusive eu tinha os meus irmãos da primeira família de meu pai, e falavam que eram meus primos, sendo irmãos, e eu não conhecia eles como irmãos. Porque ela era assim, nada eu sabia, pra ela eu era filha dela ai e pronto. Se resumia ali, filha dela. E eu vim saber já era adulta, já maior, assim, jovem, foi que eu vim saber.”

Suzana foi adotada com um ano e meio de idade e só ficou sabendo de sua condição de adotiva e história pregressa durante a passagem de sua adolescência para a vida adulta, aos 19 anos de idade. Isso ocorreu no momento de uma discussão com a sua mãe adotiva, em que esta, gritou imperativamente que não era sua mãe.

“Foi a minha mãe mesmo que me falou. Eu depois fiquei triste porque foi na hora da raiva. Porque essa fase, essa idade, é muito assim, teimosa, eu era teimosa, eu não era diferente das meninas de hoje, todas somos iguais, não é?!. E ai eu teimosa, querendo fazer as coisas, sair, às vezes e ela não deixava, e foi na hora da raiva, que ela disse: “Eu não sou sua mãe!...”

Suzana já sentia algo estranho e desconfiava de sua condição de adotiva antes desse momento, pois sua mãe lhe negava o acesso ao seu registro de nascimento. Outro aspecto também favoreceu as desconfianças de sua condição: os questionamentos das pessoas quanto à diferença de cor da pele dela e de seu irmão, conforme a seguinte fala:

“Talvez eu até já sentia, ou qualquer coisa, mas ficou adormecido lá, porque geralmente fica. É, eu desconfiava, bem antes, porque ela não deixava eu ver o registro, o meu registro ela não deixava ver, de jeito nenhum, então eu dizia: ‘Alguma coisa tem, alguma coisa tem no meu registro!’”. Então era isso, porque o meu registro tem o nome da minha mãe biológica, não tem o dela, porque quando a gente vê um caso de adoção, hoje, se passa o nome dos pais adotivos para o registro. E também pela cor da pele do meu irmão, ele loirinho, eu moreninha, chegavam os questionamentos, as especulações das amigas....Eu fui vendo assim, ai descobri porque era que os meninos perguntavam: ‘E ai, tu tem outro irmão!’, ai vinham as especulações, então ficavam perguntando: ‘E teu irmão?... ‘Mas porque que ele é loirinho e você é moreninha?’, ai ficava aquelas coisas sabe? Aí, eu dizia, é porque eu puxei à minha avó...”

A relação com a mãe adotiva parece ter sido difícil, passando por momentos conflituosos diante da forma com que foi revelada sua condição e também devido à rígida educação dada por ela. Achava estranho o comportamento da mãe que lhe deu pouca liberdade. Diz que a mãe adotiva era muito durona, carrasca e poderia ser mais carinhosa, tendo em vista que quando foi adotada era filha única.

“...Ela era assim, mais carrasca, aquela criação assim, eu não sei se era...Mas em tudo eu tirava proveito, ela fazia isso, ai eu pensava, por que ela fazia isso? Eu acho que com medo de eu fazer alguma coisa errada, que ela não sendo a minha mãe biológica... Agora eu ficava assim, por conta de que ela era assim muito durona, sabe?! Muito, muito mesmo. Ela não foi aquela pessoa... E eu achava estranho certos comportamentos. Porque eu era filha única e ela poderia ser mais carinhosa, sendo filha mulher, aquelas coisas... que acabam passando na cabeça da gente. Ela era muito carrasca comigo. A vida era assim: escola, igreja, eu não tinha liberdade de sair. Até uns tempos atrás eram outros, não era como é hoje. Mas mesmo assim, eu tinha as amizades, as colegas me chamavam, eu não saía, então via isso, que ela era muito durona comigo. Ela me criou de uma forma muito carrasca, ela não me deixava sair mesmo não, mas eu pensava, é minha mãe, cada um tem a mãe de um jeito, não é?!...”

Embora relate uma relação difícil com a mãe, esta parecia nutrir um amor possessivo por Suzana, conforme destaca a entrevistada.

“...Depois, quando eu saí de lá, antes de me casar, assim, fui pra casa da outra minha tia, por que? Porque ela não queria que eu casasse! É daquele amor possessivo, ela tinha um amor possessivo, aí ela não queria que eu casasse, aí eu disse: “Não, se eu não sair daqui, eu não vou casar nunca!”. Aí eu fui pra casa da minha tia, foi quando eu conheci o rapaz que hoje é o meu esposo...”

Já a sua relação com o pai adotivo, ela afirma ter sido muito positiva. Percebe-se que houve, de fato, uma aceitação por parte desse pai.

“Meu pai de criação, diferente dela, era aquela pessoa doce, aquela pessoa meiga, nunca bateu em mim, ele eram muito bom, ele era uma pessoa bacana. Ele me chamava: ‘Minha menina!’, minha menina toda a vida...”

Afirma que não gostou de saber de sua condição de filha adotiva. Destaca que ficou chocada, constrangida, sem querer saber, apresentando sentimento de raiva. Também diz que, apesar de ter sido tido uma educação rígida, gostou de ter sido adotada por ela e que esta também apresentava um lado bom, de moral e princípios que foram bem transmitidos.

“Agora é tão interessante, porque às vezes você quer saber a verdade, o filho adotado é assim: ele quer saber a verdade e ao mesmo tempo ele não quer, é como se ele tivesse ali, ali formou uma família, ali foi formada uma família, eu, meu irmão, mais meu pai e minha mãe, e então eu consegui ali aquela família, então eu não quero saber aquele outro lado. Eu não gostei de saber, então eu queria continuar sem saber, então é como se estivesse adormecendo algumas coisas assim lá atrás, aí eu não queria saber, aí eu fiquei assim, com raiva, chocada, constrangida, sem querer saber, porque mesmo ela tendo me criado com aquela dureza, muito durona comigo, mas eu gostava dela, e assim, ela também gostava, porque também ela deu o que: eu fui criada em um ambiente bom, ela era uma pessoa muito formal, uma pessoa de personalidade boa, então eu gostava. Eu achei bom ter sido criada com ela, mesmo, apesar de eu ter sofrido um pouco, porque um jovem sofre se não deixa você fazer as coisas que você quer, cria você naquele regime, como quase militar, você não gosta, mas mesmo assim, eu disse: “Não ela me criou, eu tenho um ambiente, minha mãe deu exemplo, tive caminhada de igreja, ela deu aqueles exemplos pra mim”, então eu gostava desse lado dela.

Quando questionada sobre se mudou algo em sua relação com os pais adotivos após ter tomado conhecimento de sua condição de adotiva, Suzana afirma que, a

princípio sim, pois se sentiu decepcionada, mas que isso foi diluído com o tempo tornando a relação mais próxima, principalmente após o seu casamento.

“...Mudou assim, no começo mudou um pouquinho, eu fiquei assim, sem gostar do que ela me disse... É, realmente a gente fica assim: “Ele é meu tio, ela é minha tia, meu Deus e agora? Eu vou passar a chamar tio ou pai, tia ou mãe”? Aí eu fiquei naquela, passei uns dias sem chamar por nome, não chamava, nem tia, nem pai, nem mãe, não chamava por nome não, porque eu fiquei decepcionada, aí não chamei. Mas depois eu fui refletindo, a vida também vai ensinando a gente. Aí foi quando eu voltei a chamar mãe, mas eu passei uns dias sem chamar, porque foi um choque assim... Mas quando eu me casei e tudo, ela ficou mais amiga, ela dizia até a meu esposo: “Olhe, está vendo, dos filhos que não me dão problema, é Suzana!” Eu acho que ela se arrependeu, se arrependeu, ela depois até escreveu carta, mas eu não quis ler não, mas ela se arrependeu o que ela fez comigo, como ela me criou, daquele jeito carrasco, ela se arrependeu, então, eu a perdoei, porque eu digo: “Não, ela é minha mãe”, considerava mãe mesmo, a mãe que eu tive foi ela! E o pai... Ela ficou assim bem amiga mesmo, ia lá em casa tudo, ela teve o maior carinho, pra você ver... E os meus filhos, eu não passei nada disso pra meus filhos, eu nunca a coloquei contra os meus filhos, meus filhos todos tinham um carinho por ela, a avó deles, tinha um carinho grande mesmo por eles ...”

A aproximação com a mãe biológica se deu a partir de uma iniciativa da própria mãe, quando ela soube que Suzana, aos 24 anos, estava noiva, prestes a se casar. A participante, mesmo após ter tomado conhecimento de sua condição, nunca apresentou interesse em conhecê-la.

“Foi minha mãe biológica quem me procurou, porque quando eu vim conhecer, eu já estava noiva. Aí ela soube que eu ia me casar e me procurou, e outras pessoas também, da própria família mesmo ficavam dizendo: “Olha tua filha vai casar!”. Então ela se aproximou, eu já tinha casado no civil uma semana antes, e uma semana depois eu ia casar no religioso, então ela foi lá, aí foi quando eu a conheci, mas eu não senti nada, nada, nada de diferente, não! Senti assim uma pessoa estranha, pra mim era uma pessoa estranha. Agora depois que eu casei ela ficou indo, se aproximou, tudinho, aí tudo bem, gostava, mas não como eu gostava da outra. A outra me criou!”

Além de não ter gostado da forma com que foi revelada a sua condição, Suzana afirma que não queria conhecer sua mãe biológica, pois ao pensar na possibilidade, sempre se deparava com o sentimento de rejeição sofrido e os questionamentos frente ao fato de não tê-la criado. Além disso, diz que, ao se reaproximar, sua mãe biológica quis cobrar um amor que nunca deu e isso lhe repercutia de maneira muito negativa.

“Eu não queria conhecer! Porque eu pensava tudo aquilo que eu disse aqui: rejeitada, por que ela não criou? Aí então como é que ela agora quer saber de mim depois de eu grande?... E outra coisa, quando eu a conheci, ela só queria cobrar, cobrar o que? Um amor que não me deu!. Então isso assim também é muito, muito ruim!. O filho adotado é isso, quando a gente cresce aí aquele pai, aquela mãe, quer cobrar, pra uma coisa que ela não deu, então isso eu não gostava, eu não fiquei feliz em saber. Mas, a gente tem que... A vida traz surpresas pra gente e a gente tem que superá-las não é?! Saber superá-las, saber agir, passar por cima de tudo isso, numa boa, como se diz.”

Fala do sentimento de indiferença frente à aproximação com a mãe biológica, e afirma ter se sentido diferente frente a essa reação. Também destaca que se sentiu como se estivesse traindo a mãe adotiva, e que esta não aprovava nem permitia muito essa aproximação.

“Às vezes eu vejo assim, na televisão; “A filha conheceu a mãe biológica”, e geralmente fica tão feliz, abraça, mas eu não senti isso! Eu não senti! Eu digo: “Oh! meu Deus, por que eu sou tão diferente?!” A minha reação não foi, de chegar, de ficar feliz, abraçar, não, não foi! Eu não queria conhecê-la. E também assim, eu fiquei assim, sentindo que eu estava traindo a outra, traindo a minha mãe de criação. Então ela não deixou eu me aproximar muito dela. Me aproximar mais da biológica. Porque eu sentia que estava traindo a minha mãe adotiva. Então era isso, eu sentia isso aí!”

De acordo com o discurso apresentado pela mãe biológica, a motivação para doar a filha foi a falta de condições financeiras, no entanto, Suzana deixa claro em suas palavras que não aceita, tão pouco compreende essa justificativa.

“Diz que não criou porque tinha que trabalhar, e que tinha os três filhos, que tinha que trabalhar, seguir a vida dela e não podia criar a gente, então ela deu. .Aí diz que deu porque não pôde criar, aí fica aquelas coisas. Só que a gente pensa: “Não, Deus ajuda!” A gente tem esse pensamento, que não deve dar, eu mesmo, hoje, eu vou dizer a você, jamais eu daria um filho meu! Mesmo que eu

não tivesse condições financeiras, o que fosse, eu trabalhava, eu levava o meu filho, mas eu nunca daria o meu filho, de jeito nenhum.”

Suzana não chegou a conhecer seu pai biológico, pois ele faleceu quando esta ainda era muito nova. Conhece os outros membros da família, inclusive seus irmãos eram tidos como primos. Suzana e seu irmão do meio foram criados juntos, tendo sido adotados pela mesma tia, enquanto que seu irmão biológico caçula foi adotado por uma outra tia. Ela afirma ter sentido bastante a separação e o fato de não terem sido criados juntos pela mesma família.

“...E eu senti muito porque éramos em três, e eu até hoje me lembro assim, aquela separação, do meu irmão mais novo, porque são três, eu sou a mais velha, o meu irmão do meio, que foi criado junto comigo e tem o caçula, a diferença é apenas de um ano de um pra o outro. O caçula, justamente foi criado com outra família, com outra mãe, teve outra mãe, então eu senti essa separação dele, eu era pequena, mas eu senti.”

Afirma que sofreu e sofre preconceitos e por parte da própria família.

“Sim, da família, é mais da família! Vem o preconceito, mas a gente não vai perguntar, só que a gente sente! A família da esposa do meu irmão diz: “Aquele menina não é irmã dele mesmo, é adotada”. Aí a gente sente aquele preconceito, realmente a gente sente! Eu já senti!... Há um tempo, eu bem mais nova, logo quando eu soube, eu senti muito forte isso, mas depois a gente vai amadurecendo, isso aí vai saindo mais da cabeça da gente, mas a gente sente muito.”

Suzana relata que os preconceitos diminuíram consideravelmente após o seu casamento e a vinda dos filhos, afirmando que passou a viver realmente após esses dois acontecimentos. No entanto, diz que ainda sente vestígios dos preconceitos e que fica a cicatriz.

“Realmente ainda há, eu ainda sinto preconceitos. Agora veio depois que eu me casei, que eu até digo: “Eu passei a viver depois que eu me casei”, porque as coisas foram todas melhorando, inclusive com esses preconceitos, o meu marido é uma pessoa muito boa e me fez ver o outro lado da coisa e também meus filhos. Aí foi que eu superei isso aí, mas ainda lá no fundo, você sente, porque fica, não sara tudo, ainda fica a cicatriz um pouquinho, mas sente muito.”

Suzana destaca a fé em Deus como algo de suma importância e que a ajudou a superar muitas coisas. Afirma ser a religião muito valorizada pela mãe adotiva e pela avó.

“E também uma coisa que assim me orientou pra vida toda foi a fé em Deus, isso a religião minha, que ela também conservava, que era da minha avó a mãe dela. Na minha vida o que me ajudou foi a base religiosa, por isso que eu agradeço muito, ela criou, mas deu essa base, a religião.

Também destacou o amor aos filhos como uma forma de se realizar.

“Dou amor a eles demais, criei direitinho. E hoje são todos formados, são duas filhas e um rapaz, e eu sempre orientei eles, sempre disse às minhas filhas: “Estudem, se formem, sejam independente, pra não depender de ninguém.” Aí sou feliz porque eles realizaram aquele sonho meu, que era estudar, e eu me realizei neles. Então assim, a vida é muito interessante, ela é muito cheia de surpresas, e a gente tem que ser forte, para assim, sair, se sair dela, das coisas ruins, eu me saí bem.”

Fala da importância do processo terapêutico em sua vida, e afirma que o psicólogo a ajudou a ver o lado bom de toda a situação.

“Eu fui para um psicólogo, eu disse: “Eu vou pra um psicólogo, pra me ajudar a superar esses probleminhas!” e foi quando eu me tratei com ele. Quando meu namorado me conheceu, eu estava ainda me tratando com um psicólogo, e me ajudou muito a superar... então foi isso, ele foi muito bom, me ajudou bastante a reconhecer. Ele disse: ‘Olha talvez ela tenha criado você assim, para lá fora você não se machucar, ela tinha um cuidado, então veja esse lado’”. Ela tinha esse cuidado muito obsessivo, então foi quando eu melhorei bastante.”

Quando questionada sobre qual conselho daria aos pais que optam por não contar sobre a condição de adotivo de seus filhos, Suzana se posiciona favorável à revelação e sugere que conte a verdade a criança desde pequena para evitar fantasias e a construção de um mundo que não é seu.

“É bom contar a eles pequenos, porque eles vão crescendo e sabendo, pra eles não sentirem aquilo lá na frente, é como se você estivesse sendo criado em uma mentira, você está ali, construindo sonhos, está ali construindo aquela família, crescendo naquele mundo e quando você chega lá, aí descobre que aquele mundo não foi aquele seu, em que você nasceu e foi gerado, aí você se choca, não é? É bom saber, saber de pequenininho”.

4.7. JÚLIA

Tem 35 anos, possui ensino médio completo e é técnica em contabilidade. Atualmente trabalha como professora de educação infantil. Tem quatro filhos biológicos, mas reside apenas com três deles e seu atual companheiro, pois um dos seus filhos é casado. Possui cinco irmãos biológicos, quatro do sexo feminino e um do sexo masculino, sendo três por parte de pai e mãe, um por parte só de mãe e outro por parte só de pai. Não tem irmãos adotivos. Júlia conhece todos os irmãos e dentre eles é a segunda de pai e mãe. Ela foi adotada por uma senhora que acabara de perder a filha biológica, e foi morar vizinha aos seus pais biológicos. A mãe de Júlia era uma mulher que, desde o primeiro filho, já dizia que não o queria, e com ela não foi diferente. Então, desde que Júlia estava em sua barriga, ela já a rejeitava. Sua mãe adotiva, ao ouvi-la falar assim, disse que, se fosse menina, ficaria com ela.

“...Ela era uma senhora que tinha acabado de perder a filha biológica e acabou se chegando à minha mãe (biológica). Quando minha mãe engravidou, ela já não queria o primeiro, que era o Alex. Meu pai bebia, tudo...Então ela dizia assim: ‘Não quero, não quero, não quero!’... Aí minha mãe adotiva, que havia perdido uma filha há pouco tempo, disse: ‘Olhe, se for uma menina, eu quero!’”

A mãe adotiva de Júlia já era uma idosa: quando ela tinha oito anos de idade, sua mãe adotiva já tinha mais de 70. Uma cena havia ficado na memória de Júlia, e ela não sabia distinguir se era de fato uma cena que havia ocorrido ou se era imaginação. Tratava-se dela muito pequena, vestida apenas com uma calcinha ‘bunda rica’, à noite, esperando uma pessoa abrir a porta. Júlia chorava muito e se angustiava por não saber se isso havia mesmo acontecido, o que só veio a ser confirmado quando sua mãe adotiva lhe falou sobre sua condição aos 12 anos de idade. A revelação de sua condição de adotiva e história pregressa se deu a partir de um dia em que Júlia escutou uma conversa da mãe adotiva com uma vizinha.

“Eu só lembro que ela dizia à vizinha: ‘Aquela irresponsável deixou a menina na minha porta, eu não estava em casa’. Eu lembro também que ela disse que saia pra vender pano de prato e quando ela havia chegado já era noite e eu estava sem roupa só estava com uma calcinha.”

Foi a partir de então que conversaram e ela confirmou que a cena que tinha em sua mente havia acontecido. Essa cena retrata o dia em que, de fato, aconteceu a adoção

de Júlia, pois antes disso a sua mãe biológica apenas a levava na casa da mãe adotiva e depois ia buscar. Essa rotina se sucedeu por um bom tempo até o dia em que a cena aconteceu e a adoção se efetivou.

“...Uma cena que ficou na minha memória que eu não sabia se era fato ou se era sonho, se era imaginação, e eu vim perceber que aconteceu mesmo quando ela me contou toda história, que foi eu muito pequena, sem roupa, só com uma calcinha que hoje chamam de bunda rica, uma calcinha vermelha, chorando muito na porta de uma pessoa, esperando uma pessoa abrir a porta e à noite. Isso me incomodava muito, eu chorava muito porque eu não sabia se isso tinha acontecido, ai quando ela contou a história realmente ...”

Ao pegá-la, sua mãe adotiva a levou para morar no Sertão, onde viveu quatorze anos de sua vida. Lá viveram em uma casinha feita de taipa, sem infraestrutura nenhuma, pois sua mãe adotiva era uma pessoa que vivia da agricultura e tinha pouquíssimas condições financeiras.

“Éramos muito pobres, morávamos em uma cidadezinha muito pequenininha, sabe? E ela sempre viveu da agricultura, acabou que ela não tinha nada, então a gente foi viver em uma casa chamada de casa de taipa, que é casa de caçador mesmo...”

A mãe adotiva de Júlia, por já ser uma idosa, sempre lhe falara que quando sentisse que estava perto de morrer a levaria de volta para a casa dos pais biológicos. Diante dessa possibilidade Júlia sofria e se angustiava muito, pois não gostava nem a aceitava .

“...E ela sempre me dizia assim: ‘Filha quando eu adoecer eu levo você pra sua família’. Isso pra mim era um absurdo porque eu chorava horrores, e eu lembro também que eu tinha crises de choro, de angústia, que eu chamava de agonia, que depois eu vim descobrir que era angústia, né?! Eu chorava horrores, eu passava horas chorando.”

Assim, quando Júlia estava com seus 14 anos de idade, sua mãe adotiva adoeceu e a levou de volta para morar com a mãe biológica, que já se encontrava separada de seu pai e recasada. Quando voltaram, Júlia e sua mãe adotiva passaram uma semana na casa de seu pai biológico antes de voltar efetivamente para a casa da mãe biológica. Júlia sempre teve uma boa relação com o seu pai, mesmo enquanto estava sob os cuidados da mãe adotiva. Ele, que trabalhava viajando, vez ou outra ia visitá-la no Sertão e também

acabava por levar um de seus irmãos biológicos, estando, na medida do possível, presente em sua vida.

“Meu pai biológico era viajante, então em uma dessas viagens ele foi. Meu pai sempre passava nessa cidade, levava presente, passava um tempo com a gente. Tenho recordações e tenho boa relação com ele até hoje, graças a Deus. Ele sempre ia, ele sempre passava por lá, passava uma semana, duas. Passava anos pra ir, mas quando estava trabalhando pra aquelas bandas sempre ia, sempre, sempre! Ficava uma, duas, três semanas lá com a gente, e assim, era uma coisa gostosa mesmo, sabe?! De tomar banho de rio, era a coisa boa da infância mesmo, então eu sempre tive boas lembranças dele.”

“Desde muito pequena, eu lembro, como hoje eu não tenho muita noção de tempo, mas eu lembro que não fazia muito tempo que eu tinha ido embora pra essa casa, e ele chegou, chegou em uma madrugada e eu lembro dele no outro dia a gente no rio que tinha lá, como estava seco, mas tinha umas cacimbas, ele com a perna dentro d’água, Eu sentada no colo e ele balançando, eu de um lado e o meu irmão do outro, e eu tenho assim essas lembranças dele eu muito pequena, correndo atrás dele. Uma certa vez ele chegou em casa meu irmão tinha ganho um passarinho e ele detestou o passarinho preso, então, antes do meu irmão acordar, ele fugiu comigo pra gente soltar o passarinho no rio. Então eu tenho lembranças dele sempre e lembranças boas, nada nunca pesado não, sempre coisas leves, de infância mesmo.”

Já a relação com sua mãe biológica sempre foi marcada pela rejeição e muitos conflitos. Júlia destaca que o único sentimento que conseguiu desenvolver por ela foi o desprezo. Por outro lado, tem grande afeto pela mãe adotiva, por quem sente muito amor e carinho. Percebe-se na sua fala que de fato houve uma adoção por parte dela.

“Eu penso muito no amor de mãe (adotiva) por mim, porque apesar de toda dificuldade, que foram muitas, ela sempre teve muito amor, uma pessoa que amou mesmo sem nada em troca. Ela poderia simplesmente me passar para outra pessoa, me devolver independente de como eu ia ser aceita, mas não, ela me amou até o último momento. E o outro sentimento é desprezo, são dois sentimentos que são muito fortes; amor pela minha mãe adotiva e desprezo em relação à minha mãe biológica, eu não consigo lembrar dela, pensar nela com outro tipo de sentimento, só desprezo”.

4.8. JOÃO MARCOS

Tem 46 anos, possui ensino médio completo e trabalha como recepcionista de hotel. É separado, tem dois filhos biológicos, mas mora sozinho. Foi adotado recém-nascido, sendo primeiramente adotado por uma família, depois por outra, com quem cresceu e construiu laços afetivos.

“...Eu sei que eu era muito pequeno, o princípio de tudo eu não recordo, eu só venho a me recordar com algum tempo, sabe?! Quando eu fui adotado eu fui adotado por uma família, depois eu fui adotado por outra família...”

Sua mãe biológica o entregou para adoção porque passava muitas necessidades e vivia em condições precárias. João Marcos desconfiava de sua condição, pois recorda de uma cena onde era muito pequeno e ficou com medo quando uma mulher junto a umas crianças foi à sua casa para levá-lo. Tratava-se de sua mãe (e irmãos biológicos) que se arrependera e queria levá-lo de volta, mas João Marcos só teve a certeza de sua condição, de fato, quando esta foi explicitada por sua mãe adotiva quando ele tinha 13 anos de idade.

“Olhe, é o seguinte: eu acredito que eu fiquei sabendo que eu fui adotado, eu tinha, vamos dizer assim, uma desconfiança, porque quando eu era pequenininho, eu lembro muito vagamente, eu lembro uma vez que minha mãe biológica foi me visitar e ela foi me buscar de volta e eu não quis ir, ela e uma irmã minha. Eu preferi ficar onde estava, isso foi o primeiro contato, depois que eu saí do meio deles. O resto eu não lembro, dizem que a situação foi muito difícil, é melhor até não lembrar, né?! A pessoa lembrar de situação difícil?! Mas aconteceu, o restante eu não lembro, agora eu lembro desse primeiro contato e depois disso eu passei mais de 30 anos sem ver esse pessoal, depois foi que eu me reaproximei. Eu devia ter uns 13 anos, porque minha mãe adotiva foi quem me contou, porque eu escutava dos outros, mas eu fugia, eu fugia daquilo, mas um dia eu perguntei a ela e ela me contou. Nesse dia eu tive isso como uma realidade, porque antes é como se eu estivesse fugindo, mas depois eu passei a ver como uma realidade, que eu realmente fui adotado, eu escutei dela, propriamente dela, era a única coisa que eu acho que eu precisava, era escutar isso dela.”

Além da recordação dessa cena, quando era muito pequeno, havia comentários e zombarias por parte das pessoas da comunidade, no entanto João Marcos se recusara a acreditar, sentindo-se culpado pela situação. Ele cresceu, com sua família adotiva, em uma comunidade da zona rural. Sua mãe trabalhava no roçado e seu pai em uma fábrica de cerâmica, e quando o adotaram já tinham sete filhos biológicos.

“Quando eu chegava na fábrica de cerâmica com meu irmão adotivo, que eu tinha um irmão adotivo mais ou menos da minha idade e nós andávamos muito juntos, e quando eu chegava lá as pessoas diziam: ‘Olha o filho que seu Zé Luiz está criando’, numa criança vem aquele monte de dívidas e eles chegaram a dizer para mim uma vez, que isso eu acho que eu nunca me abri com ninguém, eles chegavam a dizer para mim de uma maneira assim bem cruel, sabe?! ‘Eita olha, ele não é filho de seu Zé Luiz não!’ ficavam mangando de mim, e eu passei a me sentir culpado por não ser filho dele, como se o culpado fosse eu. Na minha cabeça o culpado era eu daquilo, você já imaginou o que é isso? Até você descobrir a realidade. Você crescer, amadurecer e vê que não é bem assim...”

João Marcos desconfiava de sua condição de adotivo pelos comentários que escutava, no entanto nunca havia conseguido reunir forças para buscar a verdade a respeito da situação. Até que um dia esse momento chegou e ele decidiu buscar a verdade. A revelação aconteceu quando João Marcos estava trabalhando com sua mãe no roçado próximo à sua casa, e ela, emocionada e chorando muito, lhe contou tudo que sabia.

“Nós estávamos trabalhando no roçado, minha mãe tinha um roçado lá perto de casa e eu ia ajudar ela, aí eu fiz uma pergunta, eu disse: ‘Mamãe porque as pessoas dizem que eu não sou seu filho?’, aí ela me contou a história, inclusive ela chorou nesse dia, eu não, às vezes eu choro hoje, quando eu lembro da situação. Depois desse momento em que ela me revelou tudo, aí eu tive isso como certo, talvez eu até já tivesse inconscientemente né?! Mas você fica fugindo pela situação que eu vivia. A partir desse momento as coisas já começaram a melhorar, eu comecei já a pensar diferente.”

Falou da primeira experiência de adoção de uma irmã biológica e dele:

“Ela (a mulher que adotou) era muito malvada com a minha irmã, batia muito na minha irmã, e minha mãe biológica foi buscar minha irmã, quando ela soube. Ela disse: ‘Não, ela está maltratando meus filhos, então eu quero eles

aqui'. Ai foi quando meu pai adotivo viu a situação e conversou com minha mãe. Eles tinham sete filhos biológicos, é muita coragem! É muito heroísmo! Então eles conversaram e minha mãe biológica contou a situação a meu pai adotivo, ai ele disse : 'Traga ele pra aqui'...' ”

Quando criança, tinha medo de ser devolvido e de sua família biológica o levar de volta, o que o deixava inseguro, com medo e apavorado

“...Quando eu era garotinho, minha mãe biológica foi me buscar e eu não quis ir. Quando eu estava maior, ela foi me visitar e eu fugi deles, eu fiquei apavorado. Eu fiquei apavorado porque eu tinha medo, me sentia inseguro, eu me sentia diferente porque me fizeram ver que eu era diferente. Quando minha mãe adotiva me contou, ai eu comecei a ver diferente. As coisas não eram fáceis assim como eu estou contando hoje não, porque a cabeça é diferente depois que você fica adulto, claro!.”

Apesar de ter passado por tantos conflitos e situações discriminatórias que o fizeram em algum momento sentir-se culpado pela sua adoção enquanto criança, João Marcos deixou transparecer que a sua adoção foi um encontro feliz com a família adotiva e sente-se privilegiado por isso, definindo família enquanto uma instância essencial e insubstituível.

“...Eu acho que família é uma coisa fundamental, não se substitui. Agora eu tive sorte e muita, às vezes analisando as exceções, que todos tem, a minha foi uma exceção, que ela me fez um bem, minha mãe biológica me fez um bem fazendo isso, porque ela não tinha condições de me criar, meus irmãos biológicos são todos pessoas decentes, que bom! Mas a situação era tão difícil que eu era o último, que ela disse: 'Se é de eu ver meu filho passando necessidade, eu prefiro dar ele a alguém que possa criar'. agora não é fácil, quando você é criança passar por tudo isso. Hoje eu tiro de letra, mas naquela época era pior, o negócio era sério, eu me sentia culpado da situação.”

Ele conhece a sua mãe e seus quatro irmãos biológicos, embora só tenha vindo a ter contato com sua família biológica depois de mais de 30 anos. Possui boa relação com todos eles. O pai biológico nunca conheceu. Sente-se privilegiado em ter sido adotado e fala com apreço de suas duas famílias. Para compensar a ausência do tempo que passou distante da família de origem tenta visitá-los sempre que pode.

“Eu conheço a minha mãe biológica, o meu pai eu nunca conheci, minha mãe eu conheço, visito, encontro ela às vezes, depois de um longo tempo eu passei a

ter contato com esse pessoal. Eu vivia com a minha família que me adotou. Hoje é um barato. Hoje eu tenho o privilégio de ter duas mães, não é pra qualquer um! Não é pra qualquer um não! Hoje eu tenho o privilégio de ter duas mães que se preocupam comigo, duas mães que me dão carinho, eu tenho sete irmãos na casa dos meus pais adotivos e quatro biológicos os daqui como eu passei muito tempo sem conviver com eles eu me aproximei ainda mais, eu tinha contato, mas não era um contato tão próximo, e se depender deles, eu não sofro, eu acho que eles querem de alguma maneira compensar, ou talvez até eu, eu tento compensar aquela ausência. Uma de minhas irmãs tem uma loja de roupa ali e eu passo sempre lá, eu disse a ela: ‘Eu passei mais de 30 anos longe de tu, vamos dizer sem te ver, agora eu vou passar 30 anos te vendo todos os dias de duas a três vezes’. Tem vezes que eu passo três vezes lá no mesmo dia, é um barato!’”

A família biológica também tenta compensar a ausência e a falta pela entrega e distância durante esses mais de trinta anos. Em seu discurso afirma que tenta amenizar o sentimento de culpa de sua mãe biológica pela doação.

“ É um barato, porque para todo lado que você vai , você é acolhido. Hoje se eu chegar e disser: ‘Estou com um resfriado’, eu escuto logo: ‘Tem dinheiro para comprar remédio?’”, se eu disser: “estou com sede”, então dizem logo “Vai ali fulano comprar uma água pra ele’. Minha mãe biológica, eu fui uma vez visitar ela, na casa dela e ela contou a história, e ela disse que sente muito o fato de ter me entregado para alguém me criar, ela disse: ‘Eu deveria ter criado meus filhos, com toda dificuldade’, e ela se sente culpada por isso, pra que ela não carregue essa culpa, eu tento fazer com que ela relaxe sabe?! Eu vou lá, sempre converso, evito até tocar no assunto, só quando ela quer, quando ela quer, quando ela quer eu recordo, mas quando ela não quer eu não toco nem no assunto, ai ela começou a chorar e disse: ‘Porque eu não pude criar você’ ai eu disse: ‘Sim ,mas eu não estou vivo e criado, eu não estou aqui junto da senhora?’.”

A relação entre João Marcos e seus pais adotivos não mudou. Existiu e ainda existe uma liberdade e um incentivo quanto à procura e conhecimento (contato) dos familiares biológicos. Mantém uma relação de alegria, festa, carinho e atenção com os pais adotivos. De acordo com o entrevistado, a revelação da condição de adotivo não causou nenhum trauma em sua relação com os pais adotivos pois tudo se estabeleceu

dentro de um bom clima de confiança, apoio e liberdade quanto a procura dos pais biológicos.

“Minha mãe adotiva vivia me cobrando pra eu procurar minha família de origem, ela me cobrava. Hoje, por exemplo, quando eu chego lá, ela pergunta: “Tu tem ido na casa de tua mãe?”, aí eu digo: “Vou, tenho, tenho visto sempre ela”. Ela me pergunta hoje, ela me cobra que eu veja, “Tem procurado teus irmãos?”, ela me cobra, minha mãe adotiva, ela me cobra isso, meus irmãos também;

Deixou transparecer em seu discurso, ao ser questionado sobre se a relação com seus pais adotivos havia sofrido alguma modificação, após ter tomado conhecimento de sua condição de adotiva e história de origem, que possui uma ótima relação com os mesmos e que não aconteceu nenhuma modificação negativa. O sentimento que passou a desenvolver pelos pais foi de gratidão.

“Olha é o seguinte, eu nunca parei pra pensar não, mas é como eu disse a você, eu fui um privilegiado, eu me sinto grato, eu passei a ver eles de uma maneira muito melhor do que eu via antes eu acho, porque não é uma tarefa fácil, criar, adotar uma criança, é muita coragem, muita responsabilidade, porque você vai passar seu exemplo pra aquela criança não é?! Aquela criança vai passar a confiar naquelas pessoas, que também não é fácil para uma criança sair do meio de uma família, como na época que eu fui eu não tinha muita consciência disso, que eu era muito pequeno...Agora eu a partir disso tudo aí, me sinto muito bem. E eu chego lá hoje, que às vezes eu passo quinze dias, uma semana sem ir lá, pronto eu fui lá sábado, é aquela alegria, aquela festa, recebo carinho, atenção, chego na hora da refeição pra variar...”

Afirma o entrevistado que já sofreu preconceitos pela sua condição de adotivo, e que sentia-se diferente e culpado frente a situação. Além de preconceitos sofridos pela sociedade, este também relata ter sofrido preconceitos por parte de um irmão adotivo.

“Ah, já! Que eu já sofri preconceitos já! Eu me sentia diferente, eu me sentia até culpado da situação, é como se estivessem me acusando, aí você sente, sente, sente! Inclusive eu tenho um irmão que já chegou a dizer a mim depois de eu adulto: “Tu não sois irmão meu não, tu não sois da família não”... Ele já chegou depois de eu adulto a me dizer isso, eu digo: “É o seguinte, eu fui registrado, meu nome está lá agora, meu sobrenome, se não é pra tu agora é tarde, não há nada que se possa fazer mais.”

João Marcos chama atenção para os casos onde não se consolida de fato uma adoção, e para os casos até mesmo das listas de espera e das escolhas ditas por ele “preconceituosas” por parte dos pretendentes a adotar uma criança, apontando isso como uma dentre as diversas formas de manifestação de preconceitos, também chama atenção para o sofrimento e dificuldades que tem de enfrentar uma criança que não vem a ser de fato adotada, ou até mesmo os casos onde elas se encontram institucionalizadas:

“...Eu não sei pelo caso dos outros, eu sei pelo meu, mas você encontra muitos casos ai na rua também de pessoas com preconceito sobre isso, sobre aquilo, às vezes a criança que é adotada não é tratada como os filhos, eu fui! Mas às vezes não é, ai existe aquela diferença como se fosse um muro, que pra você transpor é difícil, principalmente pra uma criança, não é?! Agora que existe o preconceito ainda existe, a discriminação, principalmente como se vê, tem um orfanato eles preferem crianças brancas, loira, essa coisa toda, estão lá, ninguém vai buscar, muito raramente, então isso é o que? Isso é preconceito! “Não, eu só quero se for branco”, “Não eu só quero se for loira... aguarda em uma fila, enquanto isso tem dezenas deles ali esperando, mas as pessoas não querem, por que? Isso é preconceito sim! Não é outra coisa, eu encaro como preconceito, como uma diferença, diferença racial, essa coisa toda que existe ai, isso é terrível, mas infelizmente...”

Faz o que pode para romper preconceitos, mas aponta como sendo uma luta e que é necessário muita coragem, destaca que não é um ato fácil. Aconselha que se alguém se propõe a adotar, deve se preparar de fato, se colocando à disposição para cuidar e educar como é necessário com um filho biológico

“Agora é uma luta! Precisa muita coragem pra fazer isso. Se não tiver intenção de se dedicar, de fazer o que é necessário, não invente! Porque vai sempre faltar alguma coisa. Agora quando você pegar um filho pra criar, tenha ele como se fosse um filho biológico, você vai ter que dar carinho, vai ter que dar educação, principalmente carinho, afeto, alimentação, cuidar da saúde, você vai passar noites acordados, você vai correr com ele pra o hospital, você vai ter que ensinar a fazer a tarefa de casa, tudo isso! Não brinque não que é sério! Se quiser entrar entre, agora a tarefa não é fácil, mas que existe, existe...”

Posiciona-se favorável à revelação da condição de adotivo e história pregressa de adotivo do filho. Considera ser fundamental, necessário e um direito do filho.

“Os pais têm que contar sim! Assim que a criança tiver noção do que está acontecendo, você tem que chegar e dizer: “Olhe foi passado assim ,assim e assim”..Eu tiro pela minha história, porque eu sei o que me aconteceu, agora tem que dizer!..”

Durante a entrevista, ao ser questionado se adotaria ou sente desejo em adotar uma criança e se revelaria a condição de adotivo ou não, João Marcos relata que adotaria e que revelaria. Além disso, afirma que tem ‘uma dívida com a sociedade’ por ter sido adotado

“Adotaria, eu considero que eu tenho uma dívida com a sociedade. Eu adotaria e revelaria, não tinha problema nenhum, revelaria, chegava, sentava com ele... Agora eu adotaria sim!...É, eu tenho uma dívida, porque eu fui adotado! Eu considero que eu tenho uma dívida! Não sei se eu vou pagar um dia, mas que eu considero que eu tenho uma dívida, eu tenho...Mas eu faria tudo que fizeram por mim, se eu pudesse mas..”

Fala da importância que teve em sua vida o acesso ao conhecimento de sua família biológica e história pregressa para a constituição da sua personalidade. Afirma só ter conseguido sentir-se completo após o conhecimento dessa família e de sua história. Também destaca que o ambiente bom em que viveu foi crucial no tocante à resolução de seus conflitos.

“Eu não me considerava uma pessoa completa, faltava alguma coisa, era como se estivesse um vazio, um vácuo ali no meio que você precisa preencher. Ai ajuda bastante quando contam e quando você resolve a situação, porque é como se você preenche uma lacuna que tem lá no seu meio. Aí a sua personalidade já é outra porque primeiro você está em ambientes bons, onde você chega está em um ambiente bom, porque é mãe aqui, é mãe ali, segundo você passa a conhecer sua história, você passa a conhecer de onde vem, você passa a conhecer a parte que você não lembra, da sua infância quando você era criança, você passa a conhecer a história deles, tudo isso influi na personalidade do ser humano, é por isso que os pais tem que dizer, “Foi assim ,assim, assim...”, e se conhecer dizer: “Sua mãe é fulana, seu pai é sicrano”, se eles não se aproximarem paciência! Mas... mas influencia muito na personalidade do ser humano.”

João Marcos também coloca que, apesar de não ser uma situação e um momento fácil, o saber sobre sua condição e história pregressa mudou muito sua vida, e afirma ter contribuído de forma positiva. Ele passou a ter a certeza quanto à sua condição e

entender quem era e suas origens. Seus pensamentos mudaram, ele começou a ressignificar a sua história, a amadurecer e a encarar a situação de maneira diferente e real.

“Muda porque você tem a realidade, não é uma coisa que outras pessoas dizem, coisas de pessoas que você possa duvidar do que elas estão dizendo, não, quem disse foi minha mãe, que me criou, é uma realidade, é uma pessoa que eu não posso duvidar, é uma pessoa que eu tive certeza, era isso que eu precisava naquele momento, era ter certeza, então foi isso que aconteceu, você passa a ter certeza, você passa a encarar de outra forma.”

O momento da entrevista foi considerado de extrema importância para ele. O entrevistado pôde falar de coisas que nunca havia expressado através de palavras para ninguém, houve insights e a possibilidade de crescimento através do debate relativo à temática. Afirma sentir-se satisfeito em saber da possibilidade de sua história de vida poder estar contribuindo e enriquecendo o conhecimento na área e servindo de orientação para famílias envolvidas com a causa

“Olha é o seguinte, eu não sei nem o que lhe dizer agora no final de tudo, eu sei que foi bom ter conversado com você, foi bom ter debatido esse assunto, que sirva pra outras pessoas lá na frente, pra outras famílias. Você vai expor sua tese lá na sala lá e de repente tem alguém na sala lá ou da família de alguém que sirva, que seja útil, aí eu vou me considerar satisfeito.”

Concluí, a partir de sua história de vida, aconselhando não tratar a adoção como uma tragédia ou catástrofe, a olhá-la pelo lado positivo, procurando-se a melhor solução para cada situação que se apresente.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção disserta-se sobre o que foi observado nas entrevistas realizadas, relacionado a cinco categorias de análise, em conformidade com os objetivos específicos deste estudo, ao mesmo tempo em que são feitas articulações com os autores consultados.

5.1. O conhecimento da adoção

É difícil dizer uma idade correta em que os entrevistados souberam e tomaram conhecimento (aqui o “saber” trata de um registro inconsciente enquanto que “o tomar conhecimento” é dar sentido a um saber já existente/registrado inconscientemente) de sua adoção, pois as entrevistas mostram que o processo foi permeado por desconfianças, contradições e clima emocional repleto de instabilidade para alguns deles (ciúmes por parte de irmãos, rudeza e insinuações por parte da mãe, comentários de vizinhos, entre outros). Pode-se perceber que aqueles que souberam mais tardiamente, na adolescência, ou mesmo na vida adulta, apresentaram maior dificuldade em relação à elaboração e reestruturação de sua história de vida. A única que soube da adoção mais cedo foi Beatriz, aos cinco anos, e de uma forma gradativa e aberta. Ela pareceu bastante tranqüila em relação a essa questão. Vale salientar que é a mais nova do grupo e vive num contexto em que a adoção é mais falada e tem alcançado mais ganhos, através de leis, formação de grupos de apoio, livros e programas sobre o tema na mídia, o que pode ter favorecido aos pais instaurar um clima de naturalidade na família.

Samuel soube aos nove anos, após escutar uma conversa da mãe, com uma amiga, sobre os partos que tivera. Depois desse fato, ele questionou a irmã adotiva, que acabou falando sobre sua origem. Jane também soube aos nove anos, quando os pais foram buscar outra filha na maternidade e resolveram contar-lhe a verdade antes de ir.

Tanto Ítalo como João Marcus tiveram a certeza de serem adotivos aos 13 anos, embora já desconfiassem que o fossem devido à diferença de cor da pele. João Marcus vira, em algumas ocasiões, a mãe e os irmãos biológicos, mas se recusara a admitir a verdade, vivendo em meio à desconfiança de serem ou não sua família biológica. Ítalo também conviveu com a mãe biológica e os irmãos, embora os pais adotivos a tenham apresentado como uma madrinha. Ele ficou sabendo de sua condição quando precisou

levar o registro para a escola, no qual constavam os nomes dos pais biológicos. Hoje ambos convivem bem com as duas famílias.

Julia oscilou entre períodos de convivência com a mãe biológica e a adotiva, que era uma senhora idosa que perdera uma filha, e a devolveu à mãe biológica quando sentiu que iria morrer. Julia conviveu com o pai biológico que, sempre que possível a visitava no sertão, levando também seus irmãos. Até ser entregue de uma vez a essa senhora, pois houve várias idas e vindas entre as duas mães, Julia viveu momentos de angústia e negligência junto à mãe biológica.

Suzana e Ana Viviane desconfiavam de que havia algo estranho por conta da dureza e da instabilidade da mãe adotiva, respectivamente. No caso de Ana Viviane, a mãe adotiva ameaçava contar algo sempre que tinham algum desentendimento. Ambas souberam que tinham sido adotadas num momento de discussão com as respectivas mães adotivas, que não é considerado um bom momento para a revelação.

Quando comparados os filhos adotivos que tiveram a sua condição revelada dentro de um contexto apropriado, com aqueles que a viveram em um momento inadequado, pode-se perceber que os últimos reativaram sentimentos de rejeição, perplexidade e confusão. Suzana, por exemplo, afirma que preferia não ter ficado sabendo de sua condição, apresentando, como consequência, o incremento da insegurança e confusão já vivenciadas.

Foi possível constatar também mudanças nas formas como acontece a revelação ao longo do tempo. Percebe-se que, nas décadas passadas, diferentemente da atualidade, a história era contada quando a criança já estava maior, ou mesmo na adolescência e vida adulta. Weber e Pereira (2014) afirmam que a manutenção do segredo pelos pais, nessa época, acontecia com o intuito de imitar a filiação biológica, evitando assim que o sujeito adotivo fosse vítima de discriminação, assim como o enfrentamento de seus próprios sentimentos e dos filhos e tudo aquilo que a revelação evoca e movimenta. Além disso, existia o temor de que a revelação pudesse causar algum conflito nas relações familiares ou a fantasia de rejeição e revolta por parte do filho. É importante frisar que a frequência de adoções informais, “à brasileira”, era bem maior que na atualidade, onde os pretendentes são estimulados a adotar legalmente e são orientados sobre como proceder na condução da adoção, especialmente os que frequentam os grupos de apoio, que estão presentes em várias cidades do país.

Atualmente a revelação tem acontecido mais cedo, muitas vezes em idade bem precoce, e, em alguns casos, já se fala com maior liberdade sobre o assunto, sendo esta

condição destilada no tempo e no espaço, embora ainda existam famílias que têm dificuldades de falar sobre essa temática.

Na pesquisa realizada por Weber e Pereira (2014) sobre o processo de revelação e busca pelas origens biológicas na perspectiva do filho por adoção, constatou-se que quanto mais tardiamente os pais contarem sobre a origem de seus filhos, menor é a frequência com que o assunto volta a ser abordado. Isso acaba repercutindo na reelaboração da história desse filho e na construção de sua identidade, gerando desconforto, fantasias e ambivalências.

Na maioria dos casos da presente pesquisa, a mãe foi a figura prevalente no ato de revelar, embora os pais de Beatriz tenham contado juntos. Também se observa que o motivo predominante que os levou a serem adotados foi a falta de recursos financeiros por parte da família de origem. Nos casos de Júlia e Suzana, além da falta de condições financeiras, tudo indica que houve negligência por parte da mãe biológica.

É importante destacar a falta de desejo em perfilhar por parte de algumas mães adotivas. Em relação à mãe adotiva de Ana Viviane não ficou claro o real motivo para tal dificuldade, supondo-se que a criança foi percebida como uma intrusa e não merecedora de receber o nome do pai adotivo. Já no caso de Suzana, sua adoção pela tia aparece como algo imposto pelo avô paterno, que não admitiu que os netos fossem criados fora da família, sendo ela e os irmãos distribuídos entre os parentes. Quanto a Samuel, a adoção se deu num momento de impulso por parte de uma irmã adotiva, que foi para São Paulo e lá faleceu num acidente, deixando os próprios pais com a responsabilidade de registrá-lo e educá-lo, porém o pai faleceu quando ele tinha entre quatro e cinco anos. Os pais, em geral, foram recordados como pessoas protetoras e que deram carinho aos filhos, como foi o caso de Beatriz, Ítalo, João Marcos, Julia e Suzana. No caso de Ana Viviane ele faleceu quando ela tinha quatro anos. Jane sente-se orgulhosa por ser a primogênita do pai adotivo.

Através das falas dos participantes corrobora-se o que Maldonado (1999) pontua acerca da sensibilidade da criança para captar as contradições sutis e o clima emocional que predominam na família, bem como o que diz Weber (1998) de que a manutenção do segredo é impossível ocorrer sem contradições, uma vez que vários deles suspeitavam de sua condição de adotivos.

5.2. Posição do(a) entrevistado(a) acerca da revelação

‘ Ao serem questionados quanto ao seu posicionamento acerca da revelação todos os participantes da pesquisa explicitaram sua postura favorável à revelação, embora o momento seja vivido com muita ambivalência, confusão e sofrimento. As falas são categóricas concedendo elevada importância ao tema. Suzana foi a única exceção porque embora tenha se colocado a favor da revelação, afirma que preferia não ter ficado sabendo de sua condição. Mesmo assim, destaca que revelaria sim e incentiva a revelação dessa condição à criança desde cedo.

As entrevistas deixam claras as preocupações e os argumentos por parte dos entrevistados quanto a como e quando contar sobre a condição de adotivo e história de origem enfatizando questões como: a maneira como isso deve acontecer; os sentimentos diferentes experimentados por pais e filhos e as possíveis consequências diante da ocultação. Todos eles foram bastante enfáticos quanto à necessidade de contar sobre a sua condição. Confirmando o mencionado por eles sobre a forma adequada de contar ao filho adotivo sobre sua origem, Hamad (2002) recomenda que a revelação não deve acontecer em um momento solene, porquanto é este aspecto que engendra a dramaticidade do ato. O autor sugere que se reflita sobre uma maneira de falar que contenha a história da criança e lhe permita um contato rotineiro com ela.

As entrevistas revelam sentimentos de hostilidade, revolta, tristeza e indignação, por parte dos entrevistados, ao pensarem na possibilidade de não ter tido a oportunidade de saber o que colocam como um direito ao acesso à sua condição de adotivo e história pregressa. Eles encaram a revelação da condição de adotivo enquanto um direito de cada filho.

Vários apontaram a possibilidade de a criança vir a saber de sua condição através de outras pessoas que não sejam seus pais, o que implica numa quebra de confiança e decepção em relação a estes. Isso pode ser identificado no caso de João Marcos, que antes de saber de sua origem pela sua mãe adotiva, escutou comentários de pessoas da comunidade em que vivia. Ele afirma só ter tido certeza quando sua mãe lhe contou.

Sobre o exposto, Schettini (2007) salientara que um clima de sobressalto advém a partir do temor de que a verdade seja revelada por alguém de fora da família. Muitas vezes o filho adotivo já carrega em si marcas e símbolos do chamado “não dito” e acaba

em conflito consigo mesmo e com o mundo mediante a possibilidade de os pais terem camuflado sua real condição.

Souza (2008) destaca que o silêncio e a mentira produzem tensão e uma grande e intensa ansiedade. Os pais que escondem a história do filho acabam criando soluções fantasiosas: alguns chegam a se deslocar de bairro ou até mesmo de cidade, tentando apagar parte da história desse filho. Em consultas médicas, quando são interrogados quanto a doenças familiares acabam desconversando. Assim, quando tem acesso à verdade através de outras pessoas, a criança se revolta. Não se trata de uma revolta pela adoção, mas por ter vivido envolvido por mentiras, por ter sido iludida exatamente por aquelas pessoas em quem supostamente podia confiar e que deveriam ser seu “porto seguro”. A revelação que acontece por intermédio de desconhecidos é sempre sem afeto, rodeada de meias palavras, cheia de maldade ou até mesmo como se estivesse fazendo “um favor”.

Um outro aspecto que se pode observar, especificamente no caso de Beatriz, foi a alusão a um medo de sofrer uma nova rejeição por parte dos pais biológicos, frente ao desejo e necessidade que outrora tinha em conhecê-los. Assim, se percebeu em seu discurso sentimentos como medo, insegurança, tristeza e angústia. Por outro lado, diante de uma vida marcada por várias perdas e três rejeições consecutivas, antes de ser acolhido pela família que de fato o adotou, Samuel foi uma exceção, pois embora tenha tido a oportunidade, afirmou preferir não conhecer os pais biológicos.

Sobre isso destacam Nabinger e Chaves (2014), que diferente do pensamento da maioria das pessoas, nem todos os filhos adotivos sentem desejo de conhecer suas origens genéticas. As autoras sinalizam que esse posicionamento deve ser respeitado.

No entanto, a maior parte dos filhos adotivos entrevistados manifestou o desejo de conhecer a família biológica e a história de sua origem desejando se apropriar desse lado de sua realidade. Ladvocat (2002) pontua que a família apresenta muito mais dificuldades em revelar a história de origem de seu filho, omitindo algo que sabe ou não fornecendo parte significativa das informações sobre a criança, antes da adoção, por não ter conhecimento, do que a condição da adoção propriamente dita. Para a autora, elementos como a vida dos pais biológicos e respectivos familiares, os exames e as informações sobre a gestação, a maneira como se deu o parto, os acompanhamentos médicos, os cuidados básicos e o investimento logo após o nascimento, a maneira com que se deu o rompimento com a família biológica, as reações diante dessa separação e o recebimento na nova família adotiva são cruciais no tocante ao desenvolvimento do

adotivo. Isso pode sanar dúvidas, angústia e outros diferentes tipos de sentimentos resultantes de conflitos interiores.

Como bem coloca Videla (2001), mesmo a criança iniciando a trajetória de sua biografia em sua família adotiva, existe um percurso que aconteceu antes da adoção. Ocultar as informações de origem do adotivo acaba tendo como consequência um vazio no seu processo histórico, impossibilitando esse filho de ser construtor de sua própria história. Os dados coletados nas entrevistas retratam bem o desejo e a lacuna existente mediante a falta de algumas informações da história de origem em alguns dos entrevistados, como é o caso de Beatriz, Ana Viviane, Jane e Suzana.

5.3. Relação com os pais adotivos e a família após o conhecimento da origem

A expressão de sentimentos de gratidão, reconhecimento e privilégio foi evidenciada por todos os entrevistados. João Marcos e Ítalo afirmam que se sentem privilegiados, e que passaram a ver seus pais adotivos de uma maneira muito melhor do que viam antes. Eles, assim como Beatriz, expressam muita alegria, orgulho e satisfação em ter sido adotado pelas respectivas famílias.

No entanto, o sentimento de gratidão ou privilégio por parte de um filho adotivo não é algo positivo independentemente da revelação ter se dado dentro de um contexto apropriada ou inapropriada, pois a adoção não é e nem acontecer enquanto “um favor” ou “uma caridade”.

No caso de João Marcos, a sua relação com os pais adotivos não mudou a partir do conhecimento de sua origem. Existe em sua família adotiva uma liberdade e um incentivo quanto à procura e contato com os familiares biológicos. Mantém uma relação de alegria, festa, carinho e atenção para com os pais e irmãos biológicos e adotivos. De acordo com o entrevistado, a revelação da condição de adotivo o fez sentir-se completo, pois sentia um vazio que precisava ser preenchido.

Sobre isso, Winnicott (1955/1997) já afirmava que mais do que informações, as crianças precisam de pais confiáveis, que estejam ao seu lado na busca da verdade, e que compreendam que elas precisam experienciar a emoção apropriada à situação real. Mesmo que a emoção apropriada seja de decepção, raiva, frustração, poder vivê-la sinceramente e acompanhado, dá ao indivíduo possibilidade de desenvolver recursos psíquicos.

Beatriz e Jane também possuem uma boa relação com os pais adotivos, o que transparece em seu discurso ao serem questionadas sobre se a relação com seus pais adotivos havia sofrido alguma modificação após ter tomado conhecimento de sua condição de adotiva. Beatriz afirma que é como se fosse do próprio sangue de seus pais adotivos, relatando vivenciar uma ligação muito forte com eles, embora, em alguns momentos, se pegue imaginando como teria sido a sua gestação se sua mãe adotiva tivesse lhe gerado biologicamente. Ela diz que muitas vezes até esquece que é filha adotiva.

Sobre isso Souza (2008), afirma que, de qualquer forma, é importante deixar claro: seja afetivo ou seja biológico, filho é filho! O filho adotivo, quando percebe que os novos pais o amam, muitas vezes até esquece que não foi gerado biologicamente por eles e assimila um novo modo de ser. Há uma identificação inconsciente, uma estratégia muito bem desenvolvida pelos filhos afetivos.

Diferentemente do que coloca Souza (2008) de que a chegada de um irmão sempre gera conflito na criança, que, de uma hora para outra, terá que dividir os pais com mais alguém e onde o ciúme é esperado, bem como a manifestação de comportamentos regressivos, nos casos de Jane e Suzana a chegada dos irmãos foi um aspecto bastante positivo. Jane admite que o fato de os pais adotivos terem adotado outra menina lhe trouxe mais satisfação, pois não se sentia tão sozinha e diferente. Demonstrou orgulho por ser a primogênita por parte do pai, uma vez que a mãe adotiva tem dois filhos biológicos. Suzana, por sua vez, diz que cuidava mais do irmão do que a sua própria mãe e que não fazia distinção pelo fato de ser seu irmão adotivo.

Júlia mostrou impacto e confusão em meio a um turbilhão de sensações e sentimentos diante das influências relacionadas à ausência da gestação biológica. Assim como Beatriz também deixou claros os pensamentos que pairam na sua mente, relacionados ao desejo de ser gerada biologicamente por sua mãe adotiva.

Suzana, apesar de ter vivenciado uma relação um pouco confusa e conflituosa com a mãe adotiva, a considera sua mãe. Sua entrevista dá indícios de que ocorreu uma verdadeira adoção por parte de seu pai adotivo, tendo estabelecido com ele uma ótima relação. Diante do impacto da revelação, a princípio, ficou sem saber como chamá-los, de “pai” e “mãe” ou de “tios”, mas afirma que isso logo se diluiu no decorrer do tempo, continuando a tratá-los como seus pais. Convive hoje com a mãe biológica, que a procurou por ocasião do seu casamento, mas não se sente confortável nessa relação.

Inclusive sinaliza que seus próprios filhos consideram e têm mais carinho pela avó adotiva.

Samuel, por sua vez, diz ter passado a se relacionar com os pais adotivos com mais amor e carinho. Deixou de fazer cobranças que outrora fazia, como seria o normal na fase da infância e adolescência de qualquer indivíduo, se colocando alguns limites, pois achava que os pais já faziam e lhe davam demais. Samuel começou a se sentir como se tivessem lhe prestado um favor por estar naquela família, sentindo-se especial e diferente. Nota-se nessa fala que é como se ele próprio não se considerasse merecedor de tantos benefícios.

Ana Viviane, assim como João Marcos e Samuel, manifestou sentimento de gratidão pela sua adoção. No entanto, indiretamente sua mãe acabava por reforçar isso, ao afirmar ter sido melhor para ela ter sido adotada do que viver em uma favela. Nos relatos de Ana Viviane observa-se que, apesar de manter uma relação de “amor e ódio” com a mãe, deixa entrever afetividade por ela, tendo cuidado dela até o fim da vida, o que não ocorreu com os demais irmãos.

Vários posicionamentos apresentados pelos participantes terminam por referenciar o preconceito relativo à cultura do “laço de sangue” que ainda é tão contumaz, inclusive por parte dos pais adotivos.

Corroborando os dados apresentados, Levinzon (2009) adverte que um grande número de pessoas idealiza a relação de pais e filhos como procedente da procriação biológica, e suas representações de família são embasadas nesse tipo de vínculo. Souza, (2008) adverte que pelos laços sanguíneos, herdamos a cor da pele, dos olhos, o tipo sanguíneo, dentre outros caracteres. Através da convivência, obtemos valores de vida, que podem ser positivos ou negativos, assim como também desenvolvemos reações conforme as assimilamos das pessoas que nos rodeiam. Podemos aprender a ser bons ou maus, dóceis ou violentos, pacientes, generosos, solidários e afetuosos. Assim, a ligação entre pais e filhos não acontece diretamente da concepção e do nascimento, mas dos cuidados diários relacionados às necessidades físicas e afetivas da criança.

5.4. Percepção de mudanças ocorridas em si mesmo

As mudanças observadas neles mesmos variaram em cada caso. Beatriz parece aceitar bem sua condição de adotiva, a ponto de as pessoas estranharem a naturalidade

com que ela fala disso. Essa situação provavelmente decorre da naturalidade e abertura com que o tema é encarado na sua família.

Jane mostrou certo impacto para falar de sua condição admitindo que a chegada de outra irmã (também adotiva) a fez sentir-se melhor e não diferente. O que a orgulha é ser a primogênita por parte do pai. Apesar disso, disse sentir-se “esquisita” ao falar de sua origem. Percebe-se que ainda existem lacunas a serem preenchidas no tocante à sua condição; ela nada sabe além do fato de como foi encontrada, e o assunto segundo ela uma vez falado, não voltou a circular em seu ambiente familiar.

Samuel, após ser rejeitado por duas famílias, finalmente foi aceito na família com a qual convive. Ele passou por momentos de isolamento, medo de ser devolvido, agressividade e defesa, após saber da adoção. Achava-se deslocado na família, sentia um vazio que, aos poucos, foi elaborando, e também sensação de rejeição. Também passou por um momento depressivo, onde apresentava dificuldades até mesmo para se levantar da cama. Relata que era como se estivesse em um lugar muito gelado e escuro. Nas entrelinhas de sua fala ele deixa transparecer que se sentia como um intruso em meio à família adotiva. Tornou-se uma pessoa seca, mesmo afirmando ter gratidão por esta família. Hoje acha que tudo clareou em sua vida a partir da revelação de sua condição.

Logo que soube da adoção, Ana Viviane começou a manifestar um comportamento rebelde e envolvido por revolta, vergonha, culpa, assim como complexo de inferioridade. Disse que andava encurvada e percebia as pessoas sempre maiores que ela, mesmo que fossem menores em estatura. Foi necessária a ajuda de um amigo, de um grupo religioso ao qual pertencia, para que ela elaborasse a situação. Porém, ela coloca que as mudanças ocorridas se deram como consequência das repetidas vezes em que sua mãe lhe jogava isso em momentos inoportunos e conflituosos.

Suzana também tinha uma relação difícil com a mãe adotiva, que na verdade era sua tia biológica, e mostrou rebeldia por querer fazer as coisas de jovem, próprias dessa fase e ser impedida por ela. Afirma ser presente desde sempre o desejo de ser filha biológica de seus pais adotivos. Tanto ela como Julia afirmaram que a maternidade lhes deu mais segurança e realização.

Julia, por sua vez, ficou mais quieta, era a última da sala, tinha dificuldades para fazer amigos e medo de ser devolvida à mãe biológica. Tinha crises de choro e

apresentava comportamentos de isolamento. Afirma que mesmo atualmente não possui vida social e apresenta dificuldades para se relacionar.

João Marcos sentia-se diferente, como se o estivessem acusando por ser adotado. Sentia muita culpa mediante os comentários dos funcionários da fábrica de cerâmica onde o seu pai trabalhava. Ele afirma que tudo melhorou após ter tido essa certeza.

Ítalo referiu que se sentia constrangido e deslocado na família, no entanto aceitou com mais naturalidade, se comparado aos demais. Para Schettini Filho (1999), qualquer revelação altera o comportamento. Ainda mais quando alguns deles souberam em idade mais avançada. Eles sentiram o impacto da verdade, aliado à quebra de confiança nos pais nesse momento. Isto corrobora as pontuações de Mannoni (2004) de que, muitas vezes, o confronto da criança é com a mentira do adulto e não com a questão da adoção propriamente dita.

Souza (2008) aponta que as crianças que têm a verdade ocultada sofrem prejuízos e perdem progressivamente a sua energia de vida, pois elas não possuem condições de expressar com palavras onde está o sofrimento. Teixeira, Rocha e Ataíde (2011) também pontuam que o segredo é gerador de confusões e toda espécie de sintomas.

De acordo com Nabinger e Chaves (2014), os segredo e as mentiras, em vários contextos, dentre eles, na adoção, têm o propósito de minar os terrenos em que se devem instituir e fazer crescer as relações de confiança entre os filhos adotivos e seus pais. As autoras salientam que uma relação que se estabelece tendo como pano de fundo a mentira e o segredo traz consequências à construção da identidade do sujeito, ao invés do estabelecimento de uma relação de apego entre pais e filhos adotivos. Além disso, existe a possibilidade de os filhos apresentarem os mais diversos sintomas.

5.5. Como se posiciona frente aos preconceitos porventura sofridos

Através dos relatos foram observadas diversas formas de preconceitos referenciados pelos filhos adotivos frente à sua condição. Sobre os preconceitos sociais apreendidos pela linguagem do senso comum, Souza (2008) ressalta que são crenças captadas pela sociedade ao longo dos anos e apreendidas como verdades. Tais crenças suscitam atitudes discriminatórias, engendrando sintomas como ignorância e intolerância, correlatos com o adoecimento social. Os preconceitos sociais foram

apontados nas entrevistas realizadas com João Marcos, Samuel, Ana Viviane, Beatriz e Suzana.

Na entrevista realizada com Beatriz, porém, esses preconceitos não foram percebidos com clareza por ela. Ao ser questionada sobre se já sofreu ou sofre algum tipo de preconceito pela sua condição de adotiva, referencia não sentir tais preconceitos direcionados a si própria, contudo, no percurso da entrevista, denuncia preconceitos velados nos atos e linguagem por parte da sociedade. Um ponto interessante a se observar é que ela fala com naturalidade da condição de adotiva às outras pessoas, pois se sente satisfeita, uma vez que a adoção deu um novo significado à sua vida, mas esse posicionamento é considerado estranho pelos demais.

João Marcos, por sua vez, relata ter sofrido preconceitos, que primeiramente emergiram de maneira intensa ainda em sua infância, por parte da sociedade, através das falas das pessoas da comunidade em que vivia. Também sofreu preconceitos por parte de um irmão adotivo, o qual não o aceita na família até hoje. Ao final da entrevista ele chama a atenção para os preconceitos ainda existentes que acarretam, dentre outras consequências, o sofrimento e o abandono das crianças institucionalizadas.

Samuel, assim como João Marcos, foi vítima de preconceito na própria família, também por parte de um irmão adotivo. Ele relata que acredita existir revolta e inveja por parte desse irmão pelo fato de ele ter sido paparicado, talvez como forma de compensar as marcas devido à sua condição de filho adotivo, enquanto o seu irmão sentiu-se rejeitado sendo filho biológico. Sobre os preconceitos que emergem da família, Schettini Filho (2006) afirma que dentre outros mitos figura o mito do “intruso”, no qual o filho adotivo é percebido como um intruso na família, ocupando o lugar do “filho legítimo”.

Ana Viviane também sofreu preconceitos na própria família, especialmente por parte de sua própria mãe adotiva, pois ambas vivenciaram uma intensa relação de amor e ódio, em que a mãe adotiva não escondia o preconceito frente à condição de adotiva de sua filha. Esses preconceitos vivenciados tiveram como consequência o desenvolvimento de preconceitos criados e alimentados por Ana Viviane em relação a si mesma. Também se pode observar a presença de preconceitos por parte do esposo, quando ela expressou seu desejo de adotar uma criança e ele se recusou, alegando os problemas que poderiam ser decorrentes de não se saber a origem da criança.

É forte e imperativo o posicionamento de Ana Viviane em defesa e protesto frente aos estigmas, mitos, medos, crenças e preconceitos ainda manifestos por parte da

sociedade. Corroborando com o descrito, Schettini Filho (2006) coloca a existência do mito da “diferença”. Ele consiste em que comumente o filho adotivo é referenciado como alguém diferente. Tal ideia direcionada a este filho provoca discriminações, impedindo que o mesmo viva em condições de igualdade com outros sujeitos.

A herança genética da criança também é um aspecto bastante ressaltado. É o que aparece como uma particularidade do caso de Ana Viviane, a qual afirma que o filho adotivo acaba carregando um estigma de “sangue ruim”. Em seus relatos fala sobre os preconceitos relacionados aos questionamentos quanto à hereditariedade do filho adotivo, combatendo essa errônea teoria criada pela sociedade ao afirmar que somos frutos do meio e seres construtores de nossa própria história.

Sobre isso Souza (2008) ressalta que os preconceitos permeiam todo o processo adotivo. Dessa forma, ao manifestar o desejo de adotar, as pessoas costumam ouvir jargões direcionados às crianças como: “ser doente”, “ter dificuldades mentais”, “trazer carga genética desconhecida”, “ter sangue ruim”.

Um outro preconceito que foi referenciado por João Marcos foi o proveniente dos pretendentes à adoção. Estes, muitas vezes, chegam impregnados por preconceitos os mais diversos projetando essa percepção errônea na escolha da criança que pretendem adotar. Ele afirma que a preferência por crianças brancas, loiras, dentre outros aspectos, denota uma forma de preconceito. O participante demonstra sua indignação afirmando ser algo terrível e que infelizmente existe, pois esses pretendentes aguardam por tempo indeterminado em uma fila de espera por crianças que atendam aos requisitos de sua preferência, enquanto existem muitas outras crianças fora desses padrões exigidos à espera de serem adotadas.

Corroborando o descrito acima, Souza (2008) destaca que o preconceito se expressa também nos pretendentes à adoção que desejam “escolher” o filho, inseguros a respeito “do que os outros vão pensar”. A autora refere que o filho concebido não é “escolhido”: pode nascer bonito ou não, saudável ou doente, perfeito ou não. E não há a possibilidade de ser devolvido.

Schettini Filho (1998), por sua vez, esclarece que as dificuldades que o filho adotivo pode apresentar, muitas vezes, são decorrentes dos próprios adotantes ou das pessoas que o rodeiam que são preconceituosas. Cita alguns exemplos como atribuir toda dificuldade à adoção; sentir pena do passado do filho e com isso superprotegê-lo; ter pena de contar-lhe a verdade sobre a origem por acreditar que ele não poderá suportá-la.

Evidentes são os avanços psicológicos e jurídicos relativos à adoção de crianças e adolescentes. Porém, apesar dos avanços e dos debates, a percepção da adoção no imaginário social ainda é engendrada por preconceitos que se expressam através de medos, crenças, fantasias e inseguranças.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu conhecer a condição e história pregressa de oito filhos adotivos jovens e adultos na busca de compreender a reação e as mudanças ocorridas em sua vida, a partir da revelação de sua origem. Levando em consideração que esse tema é gerador de tensões, conflitos e questionamentos, ao fazê-los reviver alguns momentos significativos de sua vida, foi gratificante perceber como eles colaboraram e se expuseram, oferecendo entrevistas ricas e cheia de nuances. Temos a convicção de que a análise que foi possível ser feita pode ser enriquecida a partir de outros aportes teóricos e olhares, tendo em vista a complexidade de cada caso.

A pesquisa pôde constatar a importância do diálogo sobre a condição de adotivo ser destilado ao longo do tempo, o mais cedo possível, e a necessidade de que isso ocorra num contexto favorável, uma vez que todos foram unânimes em referir o direito que o filho adotivo tem de saber de sua história. Enquanto alguns tomaram conhecimento mais cedo, outros souberam na adolescência ou mesmo quando jovem adulto, o que foi mais impactante por abalar a confiança que haviam depositado nos pais.

Para a maioria, a reação inicial foi de perplexidade e confusão, chegando a experimentar depressão e sentimento de não pertencimento à família. Aos poucos, porém, eles foram se adaptando à realidade, conseguindo alcançar uma visão mais equilibrada em que conseguem perceber os aspectos positivos e negativos da sua adoção.

Embora a maioria das adoções tenha sido motivada pela carência de recursos, por parte das famílias biológicas, e pelo desejo de fazer um bem à sociedade, por parte das adotivas (LEVINZON, 2006; SCHETTINI FILHO, 2006), isso não impediu o estabelecimento de vínculos afetivos entre pais e filhos adotivos. Este achado corrobora a afirmação de Weber (2001) de que o sucesso da adoção independe dos motivos que a propiciaram.

No entanto, independente das condições boas ou ruins, apropriadas ou inapropriadas em que se deu a revelação; bem como da relação que estabeleceram com os pais adotivos, ou mesmo da forma que passaram a olhar para eles, um sentimento de gratidão foi referido por parte de todos entrevistados. Isso se tornou um ponto de questionamento por parte da pesquisadora, pois de fato o surgimento desse sentimento e

suas formas de manifestação não aparecem como um ponto positivo dentro do contexto da adoção. O que deve existir é uma relação de reciprocidade e não de gratidão como se a adoção se manifestasse dentro de um contexto enquanto “um favor”, “um bem prestado a sociedade”, ou mesmo em substituição a situações em que o filho adotivo poderia estar “morto”, “envolvido com prostituição”, “passando necessidades”, dentre outros. A gratidão explicitada nas entrevistas transparece condições de inferioridade, favor, substituição, dentre outros, pois é geradora do sentimento de “ não lugar”, de “não pertencimento”.

Um fato que merece destaque foi a oportunidade que esta pesquisa pode proporcionar de *insights* aos participantes. Em momentos específicos, eles puderam reelaborar parte de sua história por intermédio da fala, assim como refletir sobre aspectos de sua condição e história sobre os quais nunca haviam pensado anteriormente.

Em alguns casos, como os de Suzana, Ana Viviane, João Marcos e Júlia, o casamento e, especialmente, o nascimento dos filhos, oportunizaram a reelaboração e a reavaliação de sua história. Mesmo diante dos diferentes e nem sempre favoráveis cenários em que a revelação se deu, todos, com exceção de Samuel, manifestaram o desejo de conhecer sua origem e a família biológica. As reações e as dificuldades experimentadas após a revelação variaram de acordo com a idade, o contexto e a maneira como souberam da adoção.

As limitações do estudo se relacionam a pouca bibliografia existente sobre filhos adotivos adultos, embora reconheçamos o interesse da comunidade científica e dos psicoterapeutas acerca da temática, como demonstra a quantidade de pesquisas e textos sobre a adoção de maneira geral. Ao mesmo tempo em que isso foi um empecilho, por outro lado foi um fator que motivou a continuação da pesquisa.

Espera-se que este trabalho possa despertar o interesse por outras investigações que possam advir das lacunas ou necessidade de aprofundamento de alguns aspectos que esta pesquisa não contemplou. A título de sugestões para futuras pesquisas colocamos as seguintes questões: Que mudanças ocorrem na vida do filho adotivo ao se tornar pai ou mãe, frente à experiência já vivida? Como fica a relação entre irmãos nas famílias onde existem filhos adotivos e filhos biológicos? Que consequências trazem a falta de desejo em perfilhar, ou o desacordo entre os pais quanto à adoção?

Com relação aos preconceitos em torno da adoção, pode-se perceber que o cenário e as formas de manifestá-los variam de acordo com o tempo e a forma como a adoção é introduzida na cultura familiar. As fantasias e as crenças negativas acerca da

origem da criança acabam por resultar em situações que geram dificuldades e conflitos nos filhos adotivos, inibindo sua aceitação frente à sua condição e dificultando uma boa ressignificação de sua história. Espera-se que outras tantas pesquisas e diálogos amplos sobre o tema contribuam para a superação desses preconceitos ainda maciçamente instalados no imaginário social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMEC, C. **Explaining adoption to your child.** In: National Adoption Information Clearinghouse. [Http://www.calib.com/naic/publications/explain. Htm](http://www.calib.com/naic/publications/explain.htm), 1993.

ALVARENGA, L. L. Adoção e mitos familiares. In FÉRES- CARNEIRO, T (Org.) **Casal e Família, entre a tradição e a transformação:** Rio de Janeiro, Nau Editores, 1999, p. 164-173.

BLEICHMAR, N. M.; BLEICHMAR, C. L. **A Psicanálise depois de Freud:** teoria e clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BUCHER, J. S. N. F. O casal e a família sob novas formas de interação In FÉRES-CARNEIRO, T (Org). **Casal e Família, entre a tradição e a transformação.** Rio de Janeiro: Nau, 1999, p. 82-95.

CAHÚ, C. Q. A verdade escondida “implícita na adoção”. **Monografia** apresentada para conclusão do curso de Pós-graduação em Psicologia da Família. FAFIRE, Recife, 2002.

CARVALHO, A. M. A. Em busca da natureza do vínculo: uma reflexão psicoetológica sobre grupos familiares e redes sociais. In PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, V. R. (Orgs). **Família, sociedade e subjetividades:** uma perspectiva multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 183-194.

COSTA, G.P; KATZ, G. **Dinâmica das relações conjugais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

DELL'ANTONIO, A. O casal adotante. In ANDOLFI, M. (Org). **A crise do casal, uma perspectiva sistêmico-relacional** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p. 233-248.

DELGADO, P. A experiência da vinculação e o acolhimento familiar: reflexões, mitos e desafios. In: **Revista Temas em Psicologia**, v. 18, nº 2, p.457- 467, 2010.

DOLTO, F; HAMAD, N. **Destinos de crianças:** adoção, famílias de acolhimento, trabalho social. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado.** 10ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

FREIRE, F. Um outro olhar. In FREIRE, F. (Org.). **Abandono e adoção.** Contribuições para uma cultura de adoção III. São Paulo: Terra dos Homens, 2001, p. 169-174.

FREITAS, R. de C. S. “Em nome dos filhos, a formação de redes de solidariedade – algumas reflexões a partir do Caso Acari”. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 71, São Paulo: Cortez, 2002.

FREUD, S. **Romances Familiares.** In: Edição Standart Brasileira da Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1908/1985, p. 239-247.

FU I, L.; MATARAZZO, E. B. Prevalência de adoção intra e extrafamiliar em amostras clínica e não-clínica de crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 23, n. 3, p. 149-155, 2001.

GRISARD FILHO, W. Famílias reconstituídas: breve introdução ao seu estudo. In: GROENINGA. G. C; PEREIRA, R. da C. (Orgs.). **Direito de Família e Psicanálise:** rumo a uma nova epistemologia. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 255-268.

GRISARD FILHO, W. A Adoção depois do Novo Código Civil. **Revista dos Tribunais** (São Paulo: RT), ano 92, v. 816, p.27, 2003.

HAMAD, N. **A criança adotiva e suas famílias.** Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2002.

HINTZ, H. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós modernidade. **Pensando Famílias**, v.3, p. 8-19, 2001.

KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira, a base de tudo.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2005.

LADVOCAT, L. **Mitos e segredos sobre a origem da criança na família adotiva**. Rio de Janeiro: Terra dos Homens, 2002.

LAGO, C.P ; LONDERO, D Adoção algumas considerações. **Revista SPRGS**, v. 2, nº 2, 2003. On line.

LEVINZON, G. K. **Adoção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

_____ Adoção na clínica psicanalítica: o trabalho com os pais. **Mudanças- Psicologia e Saúde**, p. 24-31, jan/jun. 2006.

_____ **Adoção na clínica psicanalítica**. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

LOSACCO, S. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Orgs.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MAGGI, R. N. A criança em situação de adoção e a clínica psicanalítica: o registro identificatório no processo de simbolização. **Estudos de Psicanálise** (Aracaju), n. 32, p. 141-146, 2009.

MALDONADO, M. T. **Os caminhos do coração: pais e filhos adotivos**. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

MANONNI, M. **A primeira entrevista em psicanálise**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

MENDES, C.L.P.C. **Vínculos e rupturas na adoção: do abrigo para a família adotiva**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NABINGER, S.B; CHAVES, V.P . A origem- In LADVOCAT, C. ; DIUANA, S. (Orgs). **Guia de Adoção: No jurídico, no social, no psicológico e na família.** São Paulo: Roca, 2014, p.617-627.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

OSORIO, L. C. Novos rumos da família na contemporaneidade. In OSORIO, L. C.; VALLE, E. P. (Orgs). **Manual de terapia familiar.** V II. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 17-26.

PEREIRA, A. K. **Adoção e queixa na psicoterapia psicanalítica.** IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação, PUCRS, 2009.

PICCINI, A. M A criança “que não sabia” que era adotiva. **Psicologia: Teoria e Pesquisa,** v. 2, n. 2, p. 116-131, 1986.

PICHON-RIVIÈRE, E. **El processo grupal.** Buenos Aires: Nueva Vision, 1981.

POIAN, C. A psicanálise, o sujeito e o vazio contemporâneo. In C. POIAN (Org.), **Formas do vazio: desafios ao sujeito contemporâneo.** São Paulo: Via Lettera Editora, 2001, p. 7-23.

QUEIROZ, E. F. O “estranho” filho adotivo – Uma leitura clínica do Unheimlich na adoção. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,** ano VII, n. 4, p. 110-111; 2004.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. do C. B. de (Org.). **A família contemporânea em debate.** São Paulo: EDUC/Cortez, 2003.

ROSA, D. B. A narratividade da experiência adotiva: fantasias que envolvem a adoção. **Psicologia Clínica,** (Rio de Janeiro), v. 20, nº.1, p. 97-110, 2008.

ROSA, M. D. **O não-dito como operador na clínica com crianças e adolescentes.** Site dos Estados Gerais em Psicanálise, Minas Gerais, Minas Gerais, 2001. Disponível em <http://www.estadosgerais.org/gruposvirtuais/lo-no-dicho.shtml>.

Data do acesso: 17/03/14.

SANTOS, M. A.; RASPANTINI, R. L.; SILVA, L. A. M.; ESCRIVÃO, M. V. **Dos laços de sangue aos laços de ternura: o processo de construção da parentalidade nos pais adotivos,** Revista da Vetor Editora, v.4, n.1, São Paulo, p. 14-21, 2003

SARTI, C. A. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Orgs.). **Família: redes, laços e políticas públicas.** 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHETTINI FILHO, L. **Adoção: origem, segredo e revelação.** Recife: Bagaço, 1999.

_____ **Compreendendo o filho adotivo.** 3ª ed. Recife: Bagaço, 2006.

_____ **Compreendendo os pais adotivos.** 2ª ed. Recife: Bagaço, 2008.

SCHETTINI FILHO, L. Uma psicologia da adoção. In SCHETTINI FILHO, L.; SCHETTINI, S. S. M. (Orgs). **Adoção, os vários lados dessa história.** Recife, Bagaço, 2006, p. 99-120.

SCHETTINI, S.S. M. **Filhos por adoção:** um estudo sobre o seu processo educativo em famílias com e sem filhos. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

SOUZA, H.P.S. **Adoção:** o exercício da fertilidade afetiva. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOUZA, H. P. S; CASANOVA, R.P.S. **Adoção:** o amor faz o mundo girar mais rápido. Curitiba, Juruá, 2011.

SZYMANSKI, Heloísa. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo de mudança. **Serviço Social e Sociedade.** Ano XXIII, nº 71; Cortez, 2002.

TEIXEIRA FILHO, F. T. Os segredos da adoção e o imperativo da matriz bioparental. **Revista Estudos Feministas** (Florianópolis), v. 18, nº 1, p .241-261, jan/abr 2010.

TEIXEIRA, A. L.; ROCHA. B.; ATAÍDE, S. **O segredo na adoção e suas repercussões no processo de aprendizado da leitura e da escrita.** Disponível em <<http://www.profala.com/artpsico54.htm>> acesso em 01 mar 2011.

TURATO, E.R. (2008). **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativo.** Petrópolis: Ed. Vozes.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós- modernas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 4ªed. São Paulo: Atlas, 2003.

VIDELA, M. A procura das origens- In FREIRE, F.(Org.). **Abandono e Adoção: contribuições para uma nova cultura da adoção.** Curitiba: Vicentina Gráfica e Editora, 2001, p. 165-170.

WEBER, L. N. D. **Laços de ternura: pesquisa e histórias de adoção.** Curitiba: Santa Mônica, 1998.

_____ **Aspectos psicológicos da adoção.** Curitiba: Juruá, 2001.

_____ **Adote com carinho: um manual sobre aspectos essenciais da adoção.** Curitiba: Juruá, 2011.

WEBER, L.N.D; PEREIRA,C.L. Processos de revelação e busca pelas origens biológicas: perspectiva do filho por adoção- In LADVOCAT, C.; DIUANA, S. (Orgs). **Guia de Adoção: No jurídico, no social, no psicológico e na família.** São Paulo: Roca, p. 361-371.

WINNICOTT, D. W. A adolescência das crianças adotadas. In D. W. WINNICOTT. **Pensando sobre crianças.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1955/1997, p. 131-140,

ZIMEO, A. M. Nas entrelinhas da adoção: uma abordagem psicológica. In: FREIRE, F. (Org.). **Abandono e Adoção**: contribuições para uma nova cultura da adoção. Vol.2, Curitiba: Terra dos Homens, 1994, p. 98-104.

ANEXOS

ANEXO 1 – APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SABER SOBRE SUA ORIGEM: O QUE MUDA NA VIDA DO FILHO ADOTIVO?

Pesquisador: Cristina Maria de Souza Brito Dias

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 10903112.3.0000.5206

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 160.161

Data da Relatoria: 30/11/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de dissertação de mestrado a respeito da adoção, objetivando saber as consequências sobre o psiquismo de um indivíduo de tomar conhecimento sobre o fato de ser um filho adotivo e de sua origem.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender e identificar, na perspectiva de filhos adotivos adultos, se houve e quais foram as mudanças ocorridas na sua vida após o conhecimento de sua origem.

Objetivo Secundário:

Entender como se deu o conhecimento da condição de adotivo; Analisar a importância desse conhecimento na organização da identidade do(a) filho(a) adotivo(a); Compreender como esses filhos passaram a perceber seus pais adotivos após esse fato; Compreender também como os filhos passaram a se perceber e a se posicionar frente a mitos, medos, crenças e preconceitos que permeiam o imaginário social. os filhos passaram a se perceber e a se posicionar frente a mitos, medos, crenças e preconceitos que permeiam o imaginário social.

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245 - BlocoG4 - 8ºAndar
Bairro: Santo Amaro **CEP:** 50.050-480
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4375 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** pesquisa_prac@unicap.br

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A autora descreve bem os riscos e benefícios da pesquisa para os participantes, demonstrando que os riscos serão minimizados e que a própria coleta de dados poderá trazer benefícios para o participante.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem relevância social e pode contribuir para a clínica psicológica com famílias

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos estão constante no processo e estão apresentados de forma adequada.

Recomendações:

Não há recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considero que o projeto não agride nenhum princípio ético e não há nenhum obstáculo à sua aprovação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP acompanha o parecer da Relatora.

RECIFE, 30 de Novembro de 2012



Assinador por:
EDILENE FREIRE DE QUEIROZ
(Coordenador)

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245 - Bloco G4 - 8º Andar

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4375

Fax: (81)2119-4004

E-mail: pesquisa_prac@unicap.br

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

	<p>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO</p> <p>PRÓ-REITORIA ACADÊMICA</p> <p>PROGRAMA DE POSGRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA</p>
---	---

PREZADO(A) PARTICIPANTE:

1. Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “ SABER SOBRE SUA ORIGEM: O QUE MUDA NA VIDA DO FILHO ADOTIVO? Nesta pesquisa entende-se o conhecimento da história pregressa como elemento favorável à organização da identidade do filho adotivo, bem como um importante item para o desenvolvimento de sentimentos de valorização e confiança desses filhos para com seus pais adotivos.
2. A seleção ocorreu através do método intencional e a sua participação não é obrigatória.
3. Você poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.
5. Os objetivos deste estudo são: entender como se deu o conhecimento da condição de adotivo (a); analisar a importância desse conhecimento na organização da identidade do(a) filho(a) adotivo(a); compreender como você passou a se perceber bem como a seus pais adotivos, após ele e a se posicionar frente a mitos, medos, crenças e preconceitos que permeiam esse tema.
6. Sua participação consistirá em responder a uma entrevista sobre as referidas questões.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação nessa pesquisa dizem respeito ao fato de que você poderá perceber de maneira mais adequada a influência do conhecimento de sua história pregressa em sua vida e de sua família. Os resultados também poderão propiciar a melhor compreensão acerca dessa temática, beneficiando você, sua família e os profissionais que lidam com esse tema.

8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

9. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Os dados ficarão guardados com a pesquisadora, em local seguro. Todos os informes que possam identificá-lo serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.

10. Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome: CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

Assinatura

Endereço completo: RUA ALMEIDA CUNHA, 245, SANTO AMARO,
BLOCO G4

21194172 (Curso de Psicologia)

Telefone

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA

ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 2013.

Participante da pesquisa

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Como é pra você ser filho adotivo?
- 2) Como se deu o conhecimento de sua condição de adotivo?
- 3) Antes desse momento você sentia algo diferente ou desconfiava de sua origem?
- 4) O que mudou após o conhecimento de sua história ?
- 5) Como você passou a se perceber após esse fato?
- 6) O seu relacionamento com os seus pais adotivos sofreu alguma alteração após você ter tomado conhecimento de sua origem? Se sim, quais?
- 7) Como você passou a ver seus pais adotivos depois disso?
- 8) Você já sofreu ou sofre algum tipo de preconceito pela sua condição de adotivo?
- 9) Como você se posiciona frente a mitos, medos, crenças e preconceitos que permeiam o imaginário da sociedade?
- 10) Que conselho daria aos pais que optam por não contar sobre a condição de adotivo de seus filhos?
- 11) Você adotaria, ou sente desejo de adotar uma criança? Se sim, você revelaria a ela sua condição de adotiva?
- 12) Gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre sua experiência?

Dados sociodemográficos:

Nome ou iniciais:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Profissão:

Reside com:

Irmãos biológicos, irmãos adotivos (quantidade, sexo, idade):

Com que idade você foi adotado(a):

Com que idade ficou sabendo que é adotivo(a):

Quem revelou:

Em que circunstância:

APÊNDICE 2

Descrição sucinta de cada participante

Jane: tem 19 anos, possui o ensino médio completo e não trabalha. É solteira e reside com os pais adotivos, a irmã, que também é filha adotiva, e com a secretária do lar. Também possui dois irmãos que são filhos biológicos de sua mãe adotiva, com 28 e 31 anos, respectivamente. Eles moram no mesmo prédio, mas não no mesmo apartamento. Seu pai adotivo não possui filhos biológicos, sendo o segundo marido de sua mãe adotiva. Jeane foi adotada recém-nascida e soube de sua condição de adotiva e de algumas informações sobre a sua história pregressa com nove anos de idade. Isso se deu em um dado momento, após ter ido com seus pais ao hospital para buscar sua irmã que acabara de ser adotada. Ao chegarem em casa, sentaram, conversaram e eles lhes contaram sobre sua origem. Jane fora jogada no lixo recém-nascida e quem a encontrou foi uma amiga de sua mãe adotiva, que contou pra ela e esta, por sua vez, foi buscá-la e ficou com ela. Jane foi registrada no nome dos pais adotivos, tendo sido criada uma data de nascimento por não ter nenhum documento que informasse a data exata, e não tem nenhuma outra informação sobre sua historia anterior à adoção. Embora tenha uma enorme vontade de conhecer seus pais biológicos, ela também não tem nenhuma informação sobre os mesmos.

Samuel: tem 43 anos, possui ensino médio completo, não trabalha e atualmente está fazendo curso técnico de enfermagem. É solteiro e reside com uma irmã adotiva. Também tem um irmão adotivo, mas este não mora com ele. Foi recolhido por uma outra irmã adotiva que, na época, estava com seus dezoito anos. Pouco depois de ter sido adotado, essa irmã foi morar em São Paulo e após algum tempo acabou falecendo, quando estava noiva, em uma tragédia que ocorreu em um metrô. Sua mãe adotiva também já é falecida há, aproximadamente, oito anos. Teve sua condição de adotivo revelada aos nove anos de idade, após ter ouvido uma conversa entre sua mãe, uma das irmãs e uma amiga da irmã, que falavam sobre partos. Nessa ocasião sua mãe falara ter tido três filhos de partos normais. Então ele, que já desconfiava de sua condição pela cor da pele (ele era moreno claro e sua família de cor branca), começou a se questionar por ser o quarto filho. Após alguns dias dessa conversa que ouviu, quando sua mãe viajou ele foi perguntar à irmã sobre sua condição, ao que esta lhe confirmou. Quando sua mãe adotiva retornou da viagem, conversou com ele e lhe contou sobre a sua história

pregressa. Até então o assunto nunca tinha sido falado, pois sua mãe havia proibido seus irmãos de tocarem no assunto com ele. Samuel, além de desconfiar de sua condição pela cor da pele, já apresentava alguns comportamentos diferentes, como o isolamento, o medo diante de perdas, agressividade, temperamento forte, reagindo às situações com ignorância e defesas. Antes de ser adotado por esta família, Samuel passou por três famílias diferentes que o rejeitaram. A revelação da condição de adotivo gerou um mal estar com o irmão que, desde então, não falou mais com ele. Samuel acredita que por ser adotivo acabou por receber da família atenção ao extremo, tendo toda assistência material e afetiva para si, ao passo que seu irmão, enquanto filho biológico, se sentiu rejeitado. Supõe que sua mãe biológica o entregou para adoção por não ter condições financeiras, mas não conhece os pais biológicos, nem sente desejo em conhecer.

Beatriz: tem 18 anos, possui o ensino médio completo e trabalha como comerciante, ajudando os pais em um restaurante da família. É solteira e reside com os pais adotivos, dois irmãos (filhos biológicos do casal) e duas irmãs também adotivas. Supõe ter irmãos biológicos, mas não tem certeza, nem os conhece. Foi adotada recém-nascida, e teve acesso à sua condição de adotiva e sua história pregressa a partir dos cinco anos de idade. A adoção de Beatriz se deu pelo fato de sua mãe adotiva desejar ter uma filha mulher. Sua história e condição de adotiva sempre foi tratada de forma muito natural e tranquila, tendo seus pais adotivos se posicionado de maneira muito aberta. A mãe adotiva de Beatriz a pegou logo que nasceu, ainda melada de sangue, e já foi registrada no nome dos pais adotivos. O motivo conhecido da entrega para adoção foi a falta de condições financeiras por parte de sua mãe biológica. Beatriz sente muita vontade de conhecer seus pais biológicos, embora acredite ser mais difícil conhecer o seu pai, pois, de acordo com as informações que tem, ele é caminhoneiro e não se sabe onde mora. Ela também sente muita vontade de ajudar financeiramente sua família biológica, pois passa muitas necessidades.

Ana Viviane: tem 47 anos, possui o curso superior completo em Serviço Social e atualmente trabalha como assistente social. Reside com o esposo e uma filha na cidade de Recife-PE. Também tem um filho, mas este mora sozinho. Foi adotada ainda bebê e só ficou sabendo de sua condição de adotiva e história pregressa durante sua adolescência, com quatorze anos de idade, durante uma discussão com a mãe adotiva. Esta sempre lhe ameaçava contar “uma verdade” e diante disso Ana Viviane já

desconfiava por sentir algo estranho nas entrelinhas das falas da mãe. Ana Viviane não tem muitas informações sobre sua história de origem, sabe apenas que ao chegar na casa de sua mãe adotiva se encontrava muito doente. De acordo com ela, a mãe adotiva criou uma história e lhe passou como sendo a verdade, afirmando que era filha de uma empregada doméstica negra com o dono da casa, que era um alemão, no intuito de poder também justificar a cor de sua pele. O pai adotivo de Ana Viviane faleceu quando ela estava com seus quatro anos de idade. Várias são as histórias que existem como hipótese de ser a sua real história de origem: desconfia inclusive de ter sido fruto de uma traição de seu pai, que supõe não ser pai adotivo, mas de fato o pai biológico. A mãe adotiva de Ana Viviane também já faleceu e, mesmo após a sua morte, ela ainda foi à busca da sua origem, no entanto, nem os seus irmãos, nem o restante da família se dispõem a falar no assunto, tratando sua história como um “segredo de estado”. Ana Viviane optou por uma busca incessante de sua origem, mas foram todas tentativas frustradas. Atualmente ela ainda deseja conhecer sua história, mas não mais com tanta intensidade. Ana Viviane, através de sua mãe adotiva, também obteve a informação de que tem irmãos biológicos. Antes de morrer sua mãe quis lhe contar todas as informações a respeito de sua história, mas ela não quis saber. Ana Viviane é registrada no nome dos pais adotivos, embora sua mãe adotiva tenha, por muito tempo, renegado o fato de seu pai, supostamente adotivo, ter lhe registrado e lhe “dado um nome”.

Ítalo: tem 49 anos, cursou até a 5^o série do ensino fundamental e atualmente é comerciante. Reside com a esposa e a mãe adotiva na cidade de São Caetano- PE. Tem dois filhos biológicos, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, mas estes não moram consigo. Ítalo tem seis irmãos biológicos e uma irmã adotiva, filha biológica de sua mãe adotiva. Atualmente tem mais contato com a irmã adotiva que mora em Caruaru do que com os irmãos biológicos, pois um mora em Recife e os outros em São Paulo. Sua mãe biológica morava na zona rural da cidade de São Joaquim do Monte e o entregou para adoção por falta de condições financeiras. Além de tudo, era separada do pai de Ítalo desde cedo, tinha dois filhos que já trabalhavam vendendo côco na rua e outros em serviço braçal para ajudar no sustento dos irmãos mais novos. A mãe biológica de Ítalo veio a conhecer a família adotiva dele através de uma amiga que era vizinha da família, então se conheceram e souberam que ela queria dar seu filho, daí comentaram com a amiga vizinha e ela fez a articulação, foram lá e o levaram nessa época, com dois meses de idade. Seu pai biológico faleceu quando ele tinha de oito para

dez anos de idade. Ítalo morava na zona rural de Bonito e teve a sua condição de adotivo e história pregressa revelada por seus pais adotivos em um momento em que precisou levar o registro para uma escola do município para poder se matricular, quando tinha treze anos de idade. Ele foi registrado no nome dos pais biológicos e sempre os conheceu, só que não na condição de filho. Seus pais, principalmente sua mãe e irmãos sempre iam lhe visitar, mas esta fora apresentada a ele desde cedo como madrinha. Antes da revelação, Ítalo já desconfiava de sua condição pela cor de pele, pois é branca, enquanto que sua mãe tem a pele morena. Além da desconfiança, Ítalo se sentia constrangido e se questionava muito. Após a revelação, sua irmã adotiva sempre lhe incentivara a ir à procura de seus irmãos biológicos em São Paulo, mas com interesse financeiro, em fazer com que Ítalo fosse embora para poder ficar com toda a herança. Ele, por sua vez, nunca teve interesse em abandonar os pais adotivos e sempre manteve contato com sua família biológica, mostrando uma boa aceitação de sua condição de adotivo.

Suzana: tem 62 anos, possui segundo grau completo (magistério). Atualmente trabalha informalmente com culinária (tortas). Reside com o esposo, a filha caçula e uma neta. Tem outro filho que é casado e mora em sua própria casa. Possui um irmão adotivo, sete irmãos biológicos da primeira família, por parte do pai biológico, e mais dois irmãos biológicos da segunda família de seu pai com sua mãe, da qual ela é fruto, totalizando, assim, nove irmãos biológicos. Suzana é fruto de uma adoção intrafamiliar, tendo sido adotada por uma de suas tias, irmã de seu pai biológico, a qual já havia sido desenganada pelos médicos de que não podia gerar filhos. De acordo com a vontade de seu avô, que não queria que os netos fossem criados fora do contexto da família biológica, ela foi adotada por essa tia, que posteriormente, veio a ter seu filho biológico quando Suzana já estava com sete anos de idade. Suzana foi adotada com um ano e meio de idade e só ficou sabendo de sua condição de adotiva e história pregressa durante a passagem de sua adolescência para a vida adulta, aos dezenove anos de idade. Isso ocorreu no momento de uma discussão com a sua mãe adotiva, em que esta, gritou imperativamente que não era sua mãe. Suzana já sentia algo estranho e desconfiava de sua condição de adotiva antes desse momento, pois sua mãe lhe negava o acesso ao seu registro de nascimento. Outro aspecto também favoreceu as desconfianças de sua condição: os questionamentos das pessoas quanto à diferença de cor da pele dela e de seu irmão, Suzana sendo moreninha, enquanto seu irmão adotivo é loirinho. A

aproximação com a mãe biológica se deu a partir de uma iniciativa da própria mãe, quando esta soube que Suzana, aos 24 anos, estava noiva, prestes a se casar. A participante, mesmo após ter tomado conhecimento de sua condição, nunca apresentou interesse em conhecê-la. Suzana não chegou a conhecer seu pai biológico, pois ele faleceu quando esta ainda era muito nova. Conhece os outros membros da família, inclusive seus irmãos mais próximos, que eram tidos como primos. Sua mãe biológica disse que precisava trabalhar e seguir a vida, justificando ser essa a impossibilidade para criar seus filhos. Suzana e seu irmão do meio foram criados juntos, tendo sido adotados pela mesma tia, enquanto que seu irmão biológico caçula foi adotado por uma outra tia.

Júlia: tem 35 anos, possui ensino médio completo e é técnica em contabilidade. Atualmente trabalha como professora de educação infantil. Tem quatro filhos biológicos, reside com três deles e seu atual companheiro, na cidade de Caruaru-PE. Tem cinco irmãos biológicos, quatro do sexo feminino e um do sexo masculino, sendo três por parte de pai e mãe, um por parte só de mãe e outro por parte só de pai. Não tem irmãos adotivos. Júlia conhece todos os irmãos e dentre eles é a segunda de pai e mãe. Ela foi adotada por uma senhora que acabara de perder a filha biológica, e foi morar vizinha aos seus pais biológicos. A mãe de Júlia era uma mulher que, desde o primeiro filho, já dizia que não o queria, e com ela não foi diferente. Então desde que Júlia estava em sua barriga ela já a rejeitava. Sua mãe adotiva, ao ouvi-la falar, disse que se fosse menina ficaria com ela. A mãe adotiva de Júlia já era uma idosa: quando ela tinha oito anos de idade, sua mãe adotiva já tinha mais de setenta. Uma cena havia ficado na memória de Júlia, e ela não sabia distinguir se era de fato uma cena que havia ocorrido ou se era imaginação. Tratava-se dela muito pequena, vestida apenas com uma calcinha bunda rica, à noite, esperando uma pessoa abrir a porta. Júlia chorava muito e se angustiava por não saber se isso havia mesmo acontecido, o que só veio a ser confirmado quando sua mãe adotiva lhe falou sobre sua condição quando esta tinha seus doze anos de idade. Ao pegá-la, sua mãe adotiva a levou para morar no sertão, onde viveu quatorze anos de sua vida. Lá viviam em uma casinha feita de taipa, sem infraestrutura nenhuma, pois sua mãe adotiva era uma pessoa que vivia da agricultura e tinha pouquíssimas condições financeiras. A revelação de sua condição de adotiva e história pregressa se deu a partir de um dia em que Júlia escutou uma conversa da mãe adotiva com uma vizinha, foi a partir de então que conversaram e ela confirmou que a cena que tinha em sua mente havia acontecido. Essa cena retrata o dia em que de fato

aconteceu a adoção de Júlia, pois antes disso a sua mãe biológica apenas a levava na casa da mãe adotiva e depois ia buscar. Essa rotina se sucedeu por um bom tempo até o dia em que a cena aconteceu e a adoção se efetivou. A mãe adotiva de Júlia, por já ser uma idosa, sempre lhe falara que quando sentisse que estava perto de morrer a levaria de volta para a casa dos pais biológicos. Assim, quando Júlia estava com quatorze anos de idade sua mãe adotiva adoeceu e a levou de volta para morar com a mãe biológica, que já se encontrava separada de seu pai e recasada. Quando voltaram, Júlia e sua mãe adotiva passaram uma semana na casa de seu pai biológico antes de voltar efetivamente para a casa da mãe biológica. Júlia sempre teve uma boa relação com o seu pai, mesmo enquanto estava sobre os cuidados da mãe adotiva; ele, que trabalhava viajando, vez ou outra ia visitá-la no sertão e também acabava por levar um de seus irmãos biológicos, estando, na medida do possível, presente em sua vida. Já a relação com sua mãe biológica sempre foi marcada pela rejeição e muitos conflitos.

João Marcos: tem 46 anos, possui ensino médio completo e trabalha como recepcionista de hotel. É separado, tem dois filhos biológicos e mora sozinho. Foi adotado recém-nascido, sendo primeiramente adotado por uma família, depois por outra, com quem cresceu e construiu vínculos afetivos. Sua mãe biológica o entregou para adoção porque passava muitas necessidades e vivia em condições precárias. João Marcos desconfiava de sua condição, pois recorda de uma cena onde era muito pequeno e ficou com medo quando uma mulher junto a umas crianças foi à sua casa para levá-lo. Tratava-se de sua mãe (e irmãos biológicos) que se arrependera e queria levá-lo de volta, mas João Marcos só teve a certeza de sua condição de fato quando esta foi explicitada por sua mãe adotiva quando ele tinha treze anos de idade. Além da recordação dessa cena, quando era muito pequeno, havia comentários e zombarias por parte das pessoas da comunidade, no entanto João Marcos se recusara a acreditar. Ele cresceu com sua família adotiva em uma comunidade da zona rural. Sua mãe trabalhava no roçado e seu pai em uma fábrica de cerâmica, e quando o adotaram já tinham sete filhos biológicos. A revelação de sua condição de adotivo e história pregressa aconteceu quando João Marcos estava trabalhando com sua mãe no roçado próximo à sua casa, e ela, emocionada e chorando muito, lhe contou tudo que sabia. Ele conhece sua mãe e seus quatro irmãos biológicos, embora só tenha vindo a ter contato com sua família biológica depois de mais de trinta anos. Possui boa relação com todos eles. O pai biológico nunca conheceu. Quando João Marcos foi pego para adoção não tinha

nenhuma documentação. Precisou ser batizado e seu pai entrou com um processo para tirar o seu registro, avaliaram a idade que ele deveria ter e criaram uma data de nascimento. Mesmo após a adoção, ao atingir a maioridade, João Marcos precisou tirar um novo registro, dessa vez com o sobrenome da família adotiva, que, por conselhos de um juiz, não havia sido colocado no primeiro registro de nascimento.